

Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa
Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas



A renovação do discurso cultural
sob o impacto das Indústrias Criativas - *Caso da Bienal de Cerveira*

2012/2013

Mariana Oliveira Vieira

Orientadora: Prof.^a Doutora Laura Castro

Novembro de 2013

DEDICATÓRIA

À minha Avó.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Dr.^a Laura Castro, pelo seu apoio, compreensão e motivação, sem os quais não seria possível ter concretizado os meus objectivos para 2013.

Às pessoas envolvidas na Fundação Bienal de Cerveira, o apoio incansável, disponibilidade e simpatia em contribuir para uma recolha de informação considerável. Aos entrevistados no âmbito da auscultação sobre a Bienal de Cerveira pelo seu contributo e disponibilidade.

À minha família pelo apoio e paciência. Aos meus grandes amigos pelo apoio incansável e incalculável a qualquer hora e momento.

RESUMO

A presente investigação foca-se nos conceitos de *cidade criativa* e *creative milieu* de Landry, bem como o conceito de *business cluster* de Porter para reflectir criticamente no modo como as Indústrias Criativas podem suscitar um impacto no discurso cultural do contexto onde se instauram e florescem. O estudo centra-se no contexto fenomenológico de Vila Nova de Cerveira, que acolhe a Bienal sua homónima, para explorar como a emergência deste conjunto de actividades se repercutiu em termos de valores e dimensões do discurso cultural da Vila, bem como analisar a materialização destas alterações. Finalmente, esta dissertação procurou compreender a Bienal de Cerveira enquanto evento cultural sob a óptica da cidade criativa assente em valores culturais, patrimoniais e criativos.

Deste modo, foram realizadas onze entrevistas a intervenientes da Bienal de Cerveira, bem como outros agentes associados a este evento ou a projectos inseridos na Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal. A análise dos resultados permitiu constatar a importância do evento na Vila, bem como o seu consequente desenvolvimento económico, acompanhado da diversidade cultural que esta oferece, que conferiu ao Município o cognome de *Vila das Artes*. Do mesmo modo, os dados evidenciaram as alterações do discurso cultural da Vila, materializadas na transição do contributo da Incubadora que, afastando-se de uma óptica de reivindicação promovida pelos artistas aquando da origem da Bienal, incorpora na sua natureza actual a promoção do empreendedorismo criativo no Município. Os resultados foram, finalmente, discutidos e enquadrados na teoria subjacente.

Palavras-chave: Cidade Criativa; Indústrias Criativas; *Milieu* Criativo

ABSTRACT

This investigation focuses on the Landry's concepts of *creative city* and *creative millieu*, as well as Porter's *business cluster* to critically reflect upon the impact of the Creative Industries on the cultural discourse of the context in which they settle and floresce. This study is focused on the phenomenological context of Vila Nova de Cerveira, which hosts the Cerveira Biennial, in order to explore the way the presence of this set of activities rippled across the values and dimensions underlying the Vila's cultural discourse, as well as to analyse the way these changes are embodied. Finally, this work aimed to understand the Cerveira Biennial as a cultural event, under the prism of the creative city set in cultural, patrimonial and creative values.

Thus, eleven interviews were conducted with intervenients at the Biennial, as well as other elements associated with either this event or projects within the Biennial's Creative Industries Incubator. The analysis of the results allowed to state the importance of this event to the Vila, along with its economic development that ensued, accompanied by the cultural diversity the town offers, having granted it the nickname *Town of the Arts*. Similarly, the data surfaced the changes in the Vila's cultural discourse, embodied in the transition of the Incubator's contribute, having distanced itself from the perspective of vindication promoted by its artists when the Biennial appeared, towards currently promoting creative entrepreneurship in the town. These results were, finally, discussed and framed within the underlying theoretical body.

Key words: Creative City, Creative Industries, Creative *Milieu*

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS	3
LISTA DE TABELAS	4
Siglas utilizadas	5
1 INTRODUÇÃO	6
2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	9
2.1 Noções e Conceitos estruturantes	11
2.1.1 Criatividade.....	11
2.1.2 Cultura	12
2.1.3 Indústrias Criativas.....	13
2.2 A cidade do presente e as práticas da cultura e da criatividade.....	14
2.2.1 Potencial da criatividade nas cidades	14
2.2.2 Práticas Culturais	19
2.2.3 Regeneração e Revitalização de uma cidade	22
3 METODOLOGIA	26
3.1 Participantes.....	27
3.2 Instrumentos	28
3.3 Análise da informação.....	28
4 ESTUDO DE CASO – A BIENAL DE CERVEIRA	30
4.1 Caracterização da Bienal de Cerveira	30
4.1.1 Aspectos históricos.....	30
4.1.2 Novos instrumentos da Bienal de Cerveira	38
4.1.3 Consequências culturais da Bienal em Vila Nova de Cerveira	44
4.1.4 Aspectos da Bienal de Cerveira na actualidade	47
4.2 Resultados da Investigação.....	49
4.2.1 Auscultação de agentes e figuras associadas à Bienal de Cerveira.....	49
4.3 Discussão dos dados obtidos	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA	64
APÊNDICE A – Estrutura das entrevistas	71
APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas	74
ANEXO A: Lista das Bienais de Cerveira.....	90
ANEXO B: Espaços ocupados pela Bienal de Cerveira	96
ANEXO C: Acta da primeira reunião sobre a IICBC	100
ANEXO D: Material de divulgação da I Bienal de Cerveira.....	101
ANEXO E: Material fotográfico Bienais de Cerveira	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aspecto da I Bienal de Cerveira 1978	31
Figura 2 - Teatro no Largo da Praça I Bienal de Cerveira 1978	32
Figura 3 - Intervenção do japonês Riuko I Bienal 1978	33
Figura 4 - Assistência II Bienal 1980	34
Figura 5 - III Bienal 1982.....	35
Figura 6 - Visita à Bienal VII Bienal 1992	36
Figura 7 - XVII Bienal de Cerveira 2013 - Exposição "Do barroco para o barroco está a arte contemporânea". Casa da Parra, Santiago de Compostela.....	37
Figura 8 - Objectivos Fundação Bienal de Cerveira.....	39
Figura 9 - Cronologia de acontecimentos	42
Figura 10 - Clara Meneres “Granito-Ritmo” I Bienal Internacional de Arte 1978 Doação da Artista.....	45
Figura 11 - José Rodrigues “Esforço” 1983.....	46
Figura 12- Zadok Ben-David “Antártica” 1996	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Objectivos gerais e específicos da investigação	8
Tabela 2 - Análise de conteúdos.....	29

Siglas utilizadas

ADDICT – Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas da Região Norte

AGADIC – Axencia Galega das Industrias Culturais

BC – Bienal de Cerveira

CACE – Centro de Apoio à Criação de Empresas

CIM – Comunidade Intermunicipal do Minho-Lima

DCMS – Department of Culture Media and Sport

ETAP – Escola Tecnológica, Artística e Profissional de Caminha

IC – Indústrias Criativas

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

IICBC – Incubadora de Indústrias Criativas Bienal de Cerveira

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no âmbito do Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas e faz uma abordagem à renovação do discurso cultural sob o impacto das Indústrias Criativas (IC), tendo como estudo de caso a Bienal de Cerveira, acontecimento cultural, centrado nas artes plásticas, visuais e digitais que se realiza na localidade de Vila Nova de Cerveira desde o ano de 1978.

Este trabalho resulta do particular interesse e fascínio pela região do Minho, as suas tradições, cultura, paisagens e identidade. Em particular, Vila Nova de Cerveira tem vindo a tornar-se ponto de referência nos eventos de Arte em Portugal, sendo que é a Bienal de Arte mais antiga de Portugal, e actualmente com a aposta nas Indústrias Criativas. A abordagem de um estudo de caso surgiu inicialmente como sendo uma boa forma de análise do tema desta dissertação. Eventos criativos e culturais na região Norte surgiram como bons exemplos, mas efectivamente a Bienal de Cerveira é um dos acontecimentos que melhor traduz o impacto das Indústrias Criativas no discurso cultural, ligada a um evento cultural que existe e persiste, e soube acompanhar a evolução apostando na criação de um pólo de Indústrias Criativas em Vila Nova de Cerveira.

Face a um tema tão amplo como o da renovação do discurso cultural sob o impacto das Indústrias Criativas, o estudo de caso cinge-se à Bienal de Cerveira, uma vez que é um evento bastante conceituado, com uma história e uma evolução invejáveis. Com o surgimento da Fundação é de notar a visão de um lugar criativo em Vila Nova de Cerveira. A Vila foi sempre titular de um clima artístico bastante marcado e tem vindo a deter uma crescente visibilidade dentro e fora de Portugal. Houve sempre a preocupação em aproveitar o prestígio da Bienal de Cerveira para a organização se associar à vanguarda das novas apostas culturais e criativas, como acontece presentemente com a área das Indústrias Criativas e a criação da Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira. Com esta aposta, vinda de uma organização como a da Bienal de Cerveira, apercebe-se um olhar atento aos novos discursos políticos, económicos e culturais. Os estudos sobre este evento são insipientes para analisar o caso, daí também a utilidade desta dissertação para o âmbito da Bienal de Cerveira.

Pretende-se analisar a evolução da Bienal de Cerveira, e a sua conseqüente aposta nas Indústrias Criativas, pela voz do tecido institucional de Vila Nova de Cerveira, não tendo sido procurada uma análise pautada pela opinião da população. De forma a reconhecer a renovação do discurso cultural sob o impacto das Indústrias Criativas, foram entrevistadas

personalidades directa ou indirectamente ligadas à Bienal de Cerveira, desde artistas a elementos da organização, isto para que sejam claras as intenções da Bienal junto ao público. Através de cada entrevista é reconhecido um discurso distinto, consoante os eixos orientadores de cada um dos entrevistados, as suas noções de cultura, as suas perspectivas relativamente ao tema.

De forma a responder à questão de investigação subjacente a esta dissertação, sendo ela saber qual o impacto das Indústrias Criativas na renovação do discurso cultural, percebendo assim que valores e dimensões se alteraram no discurso cultural nas últimas décadas, os objectivos definidos para este trabalho foram os seguintes: compreender a importância dos eventos culturais e criativos numa cidade, determinar como através das actividades culturais e criativas se pode potenciar o valor patrimonial de uma cidade, e averiguar a evolução de um conceito de cidade cultural para cidade criativa marcada pelas Indústrias Criativas.

Como estudo de caso, será analisada a Bienal de Cerveira, que constitui um exemplo elucidativo do tema proposto a desenvolver. Para abordar a temática renovação do discurso cultural entre o início dos anos 80 e a actualidade interessou conhecer o acolhimento da Vila aquando do surgimento do evento, descobrir a herança do mesmo ao longo dos tempos, e perceber também a(s) chave(s) de sucesso da Bienal de Cerveira, e reconhecer o papel dos artistas na sua organização; o estudo pretendeu entender o valor patrimonial da pequena Vila; entender a aposta dos jovens na geração de riqueza através da criatividade e propriedade intelectual, diferenciar um campo cultural de tipo tradicional com um campo cultural marcado pelas IC, encontrar as justificações para a aposta nas Indústrias Criativas em Cerveira, e ainda verificar o impacto das IC em Cerveira.

O quadro seguinte sintetiza estes objectivos:

Objectivos gerais da investigação	Objectivos específicos da investigação
Compreender a importância da Bienal em Cerveira	Conhecer a recepção da Vila à Bienal de Cerveira
	Descobrir a herança da Bienal de Cerveira ao longo dos tempos
	Perceber a(s) chave(s) de sucesso da Bienal de Cerveira
	Compreender o papel dos artistas na organização
Determinar como através das actividades culturais e criativas se pode potenciar o valor patrimonial de uma cidade	Descrever as oportunidades de um ambiente rural
	Descrever as ameaças de um ambiente rural
Averiguar a evolução de um conceito de cidade cultural para cidade criativa marcada pelas Indústrias Criativas	Entender a aposta dos jovens na geração de riqueza através da criatividade e propriedade intelectual
	Distinguir um campo cultural de tipo tradicional dum campo cultural marcado pelas Indústrias Criativas
	Encontrar as justificações para a aposta nas Indústrias Criativas em Cerveira
	Verificar o impacto das Indústrias Criativas em Cerveira

Tabela 1 - Objectivos gerais e específicos da investigação

Relativamente à estrutura desta dissertação, a mesma divide-se em cinco partes:

- Introdução, onde é apresentada a temática a desenvolver, a questão de investigação e os objectivos;
- Enquadramento teórico e conceptual (correspondente ao capítulo 2). Aqui são introduzidos os conceitos relevantes associados ao tema da dissertação, bem como o desenvolvimento de temáticas pertinentes para uma boa contextualização do tema.
- Metodologia (correspondente ao capítulo 3). Descreve-se também a metodologia de investigação utilizada num sub-capítulo relativo ao trabalho de campo desenvolvido,
- Estudo de caso (correspondente ao capítulo 4). Nesta secção é feita uma caracterização da Bienal de Cerveira, desde a sua evolução histórica à sua importância na contemporaneidade, bem como a análise dos resultados obtidos através das entrevistas, e a discussão dos mesmos.
- O último capítulo deste documento é reservado às considerações finais do estudo.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

A presente dissertação visa estudar a mudança no discurso cultural, as transformações que o conceito de cidade cultural e criativa sofreu nas últimas décadas, com o contributo das Indústrias Criativas. Neste capítulo serão introduzidos os conceitos e as problemáticas associadas à temática desta dissertação.

De facto, o fenómeno continuado que se pode observar em Vila Nova de Cerveira é corroborado por Landry (2000, pp.9-11), autor cujos contributos na área da reflexão sobre a cidade criativa são inequívocos e incontornáveis, e serão necessariamente elaborados numa secção dedicada a estes temas, que postula que a actividade cultural — “a cultura ajuda a promover o desenvolvimento do capital social e da capacidade organizacional para responder à mudança. A cultura pode também reforçar a coesão social, aumentar a confiança pessoal e melhorar capacidades para a vida, melhorar o bem-estar físico e mental das pessoas, fortalecer a capacidade das pessoas para agir como cidadãos democráticos e desenvolver novos caminhos de formação e emprego. (...) Ao olhar para a cultura como um recurso imaginário, conseguimos ver como os significados incorporados na sua cultura tradicional ou actual cria a identidade e valores de um lugar.” — desempenha um papel fulcral na renovação da cidadania e na regeneração de uma cidade.

No seguimento deste raciocínio, as Indústrias Criativas emergem como contribuindo para o presente cenário com um forte potencial no processo de globalização, pela compreensão que fazem da arte, cultura e dos diversos contextos sociais. O seu aparecimento alicerça-se na criatividade e talento, factores cada vez mais relevantes no desenvolvimento económico.

Assim, a importância económica das Indústrias Criativas é crescente¹: além de ser encarado como um fenómeno económico — relacionado com políticas públicas de desenvolvimento — o surgimento das Indústrias Criativas deve também ser associado ao que se considera uma viragem cultural (Bonnell & Hunt, 1999; Gibson & Klocker, 2005) — uma transformação de valores sociais e culturais, ocorrida no final do século passado.

A importância das Indústrias Criativas é um tema que tem vindo a suscitar cada vez mais estudos de âmbito académico, porém com enfoque no seu papel no desenvolvimento da

¹ Vários autores e documentos oficiais já abordaram a importância do tema (Caves, 2000; Landry, 2005; Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico, 2005; DCMS, 2007; Santos, 2009).

economia; em contraste, a presente proposta de dissertação pretende abordar complementarmente o impacto no plano social, dirigindo um foco de cariz marcadamente exploratório no modo através do qual as cidades se transformam sob a influência das Indústrias Criativas, veiculada na emergência de novas actividades e nas adaptações dos hábitos culturais.

A Bienal de Cerveira servirá, assim, de barómetro a este impacto, porquanto se reformulou, ao longo do tempo, ao encontro de uma experiência associada às Indústrias Criativas.

A realizar-se esse trabalho de proximidade, poderia dar continuidade ao trabalho realizado por Conde (1987). Neste trabalho apresentam-se resultados de uma pesquisa sobre as primeiras quatro edições da Bienal de Cerveira (entre 1978 e 1984). Conde (1987) escreveu sobre os (des)encontros entre artistas e “público leigo” nas bienais de Vila Nova de Cerveira. No artigo a autora aponta que a Bienal de Cerveira, de facto, significou a imposição local de novos hábitos culturais e com eles, o sentimento de uma violência simbólica intolerável. E perante a exuberância e a estranheza da pintura e de escultura, a imoralidade da nudez, a absurdidade das performances, não só se assistiria a uma tensão entre os artistas² e os locais, como estes se dividem e polarizam entre si entre público mais erudito ou mais popular. Objecto de atenções políticas como o ilustram as sucessivas visitas governamentais, e encargo para um compromisso de várias instituições culturais e financiadoras, a Bienal de Cerveira tornou-se o bastião de uma nova distinção e identidade local. Pertence-lhe a insígnia de modernidade de uma terra, intenção que sempre esteve presente nas estratégias de apoio e de gestão do acontecimento por parte da autarquia.

² Uma escultora entrevistada pela autora chega mesmo a afirmar: “Só não incendiamos a casa porque não nos apeteceu”. Vd. Art. Cit., p. 55. Outros comentários que a autora transcreveu: «Uns e outros, em maior e menor grau, mas aderem todos os artistas. É que isto é a Bienal de Arte Portuguesa! É a única Bienal que existe no nosso país! Itália tem Veneza, o Brasil, S. Paulo, nós é Cerveira! Que não é por dinheiro, não. Encontro, sim. Encontro com as pessoas...novamente podemos... Porque nós estamos todos separados, porque neste país uns vivem em Lisboa, outros vivem no Porto, outros em Coimbra e não sei mais quê... talvez seja um ponto de reunião... Podemos encontrarmo-nos todos, podemos trocar experiências que nós damos uns aos outros e ... para além disto, a Bienal de Cerveira tem alguma credibilidade, não é? Tem!» (escultora) «Não, não é a mesma coisa que uma fábrica!...Com a Bienal...Sim que ... falar no nome de Cerveira, e muitos iam ver se era em Vila Real de Santo António! Hoje, graças à Bienal e aos turistas...está a ser conhecida até internacionalmente! E através do país, não haja dúvidas.» (comerciante) «Pois...evolui a vila, não é? E há a marina, a pousada...estão a fazer a marginal...Movimenta tudo!» (camponesa) «Caramba! Até em França! Até em França se ouve falar da nossa terra! E quando eu aqui chego, vejo tudo melhorado. Isto era muito atrasado, sabe?» (operário emigrante).

2.1 Noções e Conceitos estruturantes

Com o intuito de enriquecer o cenário a partir do qual se enceta uma reflexão acerca das temáticas apresentadas nos capítulos seguintes, torna-se incontornável assinalar os principais conceitos subjacentes à presente investigação.

2.1.1 *Criatividade*

May (1959, p.57) providencia a óptica da criatividade como, pura e simplesmente, "o processo de fazer nascer algo novo"; por outro lado, Guilford (1970, p.169) postula a organização da criatividade como uma série de "traços primários, tais como fluência e flexibilidade de pensamentos, originalidade, sensibilidade a problemas, redefinição e elaboração; além de traços de atitudes, de temperamento e de motivação".

Finalmente, a perspectiva de Landry (2008) apresenta um contraste vincado, ao estabelecer a criatividade como a imaginação aplicada, mediante o uso de qualidades como a inteligência, a invenção e a capacidades de aprender ao longo da vida.

Por conseguinte, a presente dissertação alicerça-se na definição apresentada acima, da autoria de Landry, que emerge como a mais adequada, ao reconhecer a criatividade através do seu processo e características, englobando na sua definição a aplicação da criatividade enquanto componente necessária para a sua caracterização. Esta concepção da criatividade vai ao encontro do reconhecimento, ao longo da investigação presente, tanto da sua presença como da sua utilização concreta — estando esta última materializada na menção da aposta por parte da Vila na criatividade, inovação e na criação do projecto da incubadora de Indústrias Criativas, e mais particularmente na Bienal de Cerveira, tanto pela sua implementação como pelo fluxo de renovação e actualização que ilustrou ao longo da sua existência com a criação de projectos e infra-estruturas que reconhecem o valor da criatividade na sua essência.

“A criatividade é uma moeda, é o equivalente ao ouro, ao aço que você encontra. É o activo invisível, que a maioria das pessoas tem de uma forma ou de outra, que obviamente tem de se tornar realidade. É um ponto muito importante, de modo mais amplo e que devemos começar em lugares.”³

³ Landry, C. (s.d.). Comunicação áudio-visual disponível online, realizada do âmbito do projecto Criaticidades: Cidades Criativas do Brasil — Seminário Internacional de Clusters Criativos. Consultado Março. 2013, em <http://www.youtube.com/watch?v=gjR7Fq00lUA>

2.1.2 *Cultura*

Na perspectiva de Adorno (1996, p.390), este lê a cultura como formação/educação no sentido amplo, tendo um simbolismo duplo: de acomodação e resignação à vida real, bem como de liberdade e independência do sujeito. “Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas, sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação, cada uma delas isolada, coloca-se em contradição com sentido, fortalece a ideologia e promove a formação regressiva. Esse duplo carácter da cultura nasce do antagonismo social não-conciliado que a cultura quer resolver mas que, como simples cultura, não dispõe desse poder. Esse desejado equilíbrio, mediante a cultura, a reflexão glorifica a separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito. (...) a adaptação é, de modo imediato, o esquema da dominação progressiva.”.

No seguimento da óptica de Adorno (1996), para Pucci (1998, p.90) cultura “ao mesmo tempo em que compreende o conjunto de criações espirituais (intelectuais, artísticas e religiosas, traz em si a exigência de formar seres humanos que, por sua vez, são consumidores/criadores da cultura. A dialética produto/processo constitui sua historicidade, pelo menos em seus primórdios. O conceito de *Bildung* revela a tensão entre as dimensões: autonomia e liberdade do sujeito e sua configuração à vida real.”

Minerbo (2009, p.30) define cultura como “o conjunto de formas simbólicas e representações por meio do qual o sujeito apreende o mundo”. Sendo assim, interpreta-a como uma série de significados que contextualizam uma pessoa como membro da sociedade. Nesse conjunto de simbolismos, incluem-se os mitos, os costumes, os valores, os ritos sociais e as crenças.

Associado à ideia de cultura, interessa explicitar o que se entende por *Discurso Cultural* no âmbito da presente dissertação:

Este conceito será, então, definido doravante na presente dissertação como um modo de interpretar a cultura, em função de um determinado conceito que a delimite, e necessariamente influencie o discurso sobre determinado assunto, gerando derradeiramente um conjunto de valores, princípios e objectivos subjacentes.

Deste modo, a presente dissertação permite observar, ao debruçar-se no modo como os entrevistados se referem a determinadas temáticas – em documentos oficiais, nos textos dos catálogos da Bienal de Cerveira, na bibliografia – uma transferência da ênfase em certas dimensões e intencionalidades subjacentes aos seus discursos, aspectos este que permitem

fazer um retrato desse discurso, mediante valores explícitos e implícitos, conceitos expressos, terminologia dominante, preocupações veiculadas, entre outros.

2.1.3 Indústrias Criativas

Um dos conceitos mais utilizados, relativamente estabilizado, comumente aceite é o do Department of Culture Media and Sport (2007), do governo britânico, que define Indústrias Criativas como “actividades que têm a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza por meio da geração e exploração de propriedade intelectual (...) As Indústrias Criativas têm por base indivíduos com capacidades criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor económico reside nas suas propriedades culturais (ou intelectuais)”.

Este conceito integra as seguintes actividades no Estudo Macroeconómico - Desenvolvimento de um Cluster das Indústrias Criativas na Região Norte (2008, p.17):

- Arquitectura;
- Artes Visuais e Antiguidades;
- Artesanato e Joalharia;
- Design;
- Design de Moda;
- Cinema, Vídeo e Audiovisual;
- Software Educacional e de Entretenimento;
- Música;
- Artes Performativas;
- Edição;
- Software e Serviços de Informática;
- Televisão e Rádio.

Para Santos (2009), pode avançar-se com uma definição de Indústrias Criativas, enquanto indústrias baseadas em indivíduos com competências criativas que em conjunto com gestores e tecnólogos criam produtos de mercado cujo valor económico se baseia fortemente nas suas propriedades intelectuais ou culturais.

Segundo o conceito utilizado no Estudo Macroeconómico - Desenvolvimento de um Cluster das Indústrias Criativas na Região Norte (2008, p.15), as Indústrias Criativas são “as actividades que têm a sua origem na criatividade individual, habilidade e talento, com potencial de criação de emprego e riqueza, através da geração e exploração da propriedade intelectual”.

Por conseguinte, esta dissertação cinge-se à definição utilizada no Estudo Macroeconómico - Desenvolvimento de um Cluster das Indústrias Criativas na Região Norte, conceito este utilizado também pela ADDICT.

2.2 A cidade do presente e as práticas da cultura e da criatividade

2.2.1 *Potencial da criatividade nas cidades*

Vive-se actualmente numa época onde o capital humano, a imaginação, a inteligência e a criatividade são parte das chaves estratégicas para o sucesso das cidades (Cançado, 2010). Deste modo, emerge uma óptica que enquadra a criatividade urbana como resultado de actividades e projectos colectivos que acontecem na cidade, correspondendo ao somatório de tudo e não apenas às grandes intervenções ou aos grandes empreendimentos (Costa; Seixas & Oliveira, 2009).

Assim, a criatividade tem sido o mote para uma abordagem nas teorias e nos modelos de gestão cultural e urbana baseados em conceitos como as Indústrias Criativas, o meio criativo (*creative milieu*) e cidade criativa (Landry, 2010), e classe criativa (Florida, 2002), propondo configurar novas fórmulas de crescimento e de consolidação económica e social.

Deste modo, o conhecimento assumiu o papel de principal fonte da produtividade económica almejada: o trabalho manual cedeu a sua posição central ao “trabalho pensar” que abarca uma nova série de aptidões, de resolução de problemas, de gestão e comunicação de informação. Consequentemente, a criatividade converteu-se no novo motor da economia. Diversos estudos, com base em casos de estudo de cidades e lugares criativos, têm demonstrado que já estão em curso profundas alterações na Europa e no Mundo em geral, onde o pensamento criativo e a inovação surgem como novos e decisivos factores de produção e, daí se falar numa Nova Era da Criatividade.⁴

Complementarmente, diversos estudos (Hall, 2001) mostram que o contributo da criatividade para o desenvolvimento e crescimento de cidades e economias, não são

⁴ Conceitos abordados por Landry (2008) e Florida (2002).

exclusivos da sociedade actual, do século XXI, mas que vêm desde as grandes sociedades da Antiguidade. Todas estas cidades (Atenas da Grécia Antiga, Florença Renascentista ou Londres Isabelina) tiveram em comum o facto de serem cidades de vanguarda e de serem pólos de atracção de talento e cultura. Por si só, as suas posições geográficas, (como portos ou capitais nacionais ou regionais), não eram garantia de serem consideradas *cidades criativas* e de vanguarda, dada a existência de outras pólis igualmente bem localizadas que alcançaram muito menos. Segundo Hall (2001), estas cidades desempenharam, no entanto, uma função de nódulos fulcrais na transição para novos modos de organização social, económica e política, concedendo-lhes, em consequência, o potencial de geração de riqueza e conferindo-lhes um estatuto de pólos de atracção de novos talentos vindos de outras culturas. Estas cosmópoles apresentam-se com mentalidades vanguardistas, receptivas a estes mesmos novos talentos, à cultura, arte e à criatividade.

Assim, em reflexão centrada nas circunstâncias necessárias à emergência da criatividade, Hall (2001, p.285) destaca uma outra, igualmente fulcral, condição para que surja uma dinâmica simbiótica sustentável entre os talentos aliciados e a cidade que os acolhe: nas palavras do mesmo autor, “provavelmente, nunca nenhuma cidade foi criativa sem uma renovação contínua da corrente sanguínea criativa”.

O papel do *creative milieu* nas cidades modernas, representa, na perspectiva de Landry (2000), um instrumento de suporte à geração e desenvolvimento de *clusters* criativos, combinando redes de edifícios e instituições com um sistema de estruturas e redes sociais, ligações e interligações humanas que fazem fluir as ideias entre os indivíduos e as instituições.

Eventos nacionais ou internacionais, ligados a diversas áreas, são muitas vezes a rampa de lançamento que as cidades necessitam para se revitalizarem e renovarem. Em determinado sentido, a criatividade e a cultura prometem poder funcionar como principais agentes catalisadores da organização do território e regeneração urbana, social e económica, geradoras de uma nova imagem e de um novo perfil global para a cidade (Cançado, 2010).

A criatividade é hoje reconhecida como uma força motriz económica e social fundamental na geração de riqueza e emprego e no desenvolvimento sustentável, incorporando as mudanças tecnológicas e promovendo a inovação empresarial e o reforço da competitividade das cidades, regiões e países (Cançado, 2010).

No início do século XXI, a criatividade ultrapassou as barreiras da investigação académica e entrou para o campo da elaboração de políticas nacionais e regionais, sobretudo

nas estratégias de desenvolvimento urbano, com o intuito de promover o crescimento e a vitalidade das cidades (Fleming *et al*, 2008).

Segundo Florida (2002), nunca a criatividade foi tão vital para a economia e desenvolvimento das nossas sociedades. Uma vez mais, a sociedade de informação e do conhecimento desenvolve-se a par e passo com a valorização da criatividade como factor chave de sucesso e competitividade. A abordagem sobre as cidades criativas desenvolvida por Florida (2002) refere a importância da aposta na criação de novas políticas relacionadas com a criatividade e a inovação urbana, passando pela atracção e fixação de talentos, apoiada numa atitude tolerante, que valorize a diversidade social e cultural.

Na óptica do mesmo autor (Florida, 2002), as cidades constituem as chaves económicas e as unidades organizativas sociais para a Era criativa, ao promover as economias de escala, consistindo em incubadoras das novas tecnologias, enquadrando o capital humano nas oportunidades e promovendo ideias para lugares e inovações onde investir: Para Mateus (2010) para o desenvolvimento das cidades, a aposta na criatividade é fundamental.

Segundo Landry e Bianchini (1995, p.11) “foram os locais que concederam às pessoas o espaço para concretizar as suas ideias, necessidades, inspirações, sonhos, projectos, conflitos, memórias, ansiedades, amores, paixões, obsessões e medos”. As cidades constituíram, ao longo do tempo, a maioria dos locais onde indivíduos e culturas se misturam e onde a sua interacção gera novas ideias e instituições.

As cidades assumem, assim, um papel vital no aproveitamento da criatividade para o desenvolvimento. Denota-se um aumento progressivo de apostas na criatividade enquanto factor de desenvolvimento de diversas cidades portuguesas, com impulso privado ou público e, no entanto, partilhando o objectivo: procurar um novo sector económico de elevado valor acrescentado, consistindo este nas Indústrias Criativas (Camilo, 2009). Estas actividades para além de gerarem emprego, criam valor e fomentam o desenvolvimento económico local, contribuindo assim para a inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano, fazendo com que as cidades se tornem mais atractivas.

Através da evidência, na obra de Simmel (1997, pp.42-43), do foco do autor na importância da metrópole, é importante enfatizar, na perspectiva do autor, a intensificação das redes de relações sociais em actividade nas grandes cidades, por contraste com as pequenas localidades e a vida rural, produzindo uma análise que se pode estabelecer numa dicotomia de optimismo/pessimismo: o mesmo autor defende o seu estilo analítico, quando refere “(...) sejamos nós adeptos ou opositores dos modos particulares sob que as metrópoles se

expressam, estas continuam acima e para além da mais acertada das nossas avaliações (...). A nossa missão não é a de condenarmos ou aceitarmos, mas tão-só a de as compreendermos”.

Postula-se, em virtude das premissas acima apresentadas, que as cidades – com toda a sua massa crítica de empreendedores, estudantes, artistas e intelectuais – são ambientes de criatividade, uma vez que, apostando em actividades culturais (ou criativas), estas aumentam a qualidade de vida, em consequência permitindo a regeneração urbana e promovendo a competitividade.

Em consonância com os argumentos previamente explanados do ponto de vista de Hall (2001), constata-se complementarmente que a criatividade foi sempre necessária como um fenómeno de dinamização e promoção das características da cidade. A noção de cidade criativa centra-se fortemente no potencial das Indústrias Criativas e na sua capacidade de atrair e fixar talento. A criatividade é, assim, favorecida por contextos com forte identidade e que constituam ambientes favoráveis à atractividade daquela que Florida (2002) designou por *classe criativa*, de indivíduos especializados que incorporem as comunidades do conhecimento.

No que diz respeito às circunstâncias da emergência do conceito *criatividade*, Landry (2000) define a *cidade criativa* como a cidade que encoraja os seus cidadãos a pensar, planear e actuar de modo criativo, utilizando a imaginação, valorizando os cidadãos que povoam a cidade não só como o seu maior recurso como também a sua força motriz. De acordo com Landry, o conceito de cidade criativa prende-se numa cidade que promove uma atmosfera criativa, mediante três vertentes: a) leis, regulamentos e outros incentivos; b) criação de oportunidades; e c) favorecimento de um clima mental e intelectual reconhecido.

A noção de cidade criativa inclui uma dimensão adicional através das políticas de “bairros culturais” pontuada pelo reconhecimento da fulcralidade de estratégias de desenvolvimento do turismo, recorrendo à promoção de projectos culturais, como festivais de artes e música, e de planos urbanísticos que enfatizem a qualidade de vida. Em muitos casos, a Arte é utilizada em conjunto com uma infra-estrutura, com o intuito de promover a imagem do lugar e a sua identidade. A ideia de bairros culturais está relacionada com à revitalização de determinadas áreas da cidade, vinculando-as a usos culturais. (Landry & Bianchini, 1995)

O conceito de cidades criativas procura, por conseguinte, adoptar a visão de *business cluster* (Porter, 1998, p.77) – que este autor caracteriza como “concentrações geográficas de empresas relacionadas, juntando fornecedores, prestadores de serviços, clientes e instituições

afins – como universidades, agências ou associações comerciais, não só competindo, mas também cooperando entre si” – tendo a criatividade como indutor da economia.

A compreensão dos *business clusters* como fundamentais nesta perspectiva alberga, necessariamente, o seu papel na promoção do sucesso da cidade no século XXI, ao potenciar a atracção de capital humano qualificado que crie e aplique conhecimento no desenvolvimento destes mesmos *business clusters* de Indústrias Criativas perante uma economia globalizada (Caves, 2000).

Indústrias Criativas e cidades criativas relacionam-se de forma simbiótica, alimentando-se mutuamente. As primeiras definem, à partida, um ambiente de abertura, estimulante, atractivo para outras actividades intensivas em conhecimento e exigentes ao nível da qualidade de vida (Landry, 2000; Florida, 2002).

A pedra basilar do conceito de cidade criativa é a concepção de cultura enquanto conjunto de valores em permanente evolução, constituindo o terreno dentro do qual a criatividade emerge e se manifesta propiciando a dinâmica para o desenvolvimento. Para que este conceito – de cidade criativa – emerja materializado, é necessário i) estimular a transformação digital – inovação, transferência tecnológica e promoção de negócios; ii) estimular a transformação física – re-conceptualizar, re-imaginar o espaço urbano; e iii) estimular a curiosidade e interesse pelo património nacional e o consequente activo envolvimento (Fleming, *et al* 2008).

O reconhecimento do pragmatismo necessário na reflexão e implementação destas políticas a nível mundial pode ser ilustrado na existência e realização da conferência *Building and Promoting Creative Cities* da UNESCO, que fomentou a emergência de algumas conclusões respeitantes à adopção destes paradigmas e às estratégias a seguir pelos governos, conclusões essas que incluem o apoio a incubadoras e *clusters* (uma vez que encoraja a massa crítica, suporte de vendas e inovação), promoção das Indústrias Criativas para o turismo, e a necessidade de uma melhor comunicação entre instituições governamentais (Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico, 2005).

Muitas cidades no mundo⁵ reconhecem os benefícios económicos e sociais de uma abordagem de cidade criativa, e começam a implementar práticas políticas e urbanísticas de promoção das Indústrias Criativas. Nesta grelha de compreensão, a conotação das actividades

⁵ O ano de 2009 foi escolhido pela União Europeia como o Ano Europeu da Criatividade e da Inovação. Com estas iniciativas pretende-se mostrar a importância da criatividade e da inovação no desenvolvimento dos territórios e gerar sensibilidade social para estas problemáticas.

culturais e criativas como instrumento principal da organização do território (ao atrair habitantes e visitantes, qualificar as suas experiências e contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida) é complementada pelo valor reconhecido na sua função de reforçar a qualidade de vida das cidades, facilitando a revitalização do espaço urbano e a modelação da identidade da cidade em termos de competição pelos talentos e investimentos. Este impacto destaca-se por se fazer sentir, não só na incitação à dinâmica intra- e inter-citadina dos cidadãos, mas também na optimização das condições a nível da própria cidade, cujas infra-estruturas beneficiam de uma recuperação e valorização e cuja identidade é energizada pela injeção de capital e de potencial cultural.

A cultura, conceito não só mencionado como também enfatizado ao longo da presente investigação, constitui uma poderosa fonte de criatividade: cada recurso e tradição cultural contribuem para a consolidação de uma identidade de um determinado lugar, bem como dos valores que a compõem. Actualmente, este tipo de distinção é vital para as cidades: os recursos culturais trazem, para além da competitividade e identidade, outro tipo de vantagens à cidade.

2.2.2 Práticas Culturais

A recente reconfiguração do espaço, ancorada na concentração territorial de comércio especializado em Indústrias culturais/criativas, apresenta uma contra-tendência especialmente interessante em cidades tradicionalmente envelhecidas. Em consonância, os estudos desenvolvidos nesta área destacam os “novos intermediários culturais” – caracterizados, na perspectiva de Bovone (1997, p.105), não como cadeias de transmissão do gosto entre classes, mas sim como “poderosos transmissores de cultura, entregues à elaboração e reelaboração de significados para o grande público”, ganhando “uma importância crescente nas camadas sociais emergentes que integram a classe média e se compõem por intelectuais, artistas, profissionais liberais e outros ligados aos processos comunicativos”, e igualmente conferindo-lhes um estatuto de “elos determinantes da cadeia criação-manipulação-transmissão de bens com elevado conteúdo de informação, cujo valor simbólico é preponderante” – nesses processos.

Esta óptica evidencia o protagonismo da cultura nas cidades da actualidade que a acolhem e valorizam: para Ferreira (2002), a cultura tem vindo a ocupar um grande papel na vida e espaço das cidades, através da oferta cultural e a mudança dos estilos de vida das pessoas que lhe está associada, transmite e aumenta, alterações na representação e

estruturação do espaço público e vida das cidades. Costa (1999) complementa o valor deste protagonismo da cultura ao enfatizar o papel das cidades como palcos onde esta actua, e que oferecem cada vez mais possibilidades para a criar, produzir e distribuir a cultura quer no seu consumo bem como na sua prática.

As fragilidades estruturais do tecido e da dinâmica das actividades culturais em Portugal⁶, mais evidentes nos meios urbanos de pequena e mesmo de média dimensão, têm vindo a ser contornadas pela instalação de lógicas de produção, difusão e, sobretudo, programação assentes na realização de eventos culturais de diversa natureza. Caracterizados por uma maior ou mais intensa oferta cultural, concentrada em espaços e tempos delimitados, esses eventos assumem duas manifestações fundamentais: a organização de festas (urbanas, populares ou mesmo académicas) multifacetadas; e de eventos culturais mais ou menos especializados, de duração limitada, em espaços circunscritos e de ocorrência regular, frequentemente designados como festivais (Lopes, 2000). A importância das festas está associada a uma expansão das formas de cultura de representação⁷; estas primeiras associam-se a estratégias de promoção das imagens das cidades e ao seu marketing turístico e cultural, a políticas de integração social e identitária, ou ainda as oportunidades de dinamização e programação cultural (Fortuna, 1998).

Esta nova dinâmica urbana – assente nas lógicas de produção, difusão e programação de eventos culturais mencionadas acima –, onde a cultura gera e revitaliza a economia, é identificada por Zukin (1989, p.58)⁸: “Um número crescente de pessoas de classe média mudou-se para determinados padrões culturais, em particular uma apreciação activa de "artes" e de preservação histórica, que anteriormente eram da classe alta”.

O reconhecimento deste processo de reversão e contravenção das fragilidades estruturais – subjacentes ao panorama cultural Português – através da implementação de novas práticas a respeito da realização de eventos de índole cultural levou a que este fenómeno passasse a ser praticado e induzido de modo intencional, com um intuito propositado de promulgar esta mesma reversão. De facto, segundo Queirós (2007, p.8), “A cultura (...) é o mote para boa parte das intervenções em contexto urbano (...) como elemento

⁶ Sobre a estrutura da oferta cultural em cidades portuguesas de pequena e média dimensão, ver Silva *et al.* 1998 e Silva, 2002

⁷ Sobre a noção de cultura de representação, ver Silva, 1994.

⁸ Neste livro, Zukin acolhe uma noção de capital cultural e do seu potencial, demonstrando a forma como as actividades artística e cultural transformaram a imagem, o ambiente e as vivências no Soho de Nova Iorque, tornando-o num local vibrante, *trendy*, extremamente popular e atractivo.

decisivo de estruturação das formas de pensar e fazer cidade, peça fundamental de estratégias de reforço da atractividade dos espaços urbanos relativamente aos fluxos nacionais e internacionais de investimento. A cultura motiva, agiliza e legitima muitas das estratégias actuais de reconfiguração física, socioeconómica e identitária do espaço urbano. Para as cidades que, perderam protagonismo económico na sequência de intensos processos de desindustrialização, as actividades culturais surgem como uma nova oportunidade de participação no jogo da competição interurbana”.

A implementação destes projectos intencionalizados com a cultura em primeiro plano materializa aquilo que Centeno (2009, p.2986) designa por “(...) uma centralidade [destas iniciativas] no plano das representações e dos discursos desses agentes, sem precedentes na curta existência das políticas culturais locais”. Este paradigma renovado permite, na perspectiva da autora, “antever a possibilidade de essas mesmas políticas estarem cada vez mais despertas para a importância que a cultura pode ter na identidade colectiva local, afirmando a sua singularidade no contexto nacional”.

No mesmo sentido, o crescente número de cidades que concorrem a um papel de destaque internacional através da organização de múltiplos e variados eventos culturais é sintomático da admissão do potencial que a implementação e retenção destes eventos e talentos podem trazer em termos de crescimento e desenvolvimento para as cidades que os acolhem. Mesmo que os elementos acima mencionados não sejam necessariamente duradouros a longo prazo (podendo inclusive assumir um carácter efémero ou limitado no tempo), a sua implementação no passado provou que estes incarnaram a oportunidade ideal para as cidades anfitriãs promoverem a sua centralidade face aos territórios nacionais e internacionais.

Pinto (1995, pp.770-778) avança com três directrizes que concretizam as condições necessárias e propícias para que as cidades em questão se demonstrem capazes de assumir o acolhimento destes eventos e projectos, numa perspectiva a longo prazo e independente destas mesmas iniciativas: “Impõe-se criar e/ou salvaguardar infra-estruturas básicas especializadas e promover estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em todos os espaços sociais e sob todas as formas em que elas podem desenvolver-se (...) da cultura ‘erudita’ até ao pólo oposto da simples afirmação espontânea de um conjunto de competências simbólico-comunicacionais, passando por modos de produção/expressão cultural com níveis intermédios de elaboração e/ou institucionalização. (...) Segundo princípio – propiciar a segmentos populacionais vastos, sobretudo das camadas populares, o contacto com as formas culturais mais exigentes em termos dos instrumentos estético-cognitivos necessários à sua

descodificação e fruição (*alargamento de públicos*), procurando, de forma tão sistemática quanto possível, que a recepção da obra se prolongue em aproximação empática ao acto criador (*participação*) e que esta última provoque a prazo uma intervenção autónoma e auto-enriquecedora ao nível da criação (democratização da esfera da *produção* cultural). (...) Terceiro princípio – procurar, através do apoio ao associativismo e da multiplicação de estímulos culturais mobilizadores de energias comunicacionais e da participação dos cidadãos, que o tempo de não-trabalho e as actividades de lazer contribuam, no seu conjunto, não só para *contrariar as tendências de evasão e demissão cívicas* (associadas, nas sociedades contemporâneas, à encenação mediática da política e à individualização/privatização das práticas sociais), como ainda para permitir a *sobrevivência e/ou afirmação das culturas dominadas (populares ou marginalizadas) e emergentes*”.

Começa-se então a definir uma verdadeira política cultural, e os princípios estratégicos propostos por Pinto (1995) serve de guia para uma operacionalização da política cultural. “Assiste-se ao emergir de uma nova constelação de valores, com traduções evidentes no campo cultural: ênfase no espectacular e no convivial, aposta na rentabilização da arte e da cultura (...), substituição do amadorismo pelo profissionalismo, a cultura como objecto de ‘gestão’, visão instrumental da cultura como factor de desenvolvimento” (Lopes, 2000, p.122).

2.2.3 Regeneração e Revitalização de uma cidade

Com vista à necessidade de instituir estas novas práticas e grelhas de compreensão do aumento da competitividade da cidade com recurso às iniciativas culturais e, em última análise, permitir-se “sobreviver numa sociedade cada vez mais exigente e globalizada” (Delle Donne, 1983), torna-se consequentemente necessário “incentivar o interesse no património, acompanhar o desenvolvimento e conseguir criar actividades e eventos criativos e ajustados à cultura do País”. Neste sentido, o centro da cidade – tão tradicional – deve acompanhar esta evolução, num correcto acompanhamento das Indústrias Criativas, por meio de um elo de ligação que lhe trará informação cultural, arte e criatividade.

Estas novas propostas emergem face a uma dicotomia de cenários problemáticos: se nos lugares vazios da cidade histórica se procuram novos programas compatíveis com os seus condicionamentos patrimoniais ou mesmo de acesso, já nas extensões recentes são outros programas, igualmente importantes, que poderão polarizar actividades e requalificar estes

lugares pré-existentes, como os espaços públicos, caso sejam bem geridos pela administração local.

No entanto, o problema da cidadania presente nas metrópoles – que reflecte uma perda do sentimento de interesse colectivo e da capacidade de união – expressa uma crise alargada ao nível nacional e reflecte a perda de contacto crescente entre as instituições territoriais existentes e as novas realidades económicas, técnicas, sociais, e locais. Assim, afigura-se necessário adaptar a cidade, concomitantemente à concretização destas novas políticas, às condições sociais e económicas da sua população. As principais dificuldades com que as instituições se deparam não são técnicas nem económicas, mas sim de natureza política e social.

Neste sentido, as políticas deveriam valorizar formas mais directas de participação construtiva dos cidadãos, incentivar a regeneração urbana, enaltecer a qualidade da vida urbana como dimensão fundamental para transformar a cidade num espaço de permanente oferta de surpreendentes experiências criativas.

A cultura deverá ser vista como um factor influenciador na transformação de uma cidade, promove a integração e leva a que a população viva as diferentes sensações de espectáculos de natureza artística ou de outro carácter cultural.

Os eventos culturais fortalecem a relação entre a população e a cidade, fazem com que haja interacção entre artistas e o público (em alguns casos, se não fosse por aquele evento em específico não estariam a ter aquela troca de experiências), a cultura serve também para educar e formar a população. Estes eventos no espaço público possibilitam o encontro fortuito da população com a cultura. A tendência visa à procura de arte, novas actividades, programações, necessidade da rua ser do povo, é o jardim comum. Os hábitos das pessoas identificam-se com determinados lugares e é difícil vivenciar coisas novas se não, por isso estes novos projectos e espectáculos oferecidos às pessoas vão convidar a uma nova vivência da cidade, a cidade movimenta-se em função disso.

A participação da comunidade nos eventos traz o calor humano à rua, chama o povo à rua, fazendo com que esta diversidade cultural (uma mistura de culturas, pessoas, crenças, credos, gostos: característica do urbano) leve à revitalização da cidade.

A UNESCO classifica de património urbano o espírito do lugar, a memória, imagem, historia, economia, o tempo, funções sociais, vivências.

A reabilitação no centro das cidades, humanização dos espaços e a criação de *workshops*, oficinas facilitam o intercâmbio de ideias, com o apoio das autarquias e formação de parcerias.

É necessário definir o que se pode fazer de melhor para o local através de uma intervenção urbana. Definindo a identidade dos territórios teremos de ter em conta:

- A inovação e competitividade (as cidades deverão ser especiais, diferentes, interessantes e bons para fazer melhor do que os outros, como são exemplos os mosteiros, praças, gastronomia, etc);

- A qualidade de vida (nas cidades a tendência de valorizar a qualidade de vida, valorizar andar a pé, largura passeios, qualidade das praças, presença das sombras, esplanadas, uso de bicicletas para gozar a cidade;

- O governo/política urbana (territórios bem planeados e bem governados);

- O mapeamento, acompanhamento do programa/planeamento de regeneração: controlo, monitorização, avaliação, e transparência nesse processo.

As cidades parecem estar a redescobrir o valor económico da cultura e começam a arriscar nestes sectores como forma de dinamização económica e de regeneração de zonas particularmente sensíveis em termos patrimoniais e arquitectónicos. As Indústrias criativas tendem a contribuir para a criação de ambientes exclusivos em contextos de cidade, garantindo-lhes uma visibilidade internacional crescente e também a re-afirmação da sua identidade própria.

A cultura assume um papel primordial na modelação da cidade e as suas especificidades, segue quase como um motor impulsionador. Assume-se como um elemento chave na preservação e promoção da memória, porém também pode ser encarada como um produto, com a potencialidade de promover a cidade atraindo o turismo.

O processo de regeneração tem a potencialidade de equilibrar o global e o local, assegurando as características locais, adaptadas no entanto às exigências globais, projectando-as como elementos de atracção e de competitividade (Boniface & Fowler, 1993).

A cultura e a arte invadem as cidades, criaram uma “imensa acumulação de espectáculos” (Harvey, 1989, p.272). As agendas políticas das cidades alteram-se: boa parte dos principais temas em discussão são agora os que, directa ou indirectamente, dizem respeito às actividades e eventos culturais.

Segundo Silva & Fortuna (2001), assistimos actualmente a uma reforma nas cidades e suas economias locais devido ao impacto criado pela iniciativas culturais para um re-desenvolvimento urbano, que se faz notar nas cidades portuguesas. O significado de cultura vê-se assim alterado, desde a sua produção ao seu consumo por parte dos portugueses. “Em redor da cultura e de algumas das suas expressões materiais nas cidades, estamos a assistir à criação de novas centralidades urbanas, com renovadas funções, associadas a novas modalidades de comunicação e ao surgimento de novos agentes culturais especializados e novos campos de acção de que está a resultar uma profunda reconfiguração física e também estética e simbólica da cena urbana portuguesa e, em particular, dos seus espaços públicos.” (Silva & Fortuna, 2001, p.419).

Na perspectiva de Gonçalves (2008), no panorama actual português, denota-se um consumo passivo da própria cultura cada vez maior, a revitalização das cidades devido a actividades criativas e culturais fez com que haja assim espaços apropriados à produção/recpeção da cultura. Segundo o mesmo autor (2008, p.11) “a cultura e as «indústrias criativas» têm sido determinantes para a (re)produção e (re)criação dos espaços urbanos; podemos mesmo afirmar que alguns locais foram reconstruídos ou até concebidos propositadamente para o turismo e para o lazer.”

3 METODOLOGIA

De forma a responder à questão de investigação, foram estabelecidas abordagens metodológicas, começando pela pesquisa bibliográfica “Teoria significa desenhar etapas de investigação de acordo com a literatura, políticas ou outro tipo de fonte com alguma relevância. (...) O bom uso da teoria ajudará a delimitar da melhor forma o desenho de uma investigação de case-study; a teoria mostra-se também essencial para generalizar os resultados que daí advenham” (Yin, 2003, p.6).

Na elaboração do presente trabalho é utilizada uma recolha das informações, dados e imagens resultantes de diferentes registos bibliográficos: desde o levantamento e leitura de publicações, estudos e trabalhos relevantes para o desenvolvimento dos temas *Cidades Criativas, Indústrias Criativas, Património Cultural e Criativo*, entre outros relevantes no desenvolvimento desta dissertação.

A escolha do método estudo de caso surge para melhor espelhar o impacto das Indústrias Criativas no discurso cultural, neste caso o evento cultural Bienal de Cerveira elucida de forma clara esse impacto. “O estudo de caso é o método de eleição quando o fenómeno sob investigação não é facilmente dissociável do seu contexto” (Yin, 2003, p.4).

A auscultação de agentes envolvidos na Bienal de Cerveira, e a sua consequente análise à luz da renovação do discurso cultural sob o impacto da Indústrias Criativas, é de teor qualitativo.

A pesquisa qualitativa é uma atividade que localiza o observador no mundo. Trata-se de um conjunto de práticas interpretativas, práticas materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Eles transformam o mundo numa série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e notas para o próprio. (Denzin & Lincoln, 2005, p. 3)

As entrevistas semi-estruturadas (Collins, 2010, p.15) deram aso a conversas de carácter exploratório, mais do que entrevistas fechadas. “O caso de estudo exploratório (...) o trabalho de campo e a recolha de dados são feitos antes da definição final das questões do estudo e das suas hipóteses. A pesquisa pode seguir caminhos intuitivos, muitas vezes percebidos por outros [tipos de metodologia de investigação] como superficial. Contudo, o objectivo pode ser descobrir teoria por observação directa de um fenómeno na sua forma mais pura” (Yin, 2003, p.6).

3.1 Participantes

Neste estudo de caso da Bienal de Cerveira foram identificadas algumas personagens fulcrais na vida da mesma, sendo elas: José Rodrigues (escultor e integrante desde o início da Bienal de Cerveira), José Carpinteira (o então Presidente da Câmara V.N. Cerveira aquando a realização da entrevista), António Torres (administrador da Fundação Bienal de Cerveira), o director artístico da Bienal Augusto Canedo, foram também identificados projectos da Incubadora. Entretanto foram-me sugeridos nomes como o pintor Henrique Silva, o artista Henrique Do Vale (artista que actualmente reside em Cerveira), Sr. Teles de Menezes e Melo (pessoa conhecedora que acompanhou o início da Bienal, estando envolvido em feiras de artesanato na altura), Sr. Diamantino Costa (funcionário da Câmara no início das Bienais e que fazia a ligação entre a Câmara e os artistas).

Estes participantes foram seleccionados na sequência de uma reunião com a Dr^a Teresa Magalhães (a então responsável pela programação e produção da Bienal de Cerveira), onde foi apresentada de forma sintetizada a Bienal de Cerveira, a sua constituição, os seus fundadores, os seus objectivos, a sua evolução bem como a sua história. Foram sugeridos nomes como Augusto Canedo, Henrique Silva, Henrique Do Vale, Silvestre Pestana, Daniel Isidoro, Sr. Teles Menezes e Melo, Diamantino Costa, entre outros. Numa Vila tão pequena não foi difícil conseguir o contacto destas pessoas e mesmo alguns comentários sobre cada uma delas.

Nesse mesmo período foram entrevistados Henrique Silva, Henrique do Vale, José Carpinteira (o então Presidente da Câmara) e o administrador da Fundação António Torres. Para além de ouvir artistas e políticos, teve-se como objectivo perceber a evolução da própria Vila enquanto cidade criativa com a existência da IICBC. Foi seguida a sugestão de pessoas que estiveram a par das Bienais, não sendo nem organizadores nem artistas, mas que estiveram sempre em contacto com as Bienais de Cerveira, ou porque era funcionário da Câmara no caso do Sr. Diamantino Costa, ou porque esteve sempre ligado à vida cultural de Cerveira como o caso do Sr. Teles. Mais tarde, e por via de correio electrónico, foi realizada a entrevista com o director artístico actual da Bienal de Cerveira, Augusto Canedo.

A cada participante atribuiu-se uma designação da seguinte forma:

- E1: António Pereira Torres;
- E2: José Carpinteira;
- E3: Escultor José Rodrigues;
- E4: Pintor Henrique Silva;

- E5: Augusto Canedo;
- E6: Sr. Teles;
- E7: Henrique Do Vale;
- E8: Diamantino Costa;
- E9: Projecto Fio Condutor;
- E10: Projecto Chá de Nuvens;
- E11: Projecto Arterístico.

3.2 Instrumentos

O instrumento de recolha de dados utilizado nesta investigação foram as entrevistas, o guião de entrevistas⁹ foi elaborado pela autora desta dissertação, com o objectivo de serem entrevistas abertas, a estrutura da entrevista é constituída por cinco questões comuns para todos os agentes e outras específicas, uma vez que cada um dos entrevistados está relacionado com a Bienal de Cerveira de formas distintas. As questões mais específicas prendem-se pelo facto de haver *backgrounds* diferentes relativamente a cada entrevistado, fizeram-se perguntas mais relacionadas com a participação da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira ao então Presidente da Câmara, colocaram-se questões mais do foro artístico aos artistas entrevistados.

As entrevistas foram realizadas no período entre Fevereiro e Outubro de 2013, e tiveram em média uma duração de 24 minutos. Tendo sido realizadas nas instalações da Fundação Bienal de Cerveira (as E1, E6 e E8), na Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira (a E2), na Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira (E9, E10 e E11), na residência dos participantes (E3, E4 e E7).

3.3 Análise da informação

Inicialmente foi feita uma auscultação e consequente transcrição das entrevistas¹⁰, em seguida a exploração do material das mesmas. Posto isto, foram identificadas as temáticas existentes no discurso dos entrevistados.

A análise dos resultados das entrevistas foi realizada utilizando o método de análise de conteúdo. Estabelecidas as categorias e subcategorias com base nos objectivos gerais e

⁹ O guião das entrevistas é apresentado no final e pode-se consultar no Apêndice A.

¹⁰ Para leitura integral das entrevistas efectuadas, consultar o apêndice B.

específicos desta investigação, o seguinte passo foi identificar a presença das mesmas nas entrevistas, e registadas numa folha de cálculo Excel.

Categorias		Entrevistas											Total
1º nível de análise	2º nível de análise	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	
Importância da Bienal em Cerveira	Recepção da Vila	1	1	1	1	1	1	1	1				8
	Herança ao longo dos tempos	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	10
	Chave de sucesso	1	1	1	1		1	1	1				7
	Papel dos artistas	1	1				1	1	1				5
Valor patrimonial de uma cidade	Oportunidades de um ambiente rural		1	1									2
	Ameaças de um ambiente rural		1			1		1					3
Cidade cultural vs cidade criativa	Aposta dos jovens na geração de riqueza através da criatividade e propriedade intelectual		1			1				1	1	1	5
	Campo cultural marcado pelas Indústrias Criativas	1	1			1						1	4
	Justificações para a aposta nas indústrias criativas em Cerveira	1	1							1	1	1	5
	Impacto das indústrias criativas em Cerveira	1	1			1							3

Tabela 2 - Análise de conteúdos

O quadro acima indicado, reflecte a matriz analisada em Excel, onde são colocadas à esquerda as categorias e sub-categorias, em cima os entrevistados, e onde se lê “1” na célula, significa então a presença dessa mesma categoria na entrevista.

4 ESTUDO DE CASO – A BIENAL DE CERVEIRA

Este capítulo é dedicado à parte nuclear desta dissertação e incide sobre o objecto de estudo – a Bienal de Cerveira, mais concretamente sobre o seu novo papel resultante da tentativa de associar as Indústrias Criativas a Vila Nova de Cerveira, com a aposta da Fundação Bienal de Cerveira na criação de uma Incubadora de Indústrias Criativas.

O capítulo estará dividido em duas grandes partes.

Na primeira, onde é feita uma caracterização da Bienal de Cerveira, desde o seu aparecimento até à actualidade, na tentativa de perceber os eixos dominantes da Bienal de Cerveira antes e depois do aparecimento das Indústrias Criativas nos planos cultural, económico e político.

Uma segunda parte será preenchida com a apresentação dos resultados obtidos através da auscultação – por entrevista – dos agentes da Bienal de Cerveira (directos e indirectos) e com a discussão dos resultados dessas mesmas entrevistas.

4.1 Caracterização da Bienal de Cerveira

4.1.1 *Aspectos históricos*

A Bienal de Cerveira¹¹ é um evento, que decorre de dois em dois anos, dedicado à promoção da arte contemporânea, sustentado por uma notoriedade bem como reputação nacional e internacional nascida há já 35 anos (sendo que a I Bienal de Cerveira ocorreu em 1978) em Vila Nova de Cerveira, na região Norte de Portugal. Tem como missão primordial a promoção da arte contemporânea a nível nacional e internacional através de uma programação multidisciplinar que abrange diversas disciplinas e que dialoga com o território envolvente. É uma Bienal de Arte com um modelo diferente relativamente às outras bienais existentes, pelo facto de ser uma Bienal de representação por artista e não por País, ou seja, as obras representam artistas a título individual.

Esta Bienal para além da realização de um concurso internacional e exposição, apresenta como aspectos diferenciadores a entrega de prémios e as homenagens a artistas.

¹¹ No início com o nome de “Bienal de Vila Nova de Cerveira”, depois como “Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira” (entre a V e a XV edições) e actualmente apenas com o título “Bienal de Cerveira”.

Desde as primeiras edições da Bienal de Cerveira que se tem mantido a iniciativa de homenagear um artista de reconhecido mérito que represente um marcante contributo no panorama das artes a nível nacional.

Desde a I Bienal de Cerveira, é de salientar uma presença assídua de artistas internacionais, o que proporcionou uma oportunidade aos artistas por todo o mundo, bem como dá oportunidade aos artistas nacionais de serem notados nacional e internacionalmente, segundo as Orientações Estratégicas da Fundação Bienal de Cerveira 2010-2013, “Porque desde início dos anos 80 a Bienal acolhe artistas internacionais, com uma diversidade que aumenta gradualmente na sua distribuição geográfica, colocando os artistas nacionais e regionais lado a lado com artistas internacionais. “



Figura 1 - Aspecto da I Bienal de Cerveira 1978

Fonte: Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994).

A estrutura da Bienal de Cerveira compreende Projectos Curatoriais¹², o Concurso Internacional e Artistas Convidados, Performances, Residências Artísticas¹³, *Ateliers/Workshops*, Conferências e Debates, Visitas Guiadas, Concertos, entre outras actividades. Todas as edições são posteriormente compiladas em catálogos onde se podem encontrar todas as obras representadas em cada Bienal, performances, prémios, entre outras informações.¹⁴ Tem a particularidade de se realizar sempre nos meses de Verão de forma a aproveitar os fluxos turísticos típicos desta época do ano, “favorecendo a criação de fluxos

¹² O papel de director artístico nesta Bienal de arte não abrange toda a responsabilidade no que toca à selecção das obras de arte. O director convida curadores independentes que seleccionam obras e artistas, eles próprios, segundo os seus critérios.

¹³ Insere-se no programa de acção cultural da Fundação Bienal de Cerveira, é direccionado a artistas nacionais e estrangeiros para desenvolvimento de projectos, individuais ou colectivos, em todas as áreas criativas. Pretende-se motivar a troca de experiências e conhecimento entre artistas e destes com a comunidade local, divulgando as artes e cultura portuguesas. As residências artísticas têm lugar na "Casa do Artista Pintor Jaime Isidoro", propriedade da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira e afecta à actividade da Fundação Bienal de Cerveira.

¹⁴ Consultar anexo A.

turísticos através da oferta de um produto de carácter cultural, tem vindo, nas últimas edições para as quais existem registos, a atrair o público em número crescente” como é dito nas Orientações Estratégicas da Fundação Bienal de Cerveira 2010-2013.

Este evento é considerado pelos organismos institucionais e artistas entrevistados, como o acontecimento cultural e artístico mais prestigiante do Alto Minho. De acordo com as Orientações Estratégicas da Fundação Bienal de Cerveira 2010-2013 “a Bienal de Cerveira afirma-se como um dos acontecimentos mais marcantes das artes plásticas no nosso País”.



Figura 2 - Teatro no Largo da Praça I Bienal de Cerveira 1978

Fonte: Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994).

Para além da Bienal de Cerveira ser realizada, passados tantos anos, a mesma abarca uma história muito rica. Para analisar a BC torna-se necessário compreender o contexto do seu surgimento, que engloba o processo de transição democrática Portuguesa em 1974. Sentia-se uma necessidade de intervenção artística como modelo recuperado de expressão livre, resultado do pós-regime ditatorial. A ânsia criativa pronunciava-se fortemente, que era tão repreendida no anterior regime.

Depois de tantos anos na sombra de uma ditadura, os artistas portugueses sentiram a necessidade de uma intervenção artística pós 1974, de troca de experiências, sem os constrangimentos existentes durante o Estado Novo, num contexto de produção e disseminação das artes sem a intervenção directa de órgãos governamentais estatais ou censura. Os principais movimentos artísticos ocorriam de forma centralizada nos grandes centros urbanos, especialmente na cidade de Lisboa. Surgem os Encontros Internacionais de Arte, logo em 1974, que tinham como principal objectivo estimular a criatividade artísticas nos jovens e conseguir essencialmente a descentralização cultural, num país com fortes carências (principalmente económicas). Ao empenho interno, por parte dos artistas e

organizadores, aliava-se a curiosidade externa pelo trabalho artístico que se desenvolvia num Portugal desconhecido, que conseguira o feito de quebrar um regime ditatorial sem violência. É este ambiente que se vive no ano de 1978, quando se prepara a organização da quinta edição dos Encontros Internacionais de Arte.¹⁵

Sobre esses Encontros, refere a publicação Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994), “Tendo sidos realizados, sob direcção de Jaime Isidoro e do crítico de Arte Egídio Álvaro e organizados pelo Grupo Alvarez e Revista de Artes Plásticas, respectivamente em Valadares (1974); Viana do Castelo (1975); Póvoa do Varzim (1976) e Caldas da Rainha (1977) os I, II, II e IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal – que pretendiam a criação de espaços livres de intervenção de rua, proporcionando o diálogo Arte/população pelo contacto directo efectivo do artista com grupos sociais mantidos normalmente afastados e contribuindo simultânea e concretamente para uma descentralização da Arte – tiveram em Vila Nova de Cerveira, mercê de uma autarquia liderada pelo Eng^o Lemos Costa, consciente do valor da interferência da Arte no desenvolvimento dos povos, portas abertas para a efectivação da sua V edição, originando a I Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira. Os Encontros Internacionais, consagrados fundamentalmente à reflexão sobre problemas ligados à Arte – qualquer forma de Arte – caracterizam-se pelo convívio – confronto entre artistas nacionais e estrangeiros; pela criação de espaços vivos; pelas exposições de vanguarda; pelas intervenções/ performances; por conferências e debates; etc...”.



Figura 3 - Intervenção do japonês Riuko I Bienal 1978

Fonte: Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994).

¹⁵ Informação consultada em publicações como Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994), catálogos das Bienais, e informação que consta no *website* da Fundação.

O pintor de referência nacional, professor, galerista¹⁶ e divulgador de cultura, Jaime Isidoro (1924-2009), abraça o desafio de trazer a arte contemporânea até ao espaço rural, para perceber como reagiria o público rural (Castro, 2004). A descentralização cultural foi o mote para este êxito ao fim de tantos anos. É assim que se decide pela organização da V Edição dos Encontros Internacionais de Arte em Vila Nova de Cerveira, sendo organizada neste âmbito a I edição da Bienal de Artes. O então presidente da autarquia de Vila Nova de Cerveira, Engº Lemos Costa, proporcionou um ambiente excepcional para a realização da V edição dos Encontros Internacionais de Arte, e consequente I Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira. Esta “Gala da Arte Portuguesa e Estrangeira”, ocorreu entre os dias 5 e 12 de Agosto de 1978, e tinha como objectivo a troca de ideias como um impulsionador de transformações e uma urgente mudança social, cultural e económica.



Figura 4 - Assistência II Bienal 1980

Fonte: Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994).

As primeiras cinco edições tiveram como director artístico Jaime Isidoro e com o contributo na organização da sua Galeria Alvarez. Assistiu-se desde o início a um confronto entre os artistas e o meio rural. Os primeiros chocaram e escandalizaram a população, mexeram com algumas consciências, houve um impacto forte na população local e mesmo ao nível nacional, surgiu a curiosidade (principalmente por parte da comunicação social) sobre o que se faria numa pequena Vila como Cerveira.

Havia um carácter experimental e improvisado nas primeiras bienais de Cerveira. Com este evento ambicionava-se o aumento do diálogo Arte/População ao seu máximo expoente,

¹⁶ Fundou com António Sampaio a Academia e Galeria Alvarez, mais tarde a Galeria Dois, na Boavista. (Segundo informação consultada Setembro, 2013, em http://www.vart.pt/producao/artistas/detalhe_artista.php?nomeArt=ISIDORO,%20JAIME&numArt=306).

mediante um contacto presencial com o artista, através da criação de espaços livres de intervenção de rua.



Figura 5 - III Bienal 1982

Fonte: Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994).

Na VI Bienal de Cerveira, o então director artístico, o escultor José Rodrigues aposta, como mote/área desse ano, no *Design Gráfico* (Castro, 2013; Soares, 2010). Nesse ano houve mudança política na Câmara ('88/'89). A Câmara avaliou o futuro da Bienal de Cerveira através de reuniões e conferência com artistas e antigos organizadores, no sentido de saber que modelo queriam seguir. Em 1990 não houve Bienal de Cerveira, e deixou de ser realizada nos anos pares. Entre 1988 e 1995 houve uma indefinição devida à mudança de partido político na Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, e seria então necessário traçar um novo rumo à Bienal de Cerveira.

Das reuniões e debates entre a Câmara e os artistas, surgiu então a Associação Projecto (em 1995) presidida pelo pintor Henrique Silva (Carreira, 2010), com a colaboração de Margarida Leão, Paula Leão e Silvestre Pestana (actual director desta Associação). A Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira apoiava financeiramente a iniciativa, mas a Associação Projecto era responsável pelo programa.

Sobre esse período, Henrique Silva em Leão (2007, p.7) refere:

“Desde 1995, a Associação “Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural” assumiu a sua direcção artística, com o apoio da Câmara Municipal de Cerveira e com o entusiasmo do seu Presidente José Manuel Carpinteira, permitindo estabelecer um gabinete permanente onde se desenvolvem acções e eventos todos os anos, num espaço cedido pela Câmara Municipal especialmente para esse fim, com a instalação de um Museu, além de oficinas de cerâmica, gravura, fotografia, pintura e artes digitais, com cerca de 2.500 metros quadrados.

A continuação deste projecto está actualmente nas mãos da Fundação Bienal Internacional de Arte de Cerveira, de quem se espera uma implantação mais alargada a nível internacional. “ De forma também a levar tanto artistas como público internacional à Vila.



Figura 6 - Visita à Bienal VII Bienal 1992

Fonte: Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994).

Em 2010 foi criada a Fundação Bienal de Cerveira uma vez que, para os organizadores, o modelo da Associação Projecto estava esgotado, e que para dar mais garantias e projecção, seria mais adequado criar uma Fundação. A XVI Bienal de Cerveira foi a primeira totalmente organizada pela Fundação, constituída pelo fundo financeiro da Câmara Municipal e mais doze entidades públicas. Esta Fundação tem um carácter permanente e conta com cinco pessoas que trabalham com o objectivo de organizar, internacionalizar e realizar outras actividades.

Desde a I Bienal de Cerveira que a Câmara Municipal cedeu espaços¹⁷ para a realização do evento, desde o pavilhão gimnodesportivo e pavilhões em carpas. As posteriores bienais acabaram por se organizarem em espaços mais apropriados, apesar de serem locais alternativos que se adaptavam à Bienal de Cerveira pois não eram considerados espaços de arte. Ultimamente tem sido utilizado maioritariamente o Fórum Cultural¹⁸ e ainda outros

¹⁷ Esta informação detalhada consta no anexo B.

¹⁸ Fórum Cultural de Cerveira é o espaço principal que recebe a Bienal de Cerveira, e também de outras exposições de arte contemporânea, permanentes e temporárias. Este divide-se em três espaços, sendo que um deles acolhe o Museu da Bienal de Cerveira, cujo espólio é resultante das suas várias edições decorridas desde

espaços públicos ao longo da Vila. A Bienal de Cerveira tem vindo a alargar o seu “território”, espalhando-se por outros municípios do Vale do Minho, Porto, Vigo, e na XVII edição em Braga e Santiago de Compostela. Existe assim uma aposta na internacionalização, com uma maior solidez nas parcerias com entidades como a AGADIC, e os municípios de Vigo, Santiago de Compostela, Ourense, Tomiño e Tui. Posto isto, consegue-se ter assim um maior envolvimento de instituições parceiras e o público em geral, dando assim maior consolidação à Bienal de Cerveira.



Figura 7 - XVII Bienal de Cerveira 2013 - Exposição "Do barroco para o barroco está a arte contemporânea". Casa da Parra, Santiago de Compostela.

Fonte: Consultado Fevereiro, 2013 em <http://www.bienaldecerveira.pt>

Analisando a evolução da Bienal de Cerveira desde o seu começo até os dias de hoje, é perceptível a importância do poder político¹⁹ tanto para o seu início como para se manter até aos dias de hoje com a notoriedade que tem. Sem o entusiasmo do então Presidente da Câmara de Cerveira Eng^o Lemos Costa não teriam sido realizados os Quintos Encontros Internacionais de Arte em Portugal realizados em Vila Nova de Cerveira nem se conseguiam cimentar e enraizar na Vila da forma como aconteceu. A Câmara sempre percebeu o valor que a Bienal de Cerveira tinha como factor promocional da pequena terra minhota.

A Bienal de Cerveira tem vindo a atrair o público a um ritmo crescente e a alargar a sua incidência geográfica ao promover exposições em espaços culturais localizados noutros

1978. No segundo, são recebidas exposições, feiras e outros certames e, por fim, o terceiro funciona como espaço de apoio à realização de conferências, palestras, concertos entre outros espectáculos com capacidade até 300 pessoas. A Fundação da Bienal de Cerveira também tem a sua sede nas instalações do Fórum Cultural de Cerveira.

¹⁹ Houve desde o seu início até aos dias de hoje um apoio incondicional da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, tanto com o Eng^o Lemos costa (entre 1978 e 1989) e Dr. José Carpinteira (entre 1989 e 2013).

concelhos do Vale do Minho e até mesmo no Norte de Espanha. Este fenómeno de itinerância cultural e internacionalização, tem proporcionado um espaço de interação, de encontro, de divulgação de ideias e uma oportunidade de projecção para artistas nacionais e internacionais. Esta descentralização cultural tem vindo a ser o mote para este êxito ao fim de tantos anos deste evento. Como garantem os órgãos de gestão da Bienal de Cerveira, após três décadas de existência, a Bienal de Cerveira é hoje considerada uma marca com notoriedade nacional e internacional.

4.1.2 Novos instrumentos da Bienal de Cerveira

4.1.2.1 Fundação da Bienal de Cerveira

Em 2009 é constituída a Fundação Bienal de Cerveira, sendo reconhecida e em funcionamento desde Maio de 2010. Tornou-se fundamental como solução para um trajecto mais estável a nível económico, tendo em conta a mudança de paradigma financeiro que se vivia e se mantém, com o apoio a recursos financeiros alternativos, e também de forma a manter a qualidade e inovação da Bienal de Cerveira para um novo desafio de uma “solidificação do *cluster* das indústrias criativas da Região do Norte, proporcionando o desenvolvimento do sector criativo e artístico e a projecção de uma imagem de modernidade e qualidade de vida da região” de acordo com o *website* da Fundação.

Para além da missão, o Estudo Macroeconómico (2008, p. 163) aponta a estruturação de um Plano de Acção em três Eixos Estratégicos nomeadamente (1) Capacidade e Empreendedorismo criativos; (2) Crescimento dos Negócios Criativos; (3) Atractividade dos Lugares Criativos. O eixo 1- Capacidade e Empreendedorismo Criativos tem como objectivo específico o Desenvolver o Empreendedorismo Criativo Regional através de quatro programas sendo um deles o desenvolvimento de uma rede de incubadoras de negócios criativos.

A Fundação foi o modelo organizacional criado para dar resposta às responsabilidades que os novos modelos de financiamento propunham. Não devia ser possível o evento crescer, como cresceu após a constituição da Fundação, com a moldura jurídica de uma associação cultural sem fins lucrativos.

“Contribuir para que o Norte se torne na Região Criativa de Portugal pela concepção e implementação de um adequado modelo de governação que suporte o aumento da Capacidade e Empreendedorismo Criativos, o crescimento dos Negócios Criativos e a atractividade dos

Lugares Criativos, visando o reforço da massa crítica do capital criativo da região.” (Estudo Macroeconómico, 2008, p. 148)

Como refere Dr. António Torres, administrador da Fundação Bienal de Cerveira, a sua constituição surge naturalmente mas também como consequência de mais de 30 anos de história, e quando chegou o momento em que tendo em conta o acervo existente, tendo em conta os desafios e as responsabilidades a nível de gestão de recursos públicos cada vez mais escassos, o Município achou que a Fundação era a figura indicada neste novo ciclo da Bienal de Cerveira.

Segundo a visão do entrevistado Pintor Henrique Silva, a Fundação deveria substituir a Associação Projecto, assumir em parceria com a Câmara a organização das bienais, o que aconteceu foi que a Câmara voltou a organizá-las. Na sua opinião, todo o desenvolvimento interno é feito pelos políticos, o que prejudicou imenso uma vez que a Bienal passa a estar sujeita aos políticos e às suas políticas na gestão da mesma.”

A Fundação tem como objectos de acção a curto/médio prazo a Bienal de Cerveira (a sua reformulação e o upgrade do conceito base), a Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira, e o Museu da Bienal de Cerveira (a sua dinamização e preservação).

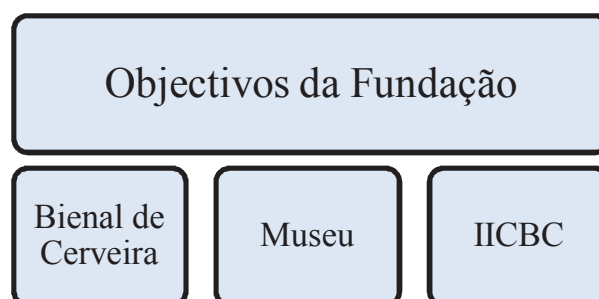


Figura 8 - Objectivos Fundação Bienal de Cerveira

Uma vez que os objectivos estatutários da Fundação Bienal de Cerveira estão perfeitamente descritos no *website* da Fundação, passo a transcrever:

- Manter a origem da Bienal Internacional de Arte de Cerveira, tal como a organização da mesma;
- Prosseguir com uma gestão e conservação adequadas do espólio das Bienais de Arte e da Fundação;
- Promover as artes contemporâneas, através da sua programação anual e da integração em redes nacionais e internacionais de cooperação entre diferentes instituições homólogas;

- Estabelecer protocolos com estabelecimentos de ensino e instituições que promovam a formação nas áreas artística e cultural;
- Desenvolver o turismo cultural local e regional, estimulando a envolvimento de diferentes públicos e incentivando a fixação de artistas e intelectuais na região;
- Preservar e promover o património móvel e imóvel que os Fundadores lhe venham a afectar;
- Colaborar na elaboração de um plano estratégico sustentado, visando a criação de uma rede concelhia de equipamentos culturais.”²⁰

A Fundação Bienal de Cerveira tem como visão “Bienal de Cerveira como um espaço cultural de excelência criativa com capacidade de promover um modelo de desenvolvimento no plano nacional e internacional”.

“Promover a arte contemporânea no plano nacional e internacional, através da programação anual multidisciplinar, da organização das bienais de arte, da gestão e conservação do espólio da Fundação, da criação do Museu da Bienal de Cerveira e do apoio ao empreendedorismo criativo” é a missão da Fundação Bienal de Cerveira.

A Fundação Bienal de Cerveira tem dez fundadores, sendo eles:

- Município de Vila Nova de Cerveira;
- Projecto - Núcleo de Desenvolvimento Cultural;
- DST – Domingos da Silva Teixeira, SA;
- Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Noroeste, CRL;
- Universidade do Minho;
- Fundação Convento da Orada / Escola Superior Gallaecia;
- COOPETAPE - Cooperativa de Ensino, CRL / ETAP do Vale do Minho;
- Daniel Isidoro, Unipessoal Lda.;
- Pintor Henrique Silva;
- Escultor José Rodrigues.

Tendo em conta o perfil dos fundadores e o seu papel, o Município de Vila Nova de Cerveira é responsável por 80% do fundo desta Fundação pública. Dois destes fundadores são

²⁰ As informações avançadas acerca de fundadores e entidades parceiras foram também retiradas desta fonte. Consultado Janeiro, 2013 em <http://www.bienaldecerveira.pt/>.

artistas e têm um papel fundamental desde as primeiras bienais, ainda é de salientar o factor de um dos fundadores ser filho de Jaime Isidoro (1924-2009), Daniel Isidoro.

A Fundação Bienal de Cerveira colabora com as seguintes entidades como parceiros:

- ADDICT – Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas;
- Adriminho;
- AGADIC – Axencia Galega de Industrias Culturais;
- Associação Convento de S. Payo;
- Associação Porta XIII - Associação Poética de Todas as Artes²¹;
- Associação Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural;
- Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Noroeste, CRL;
- Centro Cultural de Ourense;
- Centro Português de Fundações;
- CIM Alto Minho;
- Escola Superior Gallaecia;
- Fundação da Juventude;
- Fundação de Serralves (INSERRALVES);
- IEFP (CACE Cultural do Porto);
- Instituto Politécnico de Viana do Castelo;
- Instituto da Juventude;
- Universidade de Vigo;
- Universidade do Minho.

A criação da Fundação implicou o aparecimento de novos projectos associados à Bienal de Cerveira que, em seguida, se enumeram:

²¹ Consiste num espaço cultural no centro de Cerveira, como um ponto de encontro, representação, informação, promoção de eventos culturais, exposição, venda, e divulgação de obra poética. Nuno Higinio, membro da Associação respondeu a algumas questões, elaboradas pela autora desta dissertação, sobre a Associação Porta XIII, onde refere a importância do rótulo “Vila das Artes” como factor para a implementação desta Associação em Vila Nova de Cerveira. “Achámos que a Poesia (que está, em nossa opinião, presente em todas as artes) poderia ser a arte aglutinadora da ideia. Por outro lado, as artes plásticas têm tido um privilégio que obscurece outras artes, designadamente a poesia, a arte das artes. No entanto, a designação da associação como 'associação poética de todas as artes' foi mais uma provocação do que uma declaração de intenções...”

➤ **Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira**

Em 2009 é feita a primeira reunião de trabalho sobre a criação de uma Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira.²² Um projeto da Fundação Bienal de Cerveira, inserido na Estratégia de Eficiência Coletiva (EEC), Cluster das Indústrias Criativas e aprovado no âmbito do Sistema de Apoio ao Cluster das Indústrias Criativas da Região Norte (ON.2). Segundo a sua descrição no *website* da Fundação, “trata-se de uma incubadora de negócios criativos que visa prestar serviços e apoio de valor acrescentado aos empreendedores e, paralelamente, que se assume como um espaço interdisciplinar de encontro e de convergência criativa”.

A criação da Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira constitui um desenvolvimento e uma consequência natural do processo de consolidação da Bienal de Cerveira, enquanto instrumento capaz de potenciar o impacto económico, em termos de criação de valor e de emprego, da criatividade e da cultura. A Incubadora de Indústrias Criativas Bienal de Cerveira funciona no Fórum Cultural da Bienal de Cerveira.

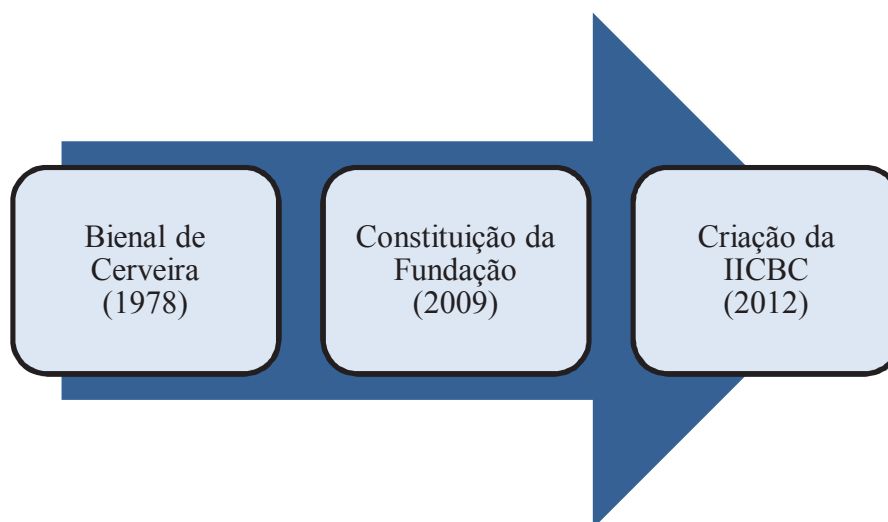


Figura 9 - Cronologia de acontecimentos

A promoção e transformação de ideias e talentos em oportunidades de negócio e iniciativas empresariais, de *start-ups* criativas, de *spin-offs* e de negócios criativos dinâmicos, constitui um objectivo da Fundação Bienal de Cerveira.

A Incubadora proporciona aos incubados: *ateliers* de ideias; período de experimentação de ideias e projectos; residências artísticas; promoção de acções de formação; consultoria; *coaching*; acompanhamento da gestão operacional do negócio; apoio na área de

²² Consultar anexo C.

comercialização; *networking*; acções colectivas de promoção a nível nacional e internacional; possibilidade de incubação virtual através da utilização da plataforma tecnológica como instrumento de promoção, internacionalização, intercâmbio, e de convergência.

O projecto da Incubadora de Indústrias Criativas tem por base orientações estratégicas, que estão descritos no *website* da Fundação que são transcritas abaixo:

“ - Segmento alvo os jovens talentos/criativos e dirige-lhes os instrumentos e valências a criar – através do reforço da cooperação com as instituições de ensino presentes na parceria representativas dos dois lados da fronteira, a Bienal de Arte de Cerveira pretende privilegiar os jovens talentos enquanto objecto da sua acção em prol do apoio ao empreendedorismo;

- Selectividade quanto aos domínios criativos a privilegiar – sem excluir qualquer actividade que seja susceptível de ser enquadrada no conceito de Indústrias Criativas, a Bienal de Cerveira assumindo a sua vocação e as competências próprias bem como aquelas que são detidas pelos membros da parceria irá privilegiar: Artes Visuais (arte digital, pintura, escultura, fotografia, desenho, gravura, cerâmica); *Design*; Arquitectura; Antiguidades e restauro; Artesanato e joalheria; Cinema, vídeo e audiovisual; *Design* de moda; *Software* educacional e de entretenimento.”

Com estas directrizes, a IICBC serve como espaço onde são potenciadas as capacidades criativas dos jovens talentos, dando-lhes orientação e condições para que possa surgir dali um pólo de empreendedorismo. É perceptível que a Bienal de Cerveira serve como mote à criação da IICBC no seu cariz artístico, os projectos são escolhidos favorecendo os que detenham como *core-business* por exemplo Artes Visuais e Design, como referem as orientações estratégicas descritas em cima.

Existem duas formas de incubação, a fase de pré-incubação com duração de seis meses (em troca de uma mensalidade pouco significativa, com direito ao espaço, internet, chamadas para telefones fixos ilimitados, acesso ao edifício 24 horas, plano de apoio com acções de formação sobre *coaching*, e acompanhamento por parte de um mentor escolhido pela Incubadora para apoiar nesses seis meses); quanto à fase de incubação com duração até três anos, nesta fase há opção de incubação nas instalações da IICBC ou então virtual, a grande diferença entre as duas fases é que na primeira é a evolução de uma ideia de negócio, e na segunda esse projecto torna-se empresa.

Esta oferta por parte da IICBC leva a um ambiente propício à criação de novos mercados em Vila Nova de Cerveira, e potencia uma dimensão económica e criativa no território e reforçando o posicionamento da “Vila das Artes”.

➤ **Museu Bienal de Cerveira**

A história e experiência da Bienal de Cerveira são ao mesmo tempo motivo e alavanca para a continuação de uma programação cultural complementar e sustentada pela Fundação Bienal de Cerveira. Neste sentido, o projecto Museu Bienal de Cerveira pretende ser um repositório do importante espólio de arte contemporânea nacional e internacional acumulado ao longo de 35 anos do evento, com mais de 400 obras de arte que irão ser partilhadas com o público por via de exposições com carácter periódico. O Museu Bienal de Cerveira prevê-se vir a ser objecto de candidatura no âmbito do Regulamento Específico Rede de Equipamentos Culturais, Tipologia Centros de Arte Contemporânea.

Com este projecto o espólio das Bienais tornam-se assim algo acessível ao público de forma permanente e institucional. Apenas existem exposições fora de um ano Bienal e a apresentação é faseada e definida de acordo com os critérios dos respetivos comissários da exposição.

“As obras premiadas e muitas outras realizadas no local e oferecidas pelos autores constituem um importante espólio para a criação do Museu de Arte moderna de Vila Nova de Cerveira, que não deverá prescindir da extensa e complementar documentação existente, como catálogos, gravações, vídeo e textos publicado. Só assim se compreenderá a razão de ser e o significado histórico do que foi feito e do que se mostra.” (Leão, 2007, p.11)

4.1.3 Consequências culturais da Bienal em Vila Nova de Cerveira

Com a Bienal de Cerveira surgiram em Vila Nova de Cerveira projectos/equipamentos culturais, criação de instituições de ensino, galerias de arte, associações, obras de arte pública (alguns exemplos nas figuras 10,11 e 12, desde doações de artistas envolvidos na Bienal de Cerveira a obras que pertencem ao simpósio organizado pela Associação Projecto), turismo, entre outras que podem ser consideradas como repercussão deste grande evento.



Figura 10 - Clara Meneres “Granito-Ritmo” I Bienal Internacional de Arte 1978 Doação da Artista

Fonte: Fotografia da autora

A Casa do Artista "Pintor Jaime Isidoro" foi mandada construir pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, com o objectivo de aproximar mais as populações do Alto Minho e os criadores artísticos de todas as áreas, com condições para alojar os artistas bem como oficinas onde possam trabalhar nas mais diversas áreas, entre elas: Pintura, Escultura, Gravura, Musica, Teatro, Bailado, Arte Electrónica, fotografia, e outras formas de criação artística.

Como exemplo de Associações, pode-se mencionar a Associação Projecto directa e assumidamente ligada à Bienal de Cerveira, pelos motivos explicados anteriormente, ou a Associação Porta XIII.

Podem ainda considerar-se instituições de ensino como:

- Escola Superior Gallaecia / Fundação Convento da Orada - criada em 1995, em como principais ofertas formativas tem as áreas de Arquitectura e Urbanismo, Artes Plásticas e Multimédia, Design Gráfico/Industrial. Henrique Silva, director artístico e parte integrante da Bienal de Cerveira durante dezasseis anos, é também director do Ciclo de Estudos de Artes Plásticas e Multimédia nesta mesma instituição;

- ETAP (Escola Tecnológica, Artística e Profissional de Caminha) - criada em 1989, tem como oferta formativa diversas áreas onde se podem incluir Artes Gráficas, Design e Multimédia, animação sociocultural como eventos/festivais de cinema, música, dança e gastronomia.



Figura 11 - José Rodrigues “Esforço” 1983

Fonte: Fotografia da autora

A Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira oferece ainda um programa no âmbito do serviço educativo - Bienal dos pequeninos - em ano não Bienal para alunos das escolas do Município.

Segundo o entrevistado Diamantino Costa estes equipamentos “não existiriam, era difícil existir as estruturas porque umas coisas puxam as outras, tanto a Gallaecia, como a ETAP como a casa do artista, uma casa que alberga os artista que vêm a Vila Nova de Cerveira, oferece-lhes alojamento e oportunidades de trabalho. Não existiriam monumentos, o cervo no cume do monte. Cerveira estaria mais pobre. Nasceram residenciais, restaurantes, arte pública, tudo através da Bienal.”.

Como refere o director artístico da Bienal de Cerveira, Augusto Canedo “A oferta cultural em Cerveira, está muito ligada ao evento Bienal de Cerveira, que deu origem à criação da Associação Projecto, núcleo de desenvolvimento cultural, e à constituição duma colecção de arte (espólio da Bienal de Cerveira/Museu), desde 1995 sob a direcção do Pintor Henrique Silva, muito contribui para o panorama cultural da localidade. Com a criação destas sinergias, logo surgiram outros projectos, como a ETAP, a Escola Superior Gallaecia, outros festivais de cinema, música, dança...”.



Figura 12- Zadok Ben-David²³ “Antártica” 1996

Fonte: Consultado Setembro, 2013, em <http://zadokbendavid.com/portfolio/item/antartica/>

“Sendo a única que vingou entre nós com continuidade e um dos melhores exemplos de descentralização cultural, a Bienal de Cerveira caracteriza-se como espaço de experimentação, revelação e consagração, com exposições, instalações, intervenções, performances, *ateliers* de arte ao vivo, conferências e colóquios. Com a participação activa de numerosos artistas portugueses e estrangeiros, a Bienal de Cerveira promove um saudável ambiente saudável de festa e convívio, proporcionando o diálogo com o público e o esclarecimento de aspectos pertinentes e inovadores da arte actual, através de visitas guiadas, debates e colóquios.” (Leão, 2007, p.9).

4.1.4 *Aspectos da Bienal de Cerveira na actualidade*

Na opinião de Edgardo Xavier no Catálogo da I Bienal de Cerveira (1978) “(...) não temos dúvidas em como bem fez o pintor Lima de Freitas – considerar que esta Bienal tem tudo a ver com o desejo de promover a terra, enveredando pela “via mais actual e inteligente”. (...) As pessoas que participam debatem, promovem, competem, aparecem, convivem. (...) Vila Nova de Cerveira, (...) adormeceu potencialidades e encantos que ninguém viu com olhos de ver. (...) a Bienal terá de ser encarada como bem que diz respeito a toda a comunidade.”

Segundo o website da Fundação, “Vila Nova de Cerveira tem mantido, ao longo dos anos, uma relação saudável e equilibrada entre a tradição cultural e a criação contemporânea”, neste sentido pode dizer-se que o rótulo “Vila das Artes”, esta assinatura diferenciadora, se

²³ Zadok Ben-David, como tantos outros artistas de outras nacionalidades, tem casa em Vila Nova de Cerveira.

baseia exactamente nesta ligação da Vila com a arte, cultura e criatividade, áreas que tem vindo a apostar com grande firmeza.

Vila Nova de Cerveira tem como rótulo “Vila das Artes”, este selo demonstra realmente a relação entre a Vila e a sua componente artística desenvolvida ao longo de 35 anos desde a presença da I Bienal de Cerveira. Esta notoriedade, a que Jaime Isidoro, um dos fundadores da Bienal de Cerveira acrescentou a palavra “expansão”, definindo-a como Vila da Expansão das Artes, deve-se ao apoio incondicional que o tecido institucional local e a própria população sempre souberam dar e que se vem consolidando através da criação do Museu da Bienal, Casa do Artista, e ainda a galeria Projecto.

A Bienal de Cerveira sofreu uma transformação de linguagem ao nível das novas tecnologias, tem o projecto Galeria Pública para Artes Digitais, que teve início em 2005 na XIII Bienal de Cerveira. É um projecto dirigido pelo artista Silvestre Pestana, baseia-se numa plataforma do SecondLife onde se podem encontrar obras e até mesmo os seus artistas representados. De acordo com Silvestre Pestana “Inicialmente este projecto artístico teve como propósito o intercâmbio de artistas e obras artísticas através da sua participação à distância. Mais tarde e ao longo de 2008, a sua intervenção alargou-se às participações de artistas que recorrem simultaneamente ao espaço real e ao espaço virtual na produção das suas obras. Nesta segunda fase o domínio ao recurso da virtualidade foi intensificado através de contactos com artistas com obras realizadas através da plataforma do SecondLife.”²⁴

Em época de repensar os modelos de desenvolvimento de vilas, cidades e regiões, e de olhar para as Indústrias Criativas como um conjunto de sectores-chave capaz de gerar desenvolvimento na Região Norte. Vila Nova de Cerveira é o coração da Bienal mas esta já não é uma mera iniciativa de âmbito local, sendo um evento de referência na Arte Contemporânea do Norte de Portugal e sul da Galiza. O número de visitantes nacionais e estrangeiros (com predomínio de visitantes da Galiza), e a integração de diversos espaços da Galiza na programação da Bienal são a demonstração da dimensão transfronteiriça do evento.

“No âmbito da programação de bienal, está previsto o intercâmbio cultural com a Espanha e outros países europeus, conforme foi sugerido num colóquio-debate, realizado no dia 13 de Agosto de 1994, na Pousada D.Dinis, presidido pelo Eng^o José Manuel Vaz Carpinteira, Presidente do Município de Cerveira, moderado pelo Pintor Henrique Silva, com a presença do Pintor Jaime Isidoro, fundador da Bienal, e com a participação da escritora Agustina Bessa-Luís e os Críticos de Arte Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves, Sílvia Chicó, Maria João Fernandes, Eurico Gonçalves e os espanhóis Dorotheo Arnais e Anton

²⁴ Descrição feita pelo director da Associação Projecto no Relatório de Actividades XVI Bienal de Cerveira.

Sobral, organizadores das bienais de Corunha e de Pontevedra, na Galiza. (...) A Bienal de Cerveira não deverá cingir-se às margens do Rio Minho, numa perspectiva meramente regionalista; pelo contrário, deverá não ter medo de ser internacional. Salvaguardadas as devidas proporções, foi evocado o exemplo de Kassel, aldeia alemã que se tornou célebre pelo rigor cultural e estético da Documenta, que realiza de quatro em quatro anos, segundo o critério de um único comissário.” (Leão, 2007, p.10)

É natural identificar a Região do Minho com o sector das Artes Visuais, mais concretamente Vila Nova de Cerveira enquanto Cidade Criativa e enquanto cidade aberta ao novo conceito Indústrias Criativas.

À semelhança de outras cidades e exemplos de nível internacional como Bienal de Veneza (Itália, desde 1895), Bienal de São Paulo (São Paulo, desde 1950), Art Basel (acontece em três continentes: Europa, América do Norte e Ásia desde 1970), Bienal de Istambul (Turquia, desde 1987), Bienal de Shanghai (China, desde 1997), e ainda Documenta (Kassel, Alemanha desde 1955). Cerveira pode de facto e tem vindo a tornar-se, com base na sua criatividade, o que se pode chamar de cidade criativa, e conseqüentemente fomentar o desenvolvimento de toda a região do Minho. Interessa pois promover a criatividade como forma geradora de valor económico e emprego qualificado. Cerveira enquanto potencial cidade criativa é rica em património edificado e histórico, que serve de atracção a novos públicos, devendo também ser completada com novas ideias e actividades que a tornem competitiva atractiva.

4.2 Resultados da Investigação

De forma a explicar cada resultado, serão apresentadas secções consoante o primeiro nível de análise estabelecido, com o depoimento de cada entrevistado mediante os temas (categoria e sub-categorias) abordados, seguidos de um breve comentário.

4.2.1 Auscultação de agentes e figuras associadas à Bienal de Cerveira

4.2.1.1 Importância da Bienal de Cerveira

Relativamente à importância da Bienal de Cerveira, serão abordadas as seguintes temáticas: recepção da Vila, herança ao longo dos tempos, chave de sucesso e o papel dos artistas na organização do evento.

- Os participantes que descrevem a recepção da Vila aquando as primeiras Bienais de Cerveira, demonstram que havia uma intenção por parte dos artistas de carácter interventivo e revolucionário, que colidia assim com a mentalidade dos habitantes de Cerveira. Nesse período inicial da Bienal de Cerveira, os cerveirenses acolheram o evento com alguma desconfiança e estranheza.

“Confronto de artistas com um meio rural, mexeu com algumas consciências, um impacto forte na população local e ao nível nacional, surgiu a curiosidade, da comunicação social, sobre o que se faria numa terrinha como Cerveira” (E2)

“A população local de Cerveira, como de qualquer outra região do país fora dos grandes centros urbanos, não se interessa por este tipo de eventos, mas reconhece-lhe interesse, caso se verifique um retorno financeiro (comércio, turismo) ou outro tipo de benefícios decorrentes da promoção da marca Cerveira.” (E5)

“Quando surgiu a Bienal foi um impacto cultural nesta gente. Uma velhinha ao admirar um quadro dizia: não sei o que isto quer dizer, mas que é bonito é. Apesar de ser uma lavradeira teve a honestidade de dizer que não sabia o que era (...) a população inicialmente não estava a aderir. Mas quando acabou, as pessoas já queriam outra” (E6)

“No início criou muitos atritos, população de origem rural, foram produzidos aqui espetáculos que colidiam com a mentalidade das pessoas, entretanto as pessoas aperceberam-se que a Bienal era importante para o concelho, como um cartaz que projectava Cerveira tanto a nível nacional e internacional” (E8)

- No que respeita à herança ao longo dos tempos, há participantes que enumeram algumas instituições como Escola Superior Gallaecia, ETAP, Casa do Artista, Associação Projecto e outras associações, a arte pública na Vila, festivais de cinema, música e dança, o rótulo “Vila das Artes”, bem como outras estruturas como consequência da existência da Bienal de Cerveira. Houve um desenvolvimento enquanto Vila, foram criadas estruturas e equipamentos que estimulam novas oportunidades de negócio e uma promoção da região.

“Vila das Artes, desde 1990 com o Prof. Henrique Silva, no início de uma forma tímida porque não havia estruturas físicas que se pudessem considerar relevantes para se assumirem como tal. Mas hoje em dia sim existem.” (E2)

“A oferta cultural em Cerveira, está muito ligada ao evento Bienal de Cerveira, que deu origem à criação da Associação Projecto, e à constituição duma colecção de arte (espólio da Bienal de Cerveira/futuro museu)., desde 1995 sob a direcção do Pintor Henrique Silva, muito contribui para o panorama cultural da localidade. Com a criação destas sinergias, logo surgiram outros projectos, como a ETAP, a Escola Superior Gallaecia, outros festivais de cinema, música, dança...” (E5)

“Houve uma explosão em Cerveira, edificios a aparecer, gente a comprar casa em Cerveira. A bienal de Cerveira veio transformar esta terra, até mesmo a feira. A Vila estava cheia de pobres, e agora não tem praticamente nenhum pobre. “do zero a mil” “a volta que deu esta terra. Como uma conversa entre um pintor e um pintor, o acaso, deu nisto?” (E6)

“Era difícil existir as estruturas porque umas coisas puxam as outras, tanto a Gallaecia, como a ETAP como a casa do artista, uma casa que alberga os artista que vêm a V.N. Cerveira, oferece-lhes alojamento e oportunidades de trabalho. Não existiriam monumentos, o cervo no cume do monte. Cerveira estaria mais pobre. Nasceram residenciais, restaurantes, arte pública, tudo através da Bienal.” (E8)

Um entrevistado referiu a importância da Bienal em Vila Nova de Cerveira baseando-se no que a mesma aportou à pequena Vila, ao nível de estruturas e oportunidades de trabalho (com a Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira).

“Há uma Escola Superior privada de arquitectura, artes multimédia e design, há uma escola profissional que se dedica também a essas áreas, há uma livraria que faz tertúlias de um escritor que escolheu Cerveira para viver, está cá José Rodrigues no Convento San Payo, um festival de cinema, há um Cerveira Creative Camp, há galerias, associações como a Projecto, e nada disto é por acaso. Tudo isto sedimentou este lugar criativo.” (E1)

- Analisando a(s) chave(s) de sucesso da Bienal de Cerveira, foram referidas a boa organização, a divulgação ao nível nacional e internacional, a relevância dos artistas, e as características da Vila.

“...a Bienal hoje em dia não se faz tanto para Cerveira, mas para o exterior.” (E2)

“Cerveira é um sítio inspirador, pessoas acolhedoras. Cerveira é uma terra lindíssima, montanha, rio, etc. (...) A bienal continua porque é uma terra pequenina, se fosse uma cidade já não existia (E3)

“Pela dimensão geográfica, pela dimensão cultural, populacional, se esta Bienal não tivesse todos aqueles aspectos que às pessoas parecia negativo no início, não conseguia criar as suas raízes.” (E6)

“A Bienal é bem divulgada” (E7)

Para o entrevistado 8, a Bienal de Cerveira sofreu uma evolução positiva com mais rigor e organização.

“As Bienais foram-se sucedendo cada vez com mais qualidade, com maior procura, até chegar a este estádio de hoje, em que tem instalações próprias” (E8)

- Foi tido em conta o papel dos artistas enquanto impulsionadores, organizadores e responsáveis pela existência e fama da Bienal de Cerveira. Há entrevistados que referem mesmo que a Bienal de Cerveira quando era organizada pelos artistas, tinha um cariz muito mais apelativo, chocante e mediático. Por outro lado, há quem refira que há muito mais disciplina e organização com a existência da Fundação da Bienal de Cerveira.

“Os artistas funcionam em comunidade, conhecem-se e através disso divulgam a Bienal.” (E1)

“A existência da fundação é importante, sou mais apologista pela paixão. Sem paixão não há nada. É fruto da evolução. Os artistas perdiam-se, é melhor agora

com disciplina (...) Henrique Silva e Jaime Isidoro foram os mais impulsionadores da internacionalização.” (E3)

Para o entrevistado 4, o facto de a Bienal ser organizada por pessoas ligadas a áreas que não a das artes, fez com que a mesma deixasse de ser feita por pessoas apaixonadas e que conseguissem oferecer aos artistas o que eles estavam habituados a ter. Os organizadores estão restringidos a políticas que não dão as condições ideais que havia antigamente. É bem perceptível que o ponto de vista do artista é substancialmente diferente dos políticos²⁵.

“Surgiu a Projecto onde de se pretendia por um lado um local de encontros, debates, conversas e a convivência de artistas e por outro lado um marco a nível internacional das artes contemporâneas portuguesas até à XIV Bienal. Todos os membros da associação Projecto que organizavam a Bienal eram artistas.” (E4)

Para este entrevistado, a Bienal serviu como acto reivindicativo no seu começo. Tinha como objectivo chocar a população da pequena Vila. Na sua opinião é com tristeza que vê a evolução da Bienal sem esse espírito de revolta por parte dos artistas e performers.

“Antigamente havia intervenções de rua, performances. Tudo o que havia era interventivo” (E6)

“No início era mais encontros de artistas, as linguagens também mudam no início as pessoas estavam habituadas era mais exposições de quadros” e ainda “agora é mais multimédias, instalação arte efémera”. (E7)

“Não havia uma estrutura organizada, funcionava à boa maneira portuguesa, improvisava-se e as coisas iam-se fazendo, agora não, a Bienal exige uma estrutura organizacional que trabalhe o ano inteiro e a tempo inteiro precisamente para que a Bienal seja realizada com maior eficácia e com maior organização(...) a questão da fundação é muito recente de maneira que não sei distinguir muito bem a diferença. Nota-se mais organização.” (E8)

4.2.1.2 *Valor patrimonial de uma cidade*

Nesta categoria de análise, serão descritas oportunidades e ameaças de um ambiente rural, tendo em conta a oferta de conteúdos culturais e criativos à população.

- Quanto às oportunidades e ameaças de um ambiente rural

Do ponto de vista do entrevistado 3, a Vila tem condições únicas para receber um acontecimento deste nível, e por isso também o seu sucesso, apesar de considerar que o público de Cerveira não é o público-alvo, ainda não entende a mensagem erudita da Bienal de Cerveira.

²⁵ A saída do artista da organização da Bienal de Cerveira levantou polémicas e o tom de desânimo das suas declarações pode reflectir ainda essa circunstância. Clima de tensão, este discurso não é atraente para todos.

“Os cerveirenses ainda vêm como estranho.” (E3)

“A descoberta de Cerveira é efectivamente pelo facto de se ter um espaço físico privilegiado, o rio, a Espanha, a serra e a dimensão, felizmente nenhum presidente da Câmara não destruiu a Vila” (E4)

Na opinião do entrevistado 5, a Bienal levou a Cerveira uma oferta cultural de grande valor mas que o evento em si é mais uma aposta para criar novos públicos e aumentar o nível da cultura da população.

“A população desconhece o seu significado. Sendo raros os casos em que se verifica haver alguma informação acerca desta actividade, a opinião que exprimem revela a consciência da sua irrelevância e a opinião que “há muito dinheiro gasto para nada” (E5)

Para o entrevistado 7 havia uma identidade de intervenção nas primeiras Bienais que era de impacto no público, hoje em dia está mais que implementado o evento Bienal de Cerveira, e o público gosta de ter tal acontecimento na sua Vila, apesar de não serem eles o público-alvo.

“Não podemos pensar que a Bienal, feita em Cerveira, é feita para os cerveirenses.” (E7)

Vila Nova de Cerveira estará sempre ligada e dependente da Bienal de Cerveira. É um factor diferenciador numa Vila tão pequena do Minho.

“O público-alvo da Bienal não é a população de Cerveira, mas as pessoas aceitam a Bienal porque sabem que vêm cá os Ministros, vêm cá artistas de todo o mundo, em termos mediáticos é um evento que promove Cerveira. A população, embora venha à Bienal e não saiba apreciar em termos eruditos, vem à Bienal e pode passar por aqui uma vez, mas no fundo a população sabe que a Bienal é importante para termos promocionais do concelho, mesmo ao nível da restauração, turismo, etc.” (E8)

4.2.1.3 *Cidade Cultural VS Cidade Criativa*

Com particular enfoque nas Indústrias Criativas, esta secção demonstrará a aposta dos jovens na geração de riqueza através da criatividade e propriedade intelectual, será referido um campo cultural marcado pelas Indústrias Criativas, as justificações para a aposta nas Indústrias Criativas, e descrito ainda o impacto das Indústrias Criativas em Vila Nova de Cerveira.

- Quando se analisa o campo cultural à luz das Indústrias Criativas, surge desde logo a aposta na Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira. Percebe-se que houve realmente uma grande aposta nas Indústrias Criativas, algo que fazia sentido estar associado à Bienal para trazer mais dinamismo e empreendedorismo criativo à Vila

“Derivando para as Indústrias Criativas, com a aposta na incubadora, uma área nova que com o historial da Bienal pareceu lógico apostar por aí. Cerveira é o único centro mais descentralizado, periférico e rural a oferecer Indústrias Criativas.” (E2)

“As Indústrias Criativas não influenciam o meio onde estão inseridas. Refiro-me em concreto, à incubadora situada em Vila Nova de Cerveira.” (E5)

“No início eram mais encontros de artistas, as linguagens também mudam no início as pessoas estavam habituadas era mais exposições de quadros, agora é mais multimédias, instalação arte efémera.” (E7)

- Relativamente às justificações para criação de um pólo de Indústrias Criativas em Cerveira surgem o historial e fama da Bienal de Cerveira e as características da Vila como fundamentos.

“Surgiu a oportunidade e achámos desde logo que tínhamos condições.” (...) “Esta aposta para Vila Nova de Cerveira é uma consequência natural. Quando em 2007 surge o estudo para o desenvolvimento do *cluster* de Indústrias Criativas e abrem candidaturas, aí surge a oportunidade de Cerveira se posicionar e ir ao encontro à estratégia definida nesse estudo. Como tal, quando surgiu essa oportunidade pensámos desde logo ‘temos de lá estar’, está a aparecer uma nova vaga de criadores, de criatividade, empreendedorismo, novos criativos, geração de emprego, naturalmente pensámos que nós temos tudo para lá estar. Nós já temos muita história. Estamos entre Vigo e Porto e fazemos uma boa ligação destas duas áreas metropolitanas e regiões. Senão estivéssemos, passaríamos ao lado desse upgrade.” (E1)

“A ideia dos *clusters* criativos já é muito antiga. Surgiram fundos e houve ideia de criar aqui em Cerveira. Já no ano 2000 com o Instituto do Emprego no Porto, houve uns congressos e apresentamos nessa altura um projecto de desenvolvimento dos ninhos de empresas aqui.” (E4)

“Quanto mais desenvolvida está uma região, mais ela pede pela criatividade, embora as cidades sejam mais propícias, na realidade o impacto até pode ser maior numa zona rural apesar de ser mais difícil de implementar. Cerveira acaba por ser o centro, em 50 minutos em qualquer lado: Vigo, Viana, Porto, Guimarães, Braga, Alto Minho em pouco tempo.” (E9)

- O impacto das Indústrias Criativas em Cerveira é visto como uma boa iniciativa por uns, e como desperdício económico com falhas no modelo de gestão por outros.

O entrevistado 1, menciona essencialmente a perspicácia da Bienal ao apostar nas Indústrias Criativas. Assinala a continuidade entre o passado e o presente e encara as indústrias criativas como resultado natural do ambiente gerado ao longo do tempo. Não encara como ruptura a aposta nas Indústrias Criativas – pelo contrário (é interessante porque é a opinião do administrador, do gestor).

“Esta aposta é uma consequência natural, em 1978 quando foi realizada a primeira bienal, aí está a génese do lugar criativo, ambiente criativo e cidade criativo, tudo isto nasceu naquele momento. Ao longo destes 30 anos, onde não havia esta moda de criatividade, este ecossistema funcionou” (E1)

Na opinião do entrevistado 4, a Incubadora de Cerveira não está a funcionar muito bem uma vez que são os jovens que têm que pagar os custos de telefone e outras despesas, a formação que lhes dão não deveria ser o único apoio.

“A incubadora deveria financiar, dar tempo aos jovens e só passado algum tempo é que os mesmos deveriam pagar.” (E4)

O modelo da Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira é mal gerido. Refere ainda que não há um conhecimento claro sobre o que é necessário oferecer aos jovens criativos em prol de questões burocráticas dos órgãos de gestão.

“Parece ter falhado a percepção da realidade específica, o desenho do modelo a desenvolver, que atendesse às expectativas dos jovens, pois tornou-se evidente a falta de competência e de conhecimentos específicos a esta realidade. O impacto da incubadora em Cerveira é inexistente, no entanto o custo da sua instalação (mesmo tendo em conta o valor do financiamento), constitui um desperdício financeiro...” (E5)

- A aposta dos jovens na geração de riqueza através da criatividade e propriedade intelectual.

“Tem havido projectos a concorrer por parte de muitos jovens.” (E2)

“Sendo que actualmente, o nível de escolaridade é mais elevado, há mais jovens que se interessam por transformar apetências artísticas, criativas, intelectuais, em aptidões específicas e profissionais, ligadas a este sector. A difícil empregabilidade que hoje assistimos, leva também a que muitos arrisquem soluções individuais, que antes, não se impunham...” (E5)

No caso do entrevistado 9 que representa um dos projectos incubados, a primeira entrevista foi na altura da pré-incubação e a segunda na fase de incubação. Tendo na segunda fase constituído empresa, têm a Bienal de Cerveira como clientes na instalação de conteúdos de multimédia, a criação e gestão do canal Youtube da BC, e também edição de vídeos do evento. A BC serviu como uma sinergia ajudando também a criar portfólio.

“Muitas pessoas que vinham para aqui e como há um concurso para entrar na incubadora muitas pessoas quando vêm para aqui acham que ganharam alguma coisa. Não ganharam nada, elas vão passar um mau bocado, vão ter que fazer uma empresa, provavelmente vão perder dinheiro, ao final de um ano, 8 em 10 foram ao fundo, é uma história complicada.” “Na pré-incubação há uma ideia de negócio, há que fazer um plano de negócios, ter formação e melhorar melhor a ideia. Quando se passa para incubação há a criação de uma empresa” (E9)

No caso do projecto entrevistado (E10), este já existia com segmento de mercado essencialmente no Porto, mas quis seguir com o estatuto de trabalhadora independente na fase

de incubação em vez de constituir empresa. Depois da BC 2013 abandonou Cerveira pelo facto de ser da Figueira da Foz e não suportar os custos.

“Que pelo menos o nome da Bienal seja um factor de lançamento”“ (...), aqui não há tanta agitação, a atenção é mais concentrada em nós e tem a fama da Bienal” (E10)

No caso do projecto entrevistado (E11), constituiu-se enquanto empresa uma vez que passaram à fase de incubação. Este projecto teve mais visibilidade através da loja da Bienal, onde aproveitaram para vender os produtos no decorrer da XVII BC.

“Vimos como uma excelente oportunidade num *timing* perfeito e vemos como uma possível alavanca para a própria Vila, ou seja, de potenciar o crescimento de novas empresas na área, criação de mais público, sendo que Indústrias Criativas têm tudo a ver com Cerveira: a “Vila das Artes”, e esse *link* se for bem explorado pode ser muito interessante.”, e ainda “Esperamos quando arrancarmos para o mercado, que a marca “Bienal de Cerveira” seja uma das grandes vantagens para poder associar ao projecto, pois temos noção da notoriedade e do prestígio que lhe está associado” (E11)

4.3 Discussão dos dados obtidos

- **Importância da Bienal de Cerveira**

Conhecer a recepção da Vila à Bienal de Cerveira

Como frisa Hall (2001), as cidades não têm que ser necessariamente bem localizadas ou capitais nacionais. A pequena Vila de Cerveira é o reflexo que não é necessário ser um porto ou capital para ter esse potencial de geração de riqueza e estatuto de pólo de atracção que o autor acima refere. Apesar da população de Cerveira não ter acolhido a Bienal de Cerveira da melhor forma, a colisão da mentalidade retrograda com as obras e performances apresentadas, surgiu um efeito de curiosidade e ao mesmo tempo de ansia por mais Bienais. Cerveira conseguiu então apresentar potencial de “cidade criativa” pela receptividade a novos talentos, cultura, arte e criatividade. Sem a vontade e persistência dos artistas e políticos, a Bienal de Cerveira poderia ficar apenas por uma edição, o que realmente aconteceu foi que a mesma persiste e reinventa-se, como refere também Hall (2001) “provavelmente, nunca nenhuma cidade foi criativa sem uma renovação contínua da corrente sanguínea criativa”.

Descobrir a herança da Bienal de Cerveira ao longo dos tempos

O evento Bienal de Cerveira fez com que Cerveira evoluísse enquanto Município, surgindo instituições de ensino, associações, galerias, obras de arte no espaço público, e até

mesmo um rótulo de “Vila das Artes”. Para além do referido, foram também criadas estruturas e equipamentos que ajudam à geração de negócios e emprego e uma promoção da Região. Como refere Cançado (2010) este tipo de eventos “são muitas vezes a rampa de lançamento que as cidades necessitam para se revitalizarem e renovarem. (...) a criatividade e a cultura prometem poder funcionar como principais agentes catalisadores da organização do território e regeneração urbana, social e económica, geradoras de uma nova imagem e de um novo perfil global para a cidade”. Para Ferreira (2002), a cultura tem o poder de fazer com que haja transformações na cidade ao nível da vida e espaço da mesma.

Perceber a(s) chave(s) de sucesso da Bienal de Cerveira

Sendo Cerveira uma Vila receptiva a novas formas de cultura, e tendo características que levam ao sucesso da Bienal, Costa (1999) refere que as cidades se tornaram espaços privilegiados que oferecem uma crescente de possibilidades na área cultural. Cerveira com este evento cultural que oferece é exemplo da perspectiva de Costa (1999).

Compreender o papel dos artistas na organização

Os artistas enquanto impulsionadores, organizadores e responsáveis pela existência e fama da Bienal de Cerveira dão a este evento um cariz de reivindicação. Para Fortuna (1998) a importância das festas está associada a uma expansão das formas de cultura de representação; estas primeiras associam-se a estratégias de promoção das imagens das cidades e ao seu marketing turístico e cultural, a políticas de integração social e identitária, ou ainda as oportunidades de dinamização e programação cultural

• Determinar como através das actividades culturais e criativas se pode potenciar o valor patrimonial de uma cidade

A Bienal de Cerveira serviu para catapultar a Vila a nível local, como nacional e internacional de forma a tornar-se visível de outra perspectiva, não só como uma região rural.

Sendo Cerveira vista como um local rural, e sabendo que o público-alvo da Bienal de Cerveira não são os habitantes da Vila, tende-se a disponibilizar uma programação com actividades culturais para que haja, como Zukin (1989, p.58) refere, “uma apreciação activa de "artes" e de preservação histórica, que anteriormente eram da classe alta”.

Para Queirós (2007, p.8), “A cultura motiva, agiliza e legitima muitas das estratégias actuais de reconfiguração física, socioeconómica e identitária do espaço (...).”

Para José Madureira Pinto (Lopes, 2000) “Impõe-se criar e/ou salvaguardar infra-estruturas básicas especializadas e promover estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em todos os espaços sociais e sob todas as formas em que elas podem desenvolver-se”

- **Averiguar a evolução de um conceito de cidade cultural para cidade criativa marcada pelas Indústrias Criativas**

Entender a aposta dos jovens na geração de riqueza através da criatividade e propriedade intelectual

A IICBC recebe vários projectos por parte dos jovens, há cada vez mais jovens que se interessam em se formar no âmbito das Indústrias Criativas e que procuram apoio para avançar com as suas ideias de negócios.

A classe criativa que Florida (2002) define, é atraída por ambientes favoráveis, neste sentido a criatividade é assim realçada por contextos com forte identidade. Cerveira pode ser assim considerado um *creative milieu* (Landry, 2010), onde são atraídos estes indivíduos especializados que incorporam a comunidade do conhecimento. Ainda na perspectiva de Landry (2010), com o conceito de “cidade criativa”, enquanto cidade que promove uma atmosfera criativa, mediante três vertentes: a) leis, regulamentos e outros incentivos; b) criação de oportunidades; e c) favorecimento de um clima mental e intelectual reconhecido. Cerveira pode ser assim considerada uma “cidade criativa”.

Numa perspectiva de “bairros culturais” (Landry & Bianchini, 1995), a Arte é utilizada com o intuito de promover a imagem do lugar e a sua identidade.

Distinguir um campo cultural de tipo tradicional dum campo cultural marcado pelas Indústrias Criativas

A aposta nas Indústrias Criativas, associada à Bienal que traz e visa trazer mais dinamismo e empreendedorismo criativo à Vila.

Como é dito por Camilo (2009), é visível uma aposta na criatividade enquanto factor de desenvolvimento de diversas cidades portuguesas, Vila Nova de Cerveira não foge à regra sendo que esta seguiu o caminho da inovação e criatividade com a criação da IICVN, o mesmo autor ideia de que o grande objectivo é procurar um novo sector económico de

elevado valor acrescentado assente nas IC. Sendo Cerveira uma Vila com uma história e fama da sua tradição com as artes – Vila das Artes – o interesse pela criatividade tornou-se óbvio à luz da opinião dos entrevistados, e para além disso, é uma aposta ganha com expectativas de ter ainda mais sucesso.

Justificações para a aposta nas IC em Cerveira

Sendo esta aposta uma consequência natural da evolução da história da BC, e como o ecossistema criativa sempre existiu em Vila Nova de Cerveira, é também para seguir com a intenção de inovação e empreendedorismo que ela se sustenta.

Segundo o estudo sobre o Desenvolvimento do Cluster Criativo na Região Norte de Portugal (Fleming *et al*, 2008), a criatividade é almejada com o intuito de promover o crescimento e a vitalidade das cidades. Ainda sob a perspectiva deste estudo, está patente em Cerveira o que é necessário para a materialização do conceito “cidade criativa”: i) estimular a transformação digital – inovação, transferência tecnológica e promoção de negócios; ii) estimular a transformação física – re-conceitualizar, re-imaginar o espaço urbano; e iii) estimular a curiosidade e interesse pelo património nacional e o consequente activo envolvimento.

Para Florida (2002), as cidades constituem as chaves económicas e as unidades organizativas sociais para a Era Criativa, desde a criação de incubadoras onde é enquadrado o capital humano nas oportunidades e promovidas ideias para lugares e inovação onde investir.

A Incubadora surgiu de forma natural, uma vez que Cerveira sempre se manteve na vanguarda da Arte, Cultura e Criatividade. Segundo Landry e Bianchini (1995, p.11) “foram os locais que concederam às pessoas o espaço para concretizar as suas ideias, necessidades, inspirações, sonhos, projectos, conflitos, memórias, ansiedades, amores, paixões, obsessões e medos”.

Como foi referido, as cidades constituíram, ao longo do tempo, a maioria dos locais onde indivíduos e culturas se misturam e onde a sua interacção gera novas ideias e instituições, a IICBC é a prova disso.

A IICBC pode ser também vista sob a óptica de Porter (1998, p.77), uma procura por parte de Cerveira de adoptar a visão *business cluster* – “concentrações geográficas de empresas relacionadas (...) não só competindo, mas também cooperando entre si”. Aqui entra também o espírito *co-work* que é incentivado na IICBC. Caves (2000), defende estes *business clusters* pelo seu papel na promoção do sucesso da cidade no século XXI, ao potenciar a atracção de capital humano qualificado que crie e aplique conhecimento no desenvolvimento

destes mesmos *business clusters* de Indústrias Criativas perante uma economia globalizada. Os incubados salientam que a possibilidade de diálogo e partilha de opiniões entre os colegas vai dando impulso a trabalhar.

Verificar o impacto das Indústrias Criativas em Cerveira

A IICBC é ainda assim, na óptica artistas, uma iniciativa que merecia mais atenção às necessidades dos jovens criativos, como um maior apoio ao nível de financiamento e condições gerais para a criação. Segundo os projectos incubados as condições oferecidas são tidas como uma ajuda válida, mas consideram que o facto de terem as formações o vínculo à Bienal de Cerveira a grande vantagem desta Incubadora comparativamente às outras existentes no Norte de Portugal.

Para Gonçalves (2008, p.11) “a cultura e as «indústrias criativas» têm sido determinantes para a (re)produção e (re)criação dos espaços urbanos; podemos mesmo afirmar que alguns locais foram reconstruídos ou até concebidos propositadamente para o turismo e para o lazer.”

As entrevistas realizadas demonstram a importância da Bienal de Cerveira enquanto evento potenciador do desenvolvimento económico e cultural de Vila Nova de Cerveira. O sucesso da BC vem do grande apoio político que sempre houve em torno da organização da mesma, bem como do impulso dos artistas directamente relacionados com o evento.

De facto, os testemunhos recolhidos validam que a Bienal de Cerveira teve um papel reivindicativo no seu surgimento, a harmonia entre artistas colidia com a mentalidade rural dos cerveirenses nas décadas de 70 e 80. A Bienal foi ganhando dimensão e actualmente é a população do Município que pergunta quando será a próxima Bienal. As características da Vila salientam a paixão com que os artistas e visitantes vêem Cerveira, há realmente um casamento entre a serra e rio com a arte contemporânea.

Todos os entrevistados colaboraram com todo o seu interesse, e é de notar o carinho que cada um deles aborda o tema Bienal de Cerveira. Existem sempre os pormenores que caracterizam uma Vila pequena, e essas curiosidades acabam por enriquecer a pesquisa. Na disponibilidade demonstrada com que facilitaram dados históricos e documentos fundamentais para esta investigação, torna-se perceptível a consideração que têm pelo evento e a satisfação que o mesmo seja estudado/divulgado através de uma dissertação de Mestrado.

Dos contactos efectuados, acabou por se tornar mais visível e evidente a voz institucional, tendo sido dado menos destaque à percepção ou às impressões da população cerveirense enquanto parte interessada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da presente investigação emergiram alguns tópicos acerca dos quais é importante reflectir. Antes de mais, uma vez que a presente dissertação tem por base a observação de um estudo caso, materializado na Bienal de Cerveira, acolhida pela Vila Nova Cerveira.

Neste sentido, o levantamento e análise de dados suscitaram um foco no modo através do qual Vila Nova de Cerveira reflecte a importância deste evento cultural, nomeadamente em termos da recepção da Vila e dos seus habitantes, da sua repercussão, das suas chaves de sucesso e o papel dos artistas na organização da Bienal de Cerveira. Se uma recepção inicial foi pautada por estranheza e desconfiança por parte dos habitantes da Vila, em contraste com a postura reivindicativa e interventiva dos artistas, estas abordagens reverteram-se, no sentido de uma simbiose que acabou por beneficiar a todos os intervenientes. A identidade de Cerveira, ilustrada fielmente pelo rótulo "Vila das Artes", o qual os habitantes empregam com orgulho, é repercussão do movimento que a Bienal gerou em torno de si na própria Vila, ao acolher e incitar a instauração de iniciativas como festivais, instituições de ensino e associações culturais. O estudo foi relevante no sentido de entender que as actividades/eventos culturais e criativos potenciam o desenvolvimento de uma cidade, bem como o seu valor patrimonial. Relativamente ao objectivo proposto de averiguar a evolução de uma cidade cultural para cidade criativa marcada pelas Indústrias criativas, denota-se que um paradigma cultural como Vila Nova de Cerveira se apoiou nas Indústrias Criativas, para dinamizar o empreendedorismo criativo e desenvolver assim um novo ideal para abranger novos mercados e atrair novos talentos criativos.

As inferências acima enumeradas permitem a constatação de um horizonte demarcado por uma evolução — mais até que uma revolução — no discurso cultural subjacente às perspectivas de todos os intervenientes neste contexto, que encerra em si a transformação do paradigma identitário da Vila, para a qual a instauração da Bienal contribuiu significativamente.

Constata-se assim que as conclusões apresentadas mencionam não só o objectivo geral a que pertencem mas também o enquadramento que ajudou a concluí-las.

A investigação qualitativa permitiu dar visibilidade às ideias dos indivíduos sobre a Bienal de Cerveira e consequentemente dar visibilidade a este evento e as suas actividades conexas.

Apesar dos objetivos de investigação terem sido cumpridos, e a questão de investigação ter sido respondida, esta investigação comporta algumas limitações. O facto das entrevistas não terem sido desde início direccionadas para a concretização dos objectivos gerais e específicos desta investigação, pode ser apontado como uma limitação do estudo. Ainda são consideradas limitações o facto de serem insuficientes as publicações relativas à Bienal de Cerveira, isto para interpretar a renovação do discurso cultural latente exclusivamente em publicações e documentos oficiais, bem como a falta de acessibilidade a algumas figuras de destaque que influenciaram a evolução da Bienal de Cerveira (Daniel Isidoro e Silvestre Pestana). Como sugestão para um estudo futuro destaca-se a necessidade de analisar as consequências económicas e sociais em Vila Nova de Cerveira tendo a Bienal de Cerveira como foco exploratório.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- Adorno, T. (1996). Teoria da Semicultura. *Educação e Sociedade*, 56, pp. 388-411.
- Adorno, T. (2006). *Sobre a Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Galicia Norte de Portugal (2012). *Estudo das Indústrias Culturais e Criativas Norte de Portugal e Galiza*. Galiza: AGADIC e ADDICT
- Alves, S. (2011). *Cidades Criativas: Um Fenómeno Contemporâneo de Impacto Urbano e sua Recente Expressão em Portugal*. Dissertação Mestrado, Faculdade Arquitectura Universidade Porto, Portugal.
- Ascher, F. (1995). *Métapolis ou l'avenir des villes*. Paris: Éditions Odile-Jacob.
- Ascher, F. (2001). *Les nouveaux principes de l'urbanisme. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour*. Paris: Éditions de l'Aube
- Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira (1994). *16 anos [de] Bienal de Vila Nova de Cerveira: Premiados, espólio e história*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.
- Boniface, P. & Fowler, P. (1993). *Heritage and tourism in "the global village"*. London and New York: Routledge.
- Bonnell, V. E. & Hunt, L. (1999). *Beyond the Cultural Turn New Directions in the Study of Society and Culture*. London: University of California Press
- Bovone, L. (1997). Os novos intermediários culturais. Considerações sobre a cultura pós-moderna. In C. Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, (pp.105-116). Oeiras: Celta Editora.
- Bradford, N. (2004). *Creative Cities Structured Policy Dialogue Backgrounder. Background Paper F46 Family Network*. Ontario: Canadian Policy Research Networks.
- Cançado, S. (2010). *Novos polos criativos em Lisboa*. Relatório de estágio desenvolvido no âmbito do Mestrado Gestão do Território da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

- Camilo, V. (2009). *As cidades e a Criatividade*. Trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado Gestão do Território da Faculdade Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Carreira, P. A. (2010). *Henrique Silva – As múltiplas vidas de um homem só – Uma biografia possível do Pintor Henrique Silva*. Porto: Cooperativa Árvore.
- Castells, M. (1996). *The rise of the network society: the information Age: Economy, Society and Culture. Vol. 1*. Massachusetts, Oxford: Blackwell Publishers.
- Castro, L. (2004). *Jaime Isidoro – A história de um olhar*. Porto: ASA Editores.
- Castro, L. (2013). *José Rodrigues Anos 60/Anos 70 Desenho e Escultura*. Porto: Cooperativa Árvore.
- Caves, R. E. (2000). *Creative Industries: contacts between art and commerce*. Cambridge: Harvard University Press.
- Centeno, M. J. A. (2009). A política cultural em Portugal na entrada do novo século. Comunicação Política. In *6º Congresso SOPCOM*, (pp.2981-2992). Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.
- Collins, H. (2010). *Creative Research: The Theory and Practice of Research for the Creative Industries*. Laussane: AVA Publishing.
- Conde, I. (1987). O sentido do desentendimento nas Bienais de Cerveira: arte, artistas e público. *Sociologia. Problemas e Práticas*, 2, pp. 47-68.
- Costa, P. (1999). Efeito de «meio» e desenvolvimento urbano: o caso da fileira da cultura. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 29, pp.127-149.
- Costa, P; Seixas, J. & Oliveira, A. (2009). Das Cidades Criativas à Criatividade Urbana? Espaço, Criatividade e Governança na Cidade Contemporânea. In *Actas do 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde, 15º Congresso da APDR – Cabo Verde, Redes e Desenvolvimento Regional*. Cidade da Praia: Universidade Piaget.
- Cunningham, S. (2003), *From Cultural to Creative Industries: Theory, Industry and Policy Implications*. Consultado Fevereiro, 2013 em http://eprints.qut.edu.au/588/1/cunningham_from.pdf
- DCMS - Department of Culture, Media and Sports (2005). *Creative Industries Taskforce of Culture*. Consultado Fevereiro, 2013, em <https://www.gov.uk/government/organisations/department-for-culture-media-sport>

- DCMS - Department of Culture, Media and Sports (2007). *Creative Industries Mapping Document*. Consultado Fevereiro 2013, em <https://www.gov.uk/government/organisations/department-for-culture-media-sport>
- Delle Donne, M. (1983). *Teorias sobre a cidade – Arte e comunicação*. São Paulo: Livraria Nartism Fontes.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2005). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research* (3ª edição), (pp. 1-33). Londres: SAGE Publications.
- Evans, G. (2005). *Measure for Measure: Evaluating the Evidence of Culture’s Contribution to Regeneration*, 42(5-6), pp. 1-25.
- Ferreira, C. (2002). Notas para um programa de investigação sobre a difusão das culturas urbanas. *Intermediação cultural e grandes eventos*, 167.
- Fleming, T. et al. (2008). *Estudo Macroeconómico - Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte de Portugal*. Porto: Fundação Serralves.
- Florida, R. (2002). *The Rise of the Creative Class. And how it’s transforming work, leisure, community and Everyday Life*. New York: Basic Books.
- Fortuna, C. et al. (2003). *Intermediários culturais, espaço público e cultura urbana. Um estudo sobre a influência dos circuitos culturais globais em algumas cidades portuguesas. Relatório de Investigação*. Coimbra: CES – Centro de Estudos Sociais.
- Gibson, C. & Klocker, N. (2005). The “Cultural Turn” in Australian Regional Economic Development Discourse: Neoliberalising Creativity?. *Geographical Research*, 43 (1), pp. 93-102.
- Gonçalves, A. R. (2008). As Comunidades Criativas, o Turismo e a Cultura. *Revista dos algarves*, 17, pp. 10-18.
- Grupo Alvarez (1978). *Catálogo I Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira
- Guilford, J. P. et al. (1959). *Creativity and its cultivation*. New York: Harper and Row Publishers.
- Guilford, J. P. (1970). Traits of Creativity. In P. E. Vernon (Ed.), *Creativity*, (pp. 167-188). New York: Harper & Row Publishers.

- Hall, P. (2001). *Cities in Civilization: culture, innovation and urban order*. London: Trafalgar Square.
- Harvey, D. (1989). *The Urban Experience*. Oxford: Basil Blackwell.
- Landry, C. (2000). *The Creative city, a toolkit for urban innovators*. Londres: Earthscan Publications Ltd.
- Landry, C (2005). London as a Creative City. In J. Hartley, *Creative Industries*, (pp. 233-243). Oxford: Blackwell Publishing.
- Landry, C. (2006). *Lineages of the Creative City*. Consultado Fevereiro, 2013 em <http://pt.scribd.com/doc/79234673/Landry-Lineages-of-Creative-City>
- Landry, C. (2008). *The Creative City. A toolkit for Urban Innovators. Second edition*. London: Earthscan.
- Landry, C. & Bianchini, F. (1995). *The Creative City*. London: Demos.
- Leão, M. (2007). *Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira: espólio*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos
- Leão, M. et al. (2008). *30 Anos: Bienal de Cerveira 1978-2008 / [XV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira]*. Vila Nova de Cerveira: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.
- Lopes, J. (2000). *A cidade e a cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto
- Mateus, A. (Coord.) (2010). “Sector Cultural e Criativo em Portugal”, *Relatório Final, Estudo para o Ministério da Cultura (GPEARI)*. Consultado em Fevereiro 2013 em <http://www.portaldacultura.gov.pt>
- May, R. (1959). The Nature of Creativity. In H. Anderson (Ed.), *Creativity and its cultivation*, (pp 55-68). New York: Harper & Row Publishers.
- Minerbo, M. (2009). *Neurose e Não-Neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mitchell, W. (1995). *City of bits: Space, place and Infobahn*. Cambridge: The MIT Press.
- Pinto, J. M. (1995). “Intervenção Cultural em Espaços Públicos”. In M. L. Santos, *Cultura & Economia, Actas do Colóquio Realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*, pp. 191-207. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

- Porter, M. (1998). Clusters and the new economics of competition. *Harvard Business Review*, 76(6), p. 77.
- Porter, M. (2000). Local clusters in global economy. In J. Hartley, 2005 (ed), *Creative Industries*. London: Blackwell Publishing.
- Pucci, B. (1998). *A Educação Danificada. Contribuições à Teoria Crítica da Educação*. Petrópolis: Vozes/EDUFS Car.
- Punter, J.(1999). *Design Guidelines in American Cities – a review of design policies and guidance in five West Coast cities*. Liverpool: Liverpool University Press.
- Queirós, J. (2007). *O lugar da cultura nas políticas de reabilitação de centros urbanos: apontamentos a partir do caso do Porto*. Instituto de Sociologia do Porto, p.8. Versão portuguesa da comunicação apresentada pelo autor na First International Conference of Young Urban Researchers (Lisboa, ISCTE, 11 e 12 de Junho de 2007), intitulada “The role of culture in urban regeneration
- Santos, A. (2009). *Conceito e importância económica de Indústrias Criativas com aplicação, em termos de classificação e mensuração, ao caso português*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal.
- Silva, A. S. (1994). *Tempos Cruzados. Um estudo interpretativo da cultura popular*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, A. S. et al.(1998). Agentes culturais e públicos para a cultura: alguns casos ilustrativos de uma difícil relação. *Cadernos de Ciências Sociais*, 18, p.67.
- Silva, A. S. e Fortuna, C. (2001), As Cidades do Lado da Cultura: Espacialidades Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural. In B. S. Santos (Org.), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, (pp. 409 - 461). Porto: Afrontamento.
- Santos, M. (1995). ”Cultura dos ócios” e utopia. In M. Santos, *Cultura e Economia*, (pp. 153-165). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Selada, C. & Cunha, I. V. (2008). A criatividade é um “produto” urbano?. *Jornal Público de 4 de Fevereiro*, p. 35.
- Selby, M. (2004). *Understanding Urban Tourism – Image, culture and experience*. New York: I.B. TAURIS.
- Silva, A. S. (2007). Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro, *Sociologia – Problemas e Práticas*, 54, pp. 11-33.

- Simmel, G. (1997). A metrópole e a vida do espírito. In C. Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, (pp. 31-44). Oeiras: Celta Editora.
- Soares, L. B. (2010). *José Rodrigues*. Porto: Cooperativa Árvore e Casino da Póvoa de Varzim.
- Tylor, E. B. (1871). *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art and Custom*. New York: Brentano's.
- Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico (2005). *Indústrias Criativas - Documento de trabalho n.º 8*. Lisboa: Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico
- Williams, R. (1983). *Keywords*. New York: Oxford University Press.
- Yin, R. (2003). *Applications of Case Study Research*. California: Sage Publications.
- Zukin, S. (1989). *Loft Living, Culture and Capital in Urban Change*. New Brunswick: Rutgers University Press.

Websites

<http://www.portaldacultura.gov.pt> (consultado em Fevereiro 2013)

<http://www.bienaldecerveira.pt> (consultado em Fevereiro 2013)

<https://www.gov.uk/government/organisations/department-for-culture-media-sport>
(consultado em Fevereiro 2013)

<http://www.youtube.com/watch?v=gjR7Fq00IUA> (Consultado em Março 2013)

http://www.vart.pt/producao/artistas/detalhe_artista.php?nomeArt=ISIDORO,%20JAIME&numArt=306. (consultada em Setembro 2013)

<http://zadokbendavid.com/portfolio/item/antartica/> (consultado em Setembro 2013)

APÊNDICE A – Estrutura das entrevistas

António Pereira Torres (E1)

- Como vê a evolução da Bienal de Cerveira? Como lê os sinais de mudança?
- Que estruturas nasceram como repercussão da Bienal de Cerveira?
- Qual a importância da Bienal de Cerveira para a Vila?
- Porquê o rótulo “Vila das Artes”?
- Como surgiu a Fundação? Quais os objectivos?
- Organigrama da Fundação. Qual a dimensão?
- Utilizam uma estrutura permanente. Como definem/ descreve essa estrutura?
- Porquê a aposta na Incubadora de Indústrias Criativas?
- O que traz este novo modelo direccionado para as indústrias criativas?
- Que tipo de projectos e quantos existem na área das indústrias criativas na Incubadora?
- Qual a importância do programa de residências que realizam na Casa do Artista?
- Qual a ligação entre a Escola Superior Gallaecia e a Bienal de Cerveira? Há algum programa para os alunos terem contacto com a Incubadora?

José Carpinteira (E2)

- Como vê a evolução da Bienal de Cerveira? Como lê os sinais de mudança?
- Que estruturas nasceram como repercussão da Bienal de Cerveira?
- Qual a importância da Bienal de Cerveira para a Vila?
- Porquê o rótulo “Vila das Artes”?
- Qual o papel da Câmara em termos de contribuição?
- Que modelo segue a Câmara nessa intervenção na Bienal de Cerveira?
- Qual o número de visitantes em ano de Bienal e de não Bienal?

José Rodrigues (E3)

- Como vê a evolução da Bienal de Cerveira? Como lê os sinais de mudança?
- Que estruturas nasceram como repercussão da Bienal de Cerveira?
- Qual a importância da Bienal de Cerveira para a Vila?

- Porquê o rótulo “Vila das Artes”?
- A arte pública em Cerveira veio a desenvolver como consequência na aposta no desenvolvimento da Bienal de Cerveira?
- Que diferenças há entre o pré e o pós fundação?
- Porquê a aposta nas Indústrias Criativas por parte da Fundação? Acha que favoreceu a Vila?
- Porquê a residência em Vila Nova de Cerveira? Porquê o interesse no Convento de S. Payo?

Henrique Silva (E4)

- Como vê a evolução da Bienal de Cerveira? Como lê os sinais de mudança?
- Que estruturas nasceram como repercussão da Bienal de Cerveira?
- Qual a importância da Bienal de Cerveira para a Vila?
- Porquê o rótulo “Vila das Artes”?
- Como foi assistir à evolução da Bienal de Cerveira como integrante e como externo à organização?
- Há estruturas que surgiram por causa da Bienal de Cerveira (directamente ou não)?
- Qual a ligação entre a Escola Superior Gallaecia e a Bienal de Cerveira? Há algum programa para os alunos terem contacto com a Incubadora?

Sr. Teles (E6)

- Como vê a evolução da Bienal de Cerveira? Como lê os sinais de mudança?
- Que estruturas nasceram como repercussão da Bienal de Cerveira?
- Qual a importância da Bienal de Cerveira para a Vila? “Vila das Artes”?
- A arte pública em Cerveira veio a desenvolver como consequência na aposta no desenvolvimento da Bienal de Cerveira?
- Que diferenças há entre o pré e o pós fundação?
- Porquê a aposta nas Indústrias Criativas por parte da Fundação? Acha que favoreceu a Vila?

Henrique Do Vale (E7)

- Como vê a evolução da Bienal de Cerveira? Como lê os sinais de mudança?

- Que estruturas nasceram como repercussão da Bienal de Cerveira?
- Qual a importância da Bienal de Cerveira para a Vila?
- Porquê o rótulo “Vila das Artes”?
- Há estruturas que surgiram por causa da Bienal de Cerveira?

Diamantino Costa (E8)

- Como vê a evolução da Bienal de Cerveira? Como lê os sinais de mudança?
- Que estruturas nasceram como repercussão da Bienal de Cerveira?
- Qual a importância da Bienal de Cerveira para a Vila? “Vila das Artes”?
- A arte pública em Cerveira veio a desenvolver como consequência na aposta no desenvolvimento da Bienal de Cerveira?
- Qual o seu envolvimento com a Bienal de Cerveira?
- Que diferenças há entre o pré e o pós fundação?
- Porquê a aposta nas Indústrias Criativas por parte da Fundação? Acha que favoreceu a Vila?

Projectos Incubadora (E9, E10 e E11)

- Qual o nome do projecto?
- Quem é? De onde é?
- Como teve conhecimento da Incubadora de Indústrias Criativas da Bienal de Cerveira?
- Em que fase estava o seu projecto antes da inscrição na pré-incubação?
- Qual a área das Indústrias Criativas em que se insere o projecto?
- Como vê esta iniciativa da Fundação, esta aposta nas Indústrias Criativas?
- Porquê Cerveira?
- Que condições são oferecidas aqui?
- Que oportunidades espera ter com esta experiência?
- Sem esta incubação seria possível avançar com o seu projecto?

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas

António Torres (E1)

Desde o início da fundação, tendo sido constituída em 2009, reconhecida em 2010. Maio de 2010. Vários modelos de organização da bienal, ao longo dos 35 anos, tendo havido o município de Cerveira contratando serviços externos, Posteriormente houve também a Associação projeto cultural, que durante 15 anos. Associação privada de artistas formada em vila nova de Cerveira, tendo finalmente em 2010 voltou para a posse do Município, no entanto assume através de fundação, em conjunto com 9 mais associados, sendo o município de Cerveira o maior associado. O município é responsável por 80% do fundo através do qual funciona a fundação. Deste modo, o presidente da fundação é também o presidente da câmara municipal de Vila Nova de Cerveira, tendo colaborado no entanto com a Bienal de Cerveira já ao longo de 20 anos, estando bem enquadrado nas tradições e funcionamento da Bienal. Não existe financiamento por parte do orçamento de estado, não tendo tido cortes no orçamento dado nunca ter havido financiamento por parte do Estado. No entanto, a bienal faz candidaturas a fundos e turismo. É responsável pela administração, pela produção executiva da fundação da bienal. Existe durante a bienal uma direção artística, externa à fundação, contratada, neste caso o Sr. Augusto Tenente, prestando serviços de direção artística da 17º bienal de Cerveira. Acompanha e define as linhas programáticas da própria bienal, Teresa faz apoio à produção/ programação. Existe uma pessoa que faz a parte financeira e logística, outra pessoa responsável pelo secretariado, sendo recorrido também a uma contratação parcial de responsável pela comunicação e imagem. Internamente, existem 2 a 3 pessoas que ajudam na montagem, com a ajuda do município (desde carpinteiros, pintores) existindo também voluntários que ajudam na bienal. Dos 115 colaboradores na Bienal, 65 são voluntários, nacionais e internacionais.

Há uma Escola Superior privada de arquitectura, artes multimédia e design, há uma escola profissional que se dedica também a essas áreas, há uma livraria que faz tertúlias de um escritor que escolheu Cerveira para viver, está cá José Rodrigues no Convento San Payo, um festival de cinema, há um Cerveira Creative Camp, há galerias, associações como a Projecto, e nada disto é por acaso. Tudo isto sedimentou este lugar criativo.

Somos sócios da ADDICT, esta não dá um contributo directo à bienal, sendo uma organização que procura defender e contribuir para a construção de um cluster nos seus sentidos na região norte. A ADDICT é importante para nós, tendo feito laboratórios criativos

com eles, já tendo tido conferências com a presença da *addict*, contribuindo as duas organizações no incentivo na elaboração de eventos uma com a outra, em prol do desenvolvimento e da estruturação deste cluster das indústrias criativas no Norte. A aposta da incubadora, para a bienal de Cerveira é uma consequência natural, aquando da organização da primeira bienal, esta a génese de local e cidade criativa. Ao longo destes 30 anos, e tendo em conta que as indústrias criativas só têm cerca de 4 a 5 anos, este lugar funcionou e tem os seus resultados, tendo aparecido em Vila Nova de Cerveira um conjunto de dinâmicas interligadas e consequentes da existência da bienal, tal como a existência de uma escola superior de arquitetura, artes multimédia e *design*, não sendo por acaso ter vindo para a Cerveira, tal como um outro conjunto de ideias, galerias que não apareceram em Cerveira sem ser por acaso. Quanto em 2007 aparece o estúdio, em que se definem as estratégias para o cluster das indústrias criativas na região norte, e já com o novo QREN, abrem as candidaturas para o CACIC infraestruturas, em que aparece a oportunidade da região ir ao encontro da estratégia definida nesse estudo, que teve como um dos outputs principais a constituição da *ADDICT*. Aquando dessa oportunidade, em Vila Nova de Cerveira pensou-se: temos que lá estar. Com o aparecimento de uma nova vaga de criadores, criatividade, empreendedorismo, novos criativos, naturalmente pensamos, temos que cá estar pois temos tudo para lá estar. Há gente que está e que por vezes não tem bases para alimentar isso. Nós temos história, ao longo destes anos, muitos artistas escolheram Vila Nova de Cerveira para viver e ter os seus ateliéres, e tudo isto tem o seu impacto. Também estamos aqui entre Vigo e o Porto e fazemos uma boa ligação entre as duas regiões e áreas metropolitanas e pensamos que não podíamos deixar de estar, caso não estivéssemos, passaríamos de fora de um *upgrade* a nível do ponto de vista conceptual e da geração e dedicação de valor económico. Deste modo, fizemos um esforço muito grande para lá estar e conseguimos, também não é por acaso que na região norte dos projetos todos aprovados, o único que está fora da área metropolitana do porto e do eixo Braga-Guimarães, o único projeto que foi aprovado foi Vila Nova de Cerveira, é o único projeto quase divergente, um projeto de periferia que aparece neste *cluster*. Também não é por acaso, foi reconhecido que Vila Nova de Cerveira tem uma dinâmica muito própria e que tem potencial. Estivemos atentos, apareceu uma oportunidade que vimos que tínhamos todas as condições e aproveitamos.

Fundamentalmente, fizemos uma primeira fornada com 10 projetos para pré-incubação, onde estes estão aqui durante 6 meses num programa de pró-empendedorismo, onde efetuamos vários *workshops* de gestão, de base financeira, com os objetivos de ao final dos seis meses os projetos amadurecerem e cimentarem as suas ideias, o seu conceito e prova de um projeto e que estejam aptos para apresentar um *business plan* e poderem apresentar as

candidaturas para incubação, fase seguinte. do primeiro grupo de 10, 8 apresentaram candidatura para incubação, tendo já aberto 10 mais candidaturas para pré-incubação.

Temos parcerias com diversas entidades com as quais formatamos o programa. Depois são efetuadas algumas ações, algumas palestras com o objetivo de fomentar também o *networking*. Isto é importante para eles, mais importante que isso é poderem andar neste ambiente. Outros pontos, não menos importantes também abordados, a nível de gestão e organização, aqui dentro, cada pré-incubado são flexíveis. Tanto ocupamos um posto de trabalho como alugamos um espaço, Cada projeto em pré-incubação tem direito a um posto de trabalho. Existe gestão partilhada de custos e comunicações, dados, impressão, em que cada projeto tem um login e *password* para registar os usos, e no final do mês pagam os custos que efetuam. Além disso, pagam 50€ por mês, na pré-incubação. Em incubação já existem outras modalidades, tal como posto de trabalho, de gabinete. Fundamentalmente, o que proporcionamos, para além do espaço, pois o aluguer que pagam não é para alugar espaço, é com um objetivo social, para criar dinâmica. Mas, mais importante é a participação neste ambiente, nas parcerias, quando forem admitidos em incubação, há um upgrade do nosso envolvimento, neste momento, em pré-incubação, não lhes é permitido associar a nossa marca aos seus projetos, por uma questão de reserva. pois não é possível prever quantos projetos poderão ficar para incubação, dois desistiram, só oito apresentaram projeto para incubação. Só os projetos que passam à fase de incubação ai sim é que existe um envolvimento maior com eles, colaborando até por vezes com algumas coisas simbólicas. Dos projetos que ficam connosco, já existe compromisso de 1, 2, máximo 3 anos, em que nos permite por exemplo criar uma conta e-mail com diretório @incubadora.bialdecerveira.pt, e ai já vão usar uma conta que também nos compromete a nós. Isto tem a ver também com as respostas que eles dão e quanto mais empenho e responsabilidade sentirmos por parte deles, então maior será o nosso envolvimento. No primeiro período de pré-incubação eles estão cá mas não têm *features* para fazer um roadshow aqui dentro, enquanto não estiverem cá, com um vínculo mais serio. No entanto em período de incubação já podem fazer um show-room para mostrar os seus produtos, pois cá dentro têm a nossa marca.

Os projetos desenvolvidos são na era do audiovisual, design, design contemporâneo, inspirados nos produtos locais com o objetivo de criar novos produtos, desenho e pintura, arquitetura. Também um projeto em comunicação e marketing.

José Carpinteira (E2)

A Bienal desde os quintos Encontro de artistas em Agosto de 1978 está mais consolidada. As primeiras cinco edições foram dirigidas pelo pintor Jaime Isidoro (director artístico). Houve um confronto de artistas com um meio rural, mexeu com algumas consciências, um impacto forte na população local e ao nível nacional, surgiu a curiosidade (comunicação social) sobre o q se faria numa terrinha como Cerveira. Na VII Bienal, director artístico José Rodrigues, aposta em *design*, nesse ano houve mudança política na câmara (89). A câmara avaliou através de reuniões, conferências com artistas e antigos organizadores para saber que modelo queriam seguir. Para a Bienal de 92, Bienal ainda com Jaime Isidoro com modelo das bienais anteriores. Em 90 não houve bienal, e deixou de ser nos anos pares. Entre 88 e 95 houve uma indefinição. Viram que era importante ao nível de promoção da cidade, com o seu impacto e importante para os artistas. Das reuniões surgiu a associação Projecto presidida pelo Pintor Henrique Silva e director artístico da bienal, o modelo de organização deixou de ser da Camara mas sim para a associação de artistas. A Câmara Municipal Vila Nova de Cerveira apoiava financeiramente, mas a projecto era responsável pelo programa. Em 2009 criaram a fundação Bienal de Cerveira, porque entenderam que o modelo da associação projecto estava esgotado. Entenderam q para dar mais garantias e projecção exterior, acharam mais adequado criar uma associação. 16ª foi a primeira totalmente organizada pela fundação. Constituída pelo fundo financeiro da CM e mais 12 entidades públicas e privadas para construir a fundação. Director artistico Augusto Canedo. Tem um caracter permanente, cinco pessoas que vão trabalhando com o objectivo de organizar, internacionalizar e realizar outras actividades.

Desde a primeira Bienal cedeu espaços para realização da bienal, pavilhão desportivo, depois em carpas, e ultimamente no fórum cultural e espaços ao longo da vila; espalhados por outros municípios do vale do Minho, Porto, Vigo, e nesta em Braga e Santiago de Compostela. Em anos de Bienal há muito mais visitantes na Vila, começou por 50 mil e agora ronda 100 mil. Ajudou na economia local.

A bienal não tem como público-alvo os habitantes da Vila. Na 1ª fase havia mais interação, por ser novidades, discutindo. Foi-se perdendo essa ligação. Interagem de forma diferente, se acabasse perdia-se um legado bastante importante. A Câmara Municipal tem o programa serviço educativo, “Bienal dos pequeninos” em ano não bienal com alunos em anos não bienal. E tem como objectivo cobrir também para os adultos. A bienal hoje em dia não se faz tanto por Cerveira, mas para o exterior.

Estruturas q cresceram desde ai: escola profissional e escola Gallaecia. Cerveira deu um salto qualitativo ao nível do ensino devido à bienal. Gente que escolhe Cerveira como 2ª habitação.

Derivando para as indústrias criativas, com a aposta na incubadora, uma área nova que com o historial da Bienal pareceu logico apostar por ai. Cerveira é o único centro mais mais descentralizado e periférico e rural a oferecer indústrias criativas. Tem havido pessoas a concorrer com projectos.

Vila das artes, a partir 1990 com o Prof. Henrique Silva no início de uma forma tímida porque não havia estruturas físicas que se pudessem considerar relevantes para se assumirem como tal. Mas hoje em dia sim.

José Rodrigues (E3)

Cerveira é um sítio inspirador, pessoas acolhedoras. Vê-se tudo a crescer em ano de Bienal. A novidade, imprevisto, provocação. Depende muito se as pessoas gostam de participar, circunstâncias, meio político. A bienal sofreu muito por meio político. Escola superior de arquitectura, escola superior de artes e ofícios que sem a bienal não existiriam. Os cerveirenses ainda vêem como estranho. Cerveira porque é uma terra lindíssima, montanha, rio, convento. A vila das artes. O rótulo depende de nós. A ajuda da câmara tem sido muito boa. A cultura é como betão para cobrir as autoestradas. Sem a bienal não haveria arte em Cerveira, vem muito de factores económicos. A cultura fica cara, fazer arte custa caro A existência da fundação é importante, sou mais apologista pela paixão. Sem paixão não há nada. É evolução. Os artistas perdiam-se, é melhor agora com disciplina. A bienal continua porque é uma terra pequenina, se fosse uma cidade já não existia. Deveria haver mais iniciativas para acolher os artistas, através de mais residências. Henrique Silva e Jaime Isidoro foram os mais impulsionadores da internacionalização

Pintor Henrique Silva (E4)

A Bienal atravessou 3 fases: 1978 - Jaime Isidoro e Engº Lemos Costa, queriam fazer uma exposição, mas com o entusiasmo do espaço que Cerveira tinha, houve uma aposta pontual, sempre com uma ligação política. Calvário Magalhães e José Rodrigues fizeram a Bienal Criação, foi criada uma associação local ARCA (Associação Regional Cultura e Arte) que tinha por fim, ligada a uma escola profissional, o desenvolvimento das Bienais de Cerveira. Fizeram uma bienal, na segunda já tiveram problemas financeiros. Que era na altura a sétima, tinha programa mas não conseguiram financiamento. Não conseguiram os apoios e

mudou a política de Cerveira para PS, Carpinteira quis retomar com as bienais, e nessa altura chamou Henrique Silva e Jaime Isidoro. A VII Bienal já suponha infra-estruturas da Câmara e os dois artistas como agentes culturais do projecto, custou muito caro, não havia nada foram alugados pavilhões de lona, construído pavilhão que depois caiu. Parou mais um ano para reflectir, no ano da bienal que não houve, foi realizado um encontro com elementos especializados da crítica de arte: Fernando Penes, Agustina Bessa Luís, Rui Mário Gonçalves, sete ou oito intervenientes onde se fez um colóquio sobre a Bienal. De onde nasceu a Associação Projecto, não só a organização mas também as infra-estruturas da Bienal, com espaços da Câmara. A partir daí começou-se a fixar, e eu tomei posse. Jaime Isidoro estava muito cansado e saiu. Surgiu a Projecto onde se pretendia por um lado um local de encontros, debates, conversas e a convivência de artistas e por outro lado um marco a nível internacional das artes contemporâneas portuguesas até à XIV Bienal de Cerveira. Todos os membros da associação Projecto que organizavam a Bienal eram artistas.

A Fundação deveria substituir a Associação Projecto, assumir em parceria com a Câmara as bienais, o que aconteceu foi que a Câmara voltou a organizar as bienais, e a Bienal passou outra vez para o lado político. Quem lidera a fundação são o presidente da câmara, um economista e não há mais ninguém, são eles que decidem tudo. Todo o desenvolvimento interno é feito pelos políticos, o que prejudicou imenso, porque está sujeito aos políticos e às políticas que vão gerir tudo. Agora de fora sou muito crítico, não vejo lá pessoas apaixonadas, vêm artistas e não há ninguém para os receber, não são acompanhados, não são acarinhados nem têm condições para se juntar e discutir. Acabou tudo, havia debates e mesas redondas. Há oficinas mas os artistas têm que pagar. Chegou a haver bolseiros de oito países diferentes do México, Argentina, países do Leste e de África. Todos os anos havia um bolseiro que lhes eram pagas todas as despesas como alimentação e estadia. Sou um bocado crítico em relação ao futuro da Bienal actual, sobretudo porque agora vai haver mudança de Presidente. O Estado quer acabar com a fundação. Houve grande apoio por parte do Turismo com financiamento de mais de metade da Bienal. Chegou também a haver financiamento directo onde tinham como parceiros a Universidade de Vigo e da Universidade do Minho, o centro cultural de Ourense mais duas em Portugal, cinco ou seis parceiros, e a Associação Projecto é que assumiu a direcção desse programa, instalaram-se novos equipamentos.

Fiz parte do primeiro grupo de trabalho para a criação desta Incubadora, mas depois sai porque estava cheio de políticos. A primeira reunião foi realizada em V.N. Cerveira, a 5 de Junho de 2009 com o objectivo de resolução de questões prévias; início e programação dos trabalhos com vista à submissão das candidaturas (Incubadora e Eventos) ao Sistema de

Apoio ao Cluster de Indústrias Criativas ON.2 Nov Norte. Estavam presentes: Presidente da Câmara Municipal Vila Nova de Cerveira, Mestre Henrique Silva, Dr. António Torres, Arqº Sandro (é da Câmara), Dr. Rafael Machado e José Paulo Queiroz (estes dois últimos técnicos).

A descoberta de Cerveira é efectivamente pelo facto de se ter um espaço físico privilegiado, o rio, a Espanha, a serra e a dimensão, felizmente nenhum presidente da Câmara não destruiu, não deixaram construir nenhum edifício alto.

Morreu a arte pública que foi criada. Antes da Projecto havia quem dizia que os das bienais vinham de dois em dois anos e não deixavam nada. Com a Projecto começaram-se a fazer os simpósios e *workshops*, hoje em dia está muito pobrezinho, morreu tudo. Os políticos não têm sensibilidade para essas coisas, não deixam fazer querem controlar e querem ser os donos de tudo, e depois as coisas não funcionam. Para os artistas serem carolas, também têm de ser acarinhados. O político serve-se da Bienal para se evidenciar. O financiamento da Câmara nunca ultrapassou os 30% em dinheiro, o resto tínhamos que arranjar dinheiro nós.

Augusto Canedo (E5)

Especifique as características de um campo cultural de tipo tradicional e de um campo cultural marcado pelas indústrias criativas.

As indústrias criativas não influenciam o meio onde estão inseridas. Refiro-me em concreto, à incubadora situada em Vila Nova de Cerveira.

Se se pretende criar condições para a criação do auto emprego, em que é que isso poderia ser relevante para a cultura local? Além disso, dos 4 ou 5 *incubados*, apenas restam 1 ou 2, pois o modelo implementado neste projecto, não satisfaz as necessidades e expectativas que estes tinham inicialmente. Por outro lado, constatei que os projectos individuais, não configuravam a ideia de indústria (criativa).

Creio ter-se tratado da *venda de uma ilusão*, de forma oportunista e desrespeitadora dos anseios dos *jovens*, onde é claro que a verdadeira motivação para a implementação deste tipo de programa tem como prioridade a sustentabilidade financeira e dos benefícios pessoais dos seus gestores...

Quais as justificações para a aposta nas indústrias criativas em Cerveira, e o seu consequente impacto?

A ideia de se criarem condições para potencializar as capacidades dos jovens criativos e eventualmente empreendedores, no sentido de facilitar a criação de novas empresas, é *à priori*, por si só, de louvar e estaria justificada a sua implementação em qualquer parte do país.

Poderiam também contribuir para o desenvolvimento local, para a fixação da nova geração, criação de empresas e novos postos de trabalho, contribuindo também para a criação de novas centralidades... No caso concreto, parece ter falhado a percepção da realidade específica, o desenho do modelo a desenvolver, que atendesse às expectativas dos jovens, pois tornou-se evidente a falta de competência e de conhecimentos específicos a esta realidade.

Também é claro que houve a intenção por parte dos responsáveis por este projecto, de apropriação no nome e da marca Bienal de Cerveira, para suportar e legitimar esta candidatura ao QREN. É de salientar que apesar do nome Indústria Criativa da Bienal de Cerveira, este projecto em nada tem a ver com os objectivos e interesses duma bienal de arte. Apenas estão sob a tutela da recém-criada Fundação Bienal de Cerveira, a incubadora, a Bienal e a colecção de arte.

O impacto da incubadora em Cerveira é inexistente, no entanto o custo da sua instalação (mesmo tendo em conta o valor do financiamento), constitui um desperdício financeiro...

Como vê a relação entre a comunidade e a oferta cultural?

A oferta cultural em Cerveira, está muito ligada ao evento Bienal de Cerveira, que deu origem à criação da Associação Projecto, núcleo de desenvolvimento cultural, e à constituição duma colecção de arte (espólio da Bienal de Cerveira/futuro museu), desde 1995 sob a direcção do Pintor Henrique Silva, muito contribui para o panorama cultural da localidade. Com a criação destas sinergias, logo surgiram outros projectos, como a ETAP, a Escola Superior Gallaecia, outros festivais de cinema, musica, dança...

A população local de Cerveira como de qualquer outra região do país, fora dos grandes centros urbanos, não se interessa por este tipo de eventos, mas reconhece-lhe interesse, caso se verifique um retorno financeiro (comércio, turismo) ou outro tipo de benefícios decorrentes da promoção da marca Cerveira. Tal facto é perfeitamente compreensível, pois a população nacional, quando se trata do interior e localizada num meio marcadamente rural, tem outro

tipo de preferências e necessidades. A aposta institucional (do ministério da cultura), no apoio às iniciativas culturais, tem como meta a criação de novos públicos e elevar o nível cultural da população portuguesa.

De salientar que o poder local, tem garantido à população produtos e eventos (festas, concertos) na área de lazer e divertimento, em ocasiões apropriadas, próprios da cultura popular e etnológica. A cultura crítica, rege-se por parâmetros e critérios diferentes e tem como público-alvo, uma população com maior índice de escolaridade...

Indique quais os "Programas culturais e criativos" em Cerveira

O programa cultural de Cerveira nada tem a ver com a incubadora das indústrias criativas.

Além da oferta por iniciativa directa da autarquia, na promoção e defesa da cultura etnológica ou de eventos de carácter popular, tem sido o programa implementado pela Associação projecto e actualmente também através da Fundação Bienal de Cerveira (Museu, exposições, residências artísticas, *workshops*)

Aposta dos jovens na geração de riqueza através da criatividade e propriedade intelectual. Como vê a procura por parte dos jovens?

Sendo que actualmente, o nível de escolaridade é mais elevado, há mais jovens que se interessam por transformar apetências artísticas, criativas, intelectuais, em aptidões específicas e profissionais, ligadas a este sector. À maior consciência, informação e conhecimento do panorama internacional, que favorece que os jovens iniciam carreiras profissionais ligadas à criatividade e propriedade intelectual. A difícil empregabilidade que hoje assistimos, leva também a que muitos arrisquem soluções individuais, que antes, não se impunham...

Indique oportunidades e ameaças de um ambiente rural como Cerveira no panorama das Indústrias Criativas.

Esta questão poderia relacionar-se com a implementação do evento Bienal de Cerveira, desde 1978. No que respeita às Indústrias Criativas, esta questão é inexistente. A população desconhece o seu significado. Sendo raros os casos em que se verifica haver alguma

informação acerca desta actividade, a opinião que exprimem revela a consciência da sua irrelevância e a opinião que *“há muito dinheiro gasto para nada”*.

Nota: não quero que se fique com a ideia de que sou contra a ideia que sustenta a incubadoras das indústrias criativas. A minha crítica e desencanto, decorre deste processo ser frequentemente mal dirigido. É necessário conhecer a realidade específica das áreas que se pretendem individualmente desenvolver e não apenas centrar as acções de formação em aspectos logísticos e burocráticos... Convém perceber que a apresentação de relatório, onde é expresso o menu dos serviços cumpridos, serve apenas os interesses dos responsáveis e pode não satisfazer as necessidades reais dos jovens à procura duma solução profissional para os seus projectos criativos.

Sabemos que as indústrias criativas não deverão repetir por sobreposição, as aprendizagens escolar/formação académica (faculdade, ensino profissional), mas o seu complemento. Deverão ser a ponte entre esse momento (da aquisição das competências académicas) e as esfericidades do mercado e o aprofundamento dos processos de produção. Nesse sentido está por resolver a forma em como se tornará visível ao público e aos industriais, os projectos eventualmente promissores.

Os incubados, não precisam que lhes ensinem a criar uma empresa, pois isso qualquer contabilista o resolve, talvez, nem como executar ou desenvolver o processo industrial, de *design*, que é assunto da formação escolar, mas precisam fundamentalmente de uma porta, de um passaporte, para o mercado, que a pretensa legitimação, através da aplicação da logomarca, não garante...

A exemplo de outros países os criadores jovens, participam em feiras, mostras ou fóruns, abertos ao público e aos industriais convidados, que se interessam por projectos eventualmente promissores e viáveis...e compram ou produzem.

Os jovens quando têm uma ideia viável e acreditam nela e nas suas capacidades, não vão para uma incubadora, mas sim ao banco, para obter um crédito que financie o seu projecto. Às incubadoras têm ocorrido, na maioria, jovens à procura duma ideia e de uma solução para satisfazer a falta oferta de emprego, que actualmente existe... Aqueles que têm desistido, afirmam que desta experiência não retiraram nenhum benefício...

Ou seja, o princípio está correcto e até é necessário, mas existe uma falta de eficácia e de clareza no anúncio das estratégias a adoptar, tendo em vista objectivos bem definidos.

Sr. Melo (E6)

A Bienal aconteceu “caída do céu” o pintor Jaime Isidoro (criador da Bienal) encontrou-se no Porto com o Pres. Da Camara Eng^o Lemos Costa. Queria fazer uma bienal de arte em Caldas da Rainha. Mas não foi adiante. O Engenheiro sugeriu Cerveira. Foi assim que nasceu a ideia de ser feita em Vila Nova de Cerveira. O Germano Lopes Cantinho (vice presidente da camara na altura). Quando surgiu a bienal foi um impacto cultural nesta gente que não queira saber, foi medonho. As primeiras bienais não têm nada a ver com as de hoje em dia, agora são amostras. Antigamente havia intervenções de rua, performances, as pessoas achavam que foi um escândalo poderoso nesta terra que deu resultados. As pessoas viviam na sua mesquinhez. Quando apareceram nus, cristos pintados nus, foi um choque cultural tremendo. As pessoas vibraram. Algumas pessoas que já tinham uma determinada cultura, sentiram o choque, sentiram que a população inicialmente não estava a aderir. Mas quando acabou, as pessoas já queriam outra. Tudo o que era intervenção na rua ou performances com mulheres pouco vestidas, tudo era normal. Um dia no pavilhão gimnodesportivo, dois homens fizeram sombras chinesas. O público feminino nunca reclamou por ver performances de mulheres, mas o público masculino foram fazer queixa ao presidente da câmara: “os meninos não gostaram, mas as mulheres bateram palmas”. Uma velhinha “não sei o que isto quer dizer, mas que é bonito é” apesar de ser uma lavradeira teve a honestidade de dizer que não sabia o que era. Vinha muita gente de Espanha. Vila Nova de Cerveira deu uma volta de 180°, era uma pequena aldeia encravada entre as montanhas e o rio Minho. Era uma vila sui generis, não tinha nada. Os homens que deram apoio aos artistas para fazer uma bienal, não podem ser esquecidos nesta terra. O partido que seguiu na câmara também teve um papel muito importante de continuidade. Quando o Presidente da Câmara precisava de apoios de Lisboa, o José Rodrigues fazia esculturas e desenhos para oferecer aos secretários-estado ou a um ministro. Foi um apoiante tremendo do presidente da Câmara. José Rodrigues apaixonou-se pelo convento. A bienal motivou as pessoas a fazer mais, Cerveira apareceu nos jornais. “Um choque tremendo que resultou” Tudo o que havia era interventivo. Pela dimensão geográfica, pela dimensão cultural, populacional, se esta bienal não tivesse todos aqueles aspectos que às pessoas parecia negativo no início, não conseguia criar as suas raízes. As pessoas que foram viver para Lisboa, orgulhavam-se de Cerveira, guardavam jornais onde aparecia a bienal. Só vinham a Cerveira em dias de feira. As pessoas só a partir da Bienal de Cerveira, é que houve uma explosão em Cerveira, edificios a aparecer, comprar casa em Cerveira. A bienal de Cerveira veio transformar esta terra, até mesmo a feira. A Vila estava cheia de pobres, e agora não tem praticamente nenhum pobre. “do zero a mil” “a volta que deu esta terra. Como uma conversa entre um pintor e um pintor, o acaso, deu nisto? Não sente muita diferença, acha

igual. Não tinha conhecimento da fundação (não sabia muito bem). Relativamente às primeiras e as posteriores, há uma diferença abissal. Eram programadas em cima do joelho. A arte não pode nem deve ser condicionada. Havia choques emotivos, choques culturais permanentes. Criaram-se condições extraordinárias (casa do artista). Falta o factor surpresa.

Henrique do Vale (E7)

Sou membro da Projecto, vivo há 15 anos em Cerveira. No início eram mais encontros de artistas, as linguagens também mudam no início as pessoas estavam habituadas era mais exposições de quadros, agora é mais multimédias, instalação arte efémera. As performances para criar impacto, não esperar que as pessoas fossem à bienal, mas que os artistas fossem ter com a população. Para atingir a camada de pessoas que não vão necessariamente a uma bienal, só vão para saber o que se passa. A performance e intervenção tiveram a sua época. A bienal é bem divulgada, não podemos pensar que a Bienal é feita em Cerveira não é feita para os cerveirenses.

Diamantino Costa (E8)

A Bienal iniciou-se em 1978, com a quinta edição dos encontros nacionais de arte, que veio das Caldas da Rainha. Em Cerveira só existia no Verão como cartaz principal as festas concelhias que demoravam três dias. O Eng^o Lemos Costa pensou em organizar um evento que trouxesse mais gente ao concelho e projectasse mais o concelho a nível distrital e nacional, então pensou em organizar uma feira de móveis antigos e antiguidades, entretanto encontrou-se com Jaime Isidoro e decidiram produzir esse encontro de artes em Vila Nova de Cerveira em '78. Relativamente ao que ela aportou ao concelho, Cerveira que não estava no mapa, uma vila pequena de Viana do Castelo, com 10 mil habitantes, uma vila agrícola com pouco de indústria, comércio e serviços. A partir desse momento começou a ser procurada por gente erudita, veio o escultor José Rodrigues, veio Jaime Isidoro e vieram outros artistas que agora não vou nomear todos para não ser injusto. Começou a ter projeção ao nível nacional e até internacional, depois desse primeiro encontro de arte, claro que no início criou muitos atritos, população de origem rural, foram produzidos aqui espetáculos que colidiam com a mentalidade das pessoas, entretanto as pessoas aperceberam-se que a Bienal era importante para o concelho, como um cartaz que projectava Cerveira tanto a nível nacional e internacional, e foi o que aconteceu. As bienais foram-se sucedendo cada vez com mais qualidade, com maior procura, até chegar a este estádio de hoje, em que tem instalações

próprias, as primeiras bienais foram organizadas no pavilhão gimnodesportivo de V.N. Cerveira. A Bienal teve altos e baixos, houve um ano em que não se realizou, por falta talvez de financiamento, de maneira que a Bienal neste momento eu acho que está bem implantada, é uma fundação, não sei se continuará, a Câmara já assumiu que mesmo não receba apoios oficiais do Governo central, a Câmara propõe-se a organizar a Bienal por conta própria porque efectivamente é importante para Cerveira em termos de cartaz promocional.

No início, eu era funcionário da Câmara e fazia a ligação entre a Câmara e os artistas, portanto não havia uma estrutura organizada, funcionava à boa maneira portuguesa, improvisava-se e as coisas iam-se fazendo, agora não, a Bienal exige uma estrutura organizacional que trabalhe o ano inteiro e a tempo inteiro precisamente para que a Bienal seja realizada com maior eficácia e com maior organização. A fundação está numa fase embrionária, a questão da fundação é muito recente de maneira que não sei distinguir muito bem a diferença. Nota-se mais organização.

As incubadoras estão na moda. Relativamente ao museu, nós necessitamos de um espaço de oferta cultural, neste caso relacionado com as artes plásticas, que tenha atractividade e que chame pessoas todo o ano a Vila Nova de Cerveira, que fique numa espécie de roteiro cultural, em que as pessoas que vêm aqui ao Norte tenham que passar obrigatoriamente pela Bienal de Cerveira, por isso mesmo precisamos de um espaço expositivo que funcione todo o ano e que ofereça conteúdos que tragam pessoas ligadas a este ramo (arte erudita) a tempo inteiro.

Não existiriam, era difícil existir as estruturas porque umas coisas puxam as outras, tanto a Gallaecia, como a ETAP como a casa do artista, uma casa que alberga os artista que vêm a V.N. Cerveira, oferece-lhes alojamento e oportunidades de trabalho. Não existiriam monumentos, o cervo no cume do monte. Cerveira estaria mais pobre. Nasceram residenciais, restaurantes, arte pública, tudo através da Bienal.

É evidente que há uma conexão, uma interligação entre a Bienal e as indústrias criativas, senão de outra maneira não existiria uma base para esse projecto avançar

O público-alvo da Bienal não é a população de Cerveira, mas as pessoas aceitam a Bienal porque sabem que vêm cá os Ministros, vêm cá artistas de todo o mundo, em termos mediáticos é um evento que promove Cerveira. A população, embora venha à Bienal e não saiba apreciar em termos eruditos, vem à Bienal e pode passar por aqui uma vez, mas no fundo a população sabe que a Bienal é importante para termos promocionais do concelho, mesmo ao nível da restauração, turismo, neste caso um turismo com o objectivo muito

concreto que são as artes plásticas. O rótulo “Vila das Artes” está bem implantado, não temos outro, é a nossa imagem de marca.

Incubadora de Indústrias Criativas (E9, E10 e E11)

Qual o nome do projecto?

(E9) Arterístico

(E10) Chá de nuvens

(E11) Fio condutor

Quem é? De onde é?

(E9) Gisela Cunha (a tempo inteiro, gestão, área comercial e marketing) Francisca Ribeira (gestão estratégicas, design e desenvolvimento do produto). Ambas do Porto.

(E10) Isabel Barbas (gestora, criativa). Da Figueira da Foz.

(E11) André Martins (gestor e criativo). De Vila Nova de Cerveira.

Como teve conhecimento da incubadora de indústrias criativas?

(E9) E-mail de divulgação.

(E10) Através do facebook.

(E11) Porque sou Vila Nova de Cerveira.

Em que fase estava o seu projecto antes da inscrição na pré-incubação?

(E9) Não existia. Esta candidatura foi o “pontapé de saída” para avançar.

(E10) Já existia.

(E11) Não existia.

Qual a área das indústrias criativas em que trabalha?

(E9) Artesanato e *design*.

(E10) Pintura em telas e aplico essa pintura em vários artigos.

(E11) Audiovisual e produção de conteúdos (ferramentas para aumentar as vendas das empresas)

Como vê esta iniciativa da Fundação, esta aposta nas indústrias criativas?

(E9) Vimos como uma excelente oportunidade num *timing* perfeito e vemos como uma possível alavanca para a própria Vila, ou seja, de potenciar o crescimento de novas empresas na área, criação de mais público, sendo que Indústrias Criativas têm tudo a ver com Cerveira: a “Vila das Artes”, e esse *link* se for bem explorado pode ser muito interessante.

(E10) Há muitos bons criadores mas não têm um lugar que ajude a lançar os criativos e que oriente para lançar com profissionalismo e objectividade, nós somos criativos e acabamos por falhar noutras áreas, e aqui temos esse apoio.

(E11) Olho para a área da criatividade como um enorme atalho ao nível de produção, tem a capacidade de simplificar os meios. Quanto mais desenvolvida está uma região, mais ela pede pela criatividade, embora as cidades sejam mais propícias, na realidade o impacto até pode ser maior numa zona rural apesar de ser mais difícil de implementar. Cerveira acaba por ser o centro, em 50 minutos em qualquer lado: Vigo, Viana, Porto, Guimarães, Braga, Alto Minho em pouco tempo. O facto de ser um ano de Bienal, haverá mais curiosidade e seja possível construir parcerias

Porquê Cerveira?

(E9) A opção de escolher Cerveira foi pessoal, o projecto ainda não existia e foi quando abriram as candidaturas que viram os seus *hobbies* como potencial criação de negócio.

(E10) O Porto também seria uma boa opção, porque é lá que está o meu segmento de mercado, no entanto, aqui não há tanta agitação, a atenção é mais concentrada em nós e tem a fama da Bienal.

(E11) Porque vivo mesmo aqui ao lado.

Que oportunidades espera ter com esta experiência?

(E9) Esperamos que a marca “Bienal de Cerveira” seja uma das grandes vantagens para poder associar ao projecto, pois temos noção da notoriedade e do prestígio que lhe está associado.

(E10) Estava num mercado mas não sabia qual era o meu segmento, vendia por acaso sem pensar nem planear, agora já sei. A formação ajudou-nos bastante nesse sentido.

(E11) Pelo menos o nome da Bienal seja um factor de lançamento.

Sem a Incubadora o projecto avançaria na mesma?

(E9) Possível acredito que sim, mas faltaria um primeiro impulso e um pontapé de saída, ainda nem sequer estava pensado.

(E10) Avançava aos *zigue-zagues*, avançava e retrocedia, não sabia qual o meu caminho.

(E11) Por um lado não há nenhum motivo para que sem a incubação não se avançasse com este projecto, nenhum impedimento nada que não se pudesse fazer, por outro lado também parece bastante claro que não teria feito sem esse empurrão. O espaço faz o papel de uma incubadora com melhores condições de trabalho a preços acessíveis, os mentores ajudam a otimizar o modelo de negócio a formação a dar menos “escorregadelas” no percurso da empresa. É claro que se não estivesse aqui poderia estar a trabalhar em casa, se não tivesse mentor podia pensar pela minha própria cabeça, e se não tivesse a formação poderia ir aos *websites*. Uma pessoa pode fazer exactamente o mesmo percurso, o que existe de curioso é que à medida que uma pessoa vai construindo as ligações as coisas vão fazendo mais sentido, então eu tenho a clara ideia que não teria feito se não fosse a questão da incubadora porque ajuda.

Entrevista com Fio Condutor em Setembro de 2013

A Arterístico e a Fio Condutor criaram as empresas. A Chá de Nuvens saiu, ficando só até ao final da Bienal de Cerveira. Os produtos da Arterístico estão na loja. Temos apoio de marketing, apoio contabilistas. A bienal serviu de cliente/pareceria ao fim ao cabo para o Fio condutor para filmar e criar conta no Youtube, também para criar portefólio. Documentário com o grupo de teatro comédias do Minho, sobre o alvarinho. Reuniões mensais/semanais como consultoria, comunicação, geral, plano financeiro, material de escritório. Na incubadora em Cerveira houve alguns projectos que partiram de alunos da Escola Gallaecia. Na pré-incubação há uma ideia de negócio, e durante a pré-incubação havia formação para saber quem é o público-alvo.

ANEXO A: Lista das Bienais de Cerveira

I Bienal de Cerveira (5 a 31 de Agosto 1978)

Organização: Grupo Alvarez

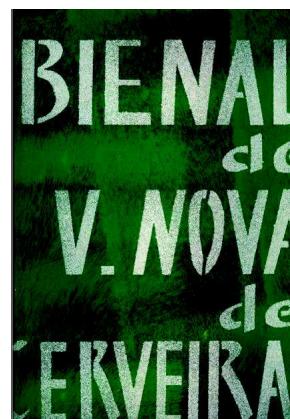
Direcção Geral: Jaime Isidoro

Artistas representados: 134

Homenagem: Sarah Afonso / Almada Negreiros

Áreas: Desenho, Pintura, Escultura, Gravura, Serigrafia, Litografia, Cerâmica, Batik, Atelier Livre, Intervenções, Debates, Teatro, Música, Filmes, Poesia, Performance

Nesta bienal não foram atribuídos prémios.



II Bienal de Cerveira (2 a 31 de Agosto 1980)

Organização e Direcção Geral: Jaime Isidoro

Direcção Atelier Livre: Henrique Silva

Artistas representados: 296

Países representados: 8

Homenagem: Mestre Barata Foyo e Camões

Áreas: Desenho, Pintura, Escultura, Gravura, Fotografia, Diapositivos, Intervenções, Debates, Teatro, Música, Filmes, Dança



III Bienal de Cerveira (24 de Julho a 31 de Agosto 1982)

Organização: Grupo Alvarez

Direcção Geral: Jaime Isidoro

Direcção Atelier Livre: Henrique Silva

Artistas representados: 250

Homenagem: Vieira da Silva

Áreas: Desenho, Pintura, Escultura, Gravura, Cerâmica, Tapeçaria, Dança, Serigrafia, Litografia, Fotografia



IV Bienal de Cerveira (4 de Agosto a 2 de Setembro 1984)

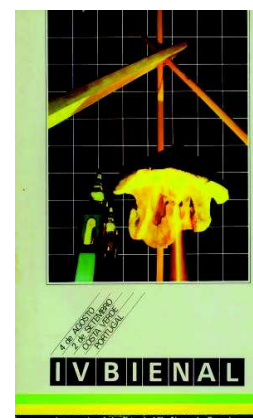
Organização e Direcção Geral: Jaime Isidoro / Grupo Alvarez

Direcção Atelier Livre: Henrique Silva

Artistas representados: 284

Homenagem: Amadeo de Souza Cardoso

Áreas: Desenho, Pintura, Escultura, Gravura, Serigrafia, Teatro, Música, Performance, Instalação, Debates



V Bienal de Cerveira (27 de Julho a 7 de Setembro 1986)

Direcção Artística: Jaime Isidoro e José Rodrigues

Artistas representados: 201

Homenagem: Santa-Rita Pintor (Comissário Joaquim Matos Chaves)

Áreas: Pintura e Escultura

No contexto da V Bienal foram atribuídos prémios não hierarquizantes no valor global de dois mil e quinhentos contos, prémios esses que foram responsabilidade do júri de selecção.



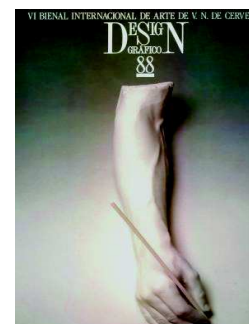
VI Bienal de Cerveira (30 de Julho a 4 de Setembro 1988)

Organização: ARCA

Direcção Geral: José Rodrigues

Artistas representados: 105

Área: Design Gráfico



VII Bienal de Cerveira (15 de Agosto a 21 de Setembro 1992)

Organização: Galeria Alvarez

Direcção Geral: Jaime Isidoro

Direcção Atelier Livre: Henrique Silva

Artistas representados: 171

Homenagem: Robert Filiou e “O surrealismo português” – 41 participantes

Áreas: Pintura, Escultura, Desenho, Gravura, Cerâmica, Tapeçaria, Holografia, Estereoscopia, Performance, Música, Arquitectura



VIII Bienal de Cerveira (29 de Julho a 27 de Agosto 1995)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

Direcção Geral: Henrique Silva

Artistas representados: 237

Países representados: 16

Homenagem: António Sampaio e António Soares

Áreas: Pintura, Escultura, Desenho, Gravura, Cerâmica, Performance, Música, Arquitectura, Fotografia, Tapeçaria, Vídeo, Teatro, Intervenções



Percentagem de participação financeira:	Câmara Municipal.....	38.5% - 10.000 c.
	Secret. Estado Cultura.....	19% - 5.000 c.
	Empresas privadas.....	23% - 6.000 c.
	C.T.A. Minho.....	4% - 1.000 c.
	Receita própria	15.5% - 4.000 c.

IX Bienal de Cerveira (9 a 31 de Agosto 1997)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

Direcção Geral: Henrique Silva

Artistas representados: 237

Países representados: 12

Homenagem: Domingos Alvarez

País convidado: Alemanha

Áreas: Pintura, Escultura, Desenho, Gravura, Cerâmica, Performance, Música, Fotografia, ArtCar BMW, Instalações, Arte Electrónica



Percentagem de participação financeira:	Câmara Municipal.....	26 %
	I.A.C.	19 %
	Governo Civil V. Castelo.....	0.5 %
	Fundação Calouste Gulb.	2.5 %
	Empresas e instituições.....	18.5 %
	R.T.A. Minho.....	1.5 %
	PORNORTE	22 %
	Receita própria	10 %

X Bienal de Cerveira (14 de Agosto a 12 de Setembro 1999)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

Direcção Geral: Henrique Silva

Tema: Arte – Natureza – Ambiente

Artistas representados: 278

Países representados: 24

Homenagem: Jaime Isidoro

País convidado: Brasil

Áreas: Pintura, Escultura, Desenho, Gravura, Cerâmica, Arquitectura, Instalações, Vídeo, Arte Electrónica

No contexto da V Bienal foram atribuídos prémios não hierarquizantes no valor global 7250 contos



XI Bienal de Cerveira (18 de Agosto a 15 de Setembro 2001)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

Direcção Geral: Henrique Silva

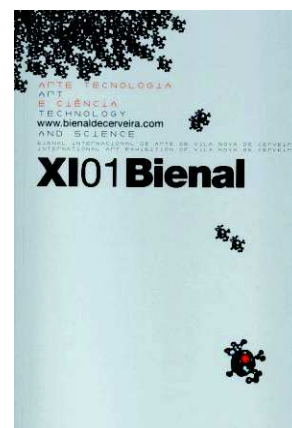
Tema: Arte – Tecnologia e Ciência

Artistas representados: 186

Países representados: 25

Homenagem: Artur Bual

Nesta XI edição, a Bienal de Cerveira ganha um espaço digno e próprio, o Fórum Cultural de Cerveira, que, conjuntamente com a criação da Casa do Artista, possibilitou um programa integrado de indústrias culturais e intercâmbios internacionais.



XII Bienal de Cerveira (16 de Agosto a 21 de Setembro 2003)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

Direcção Geral: Henrique Silva

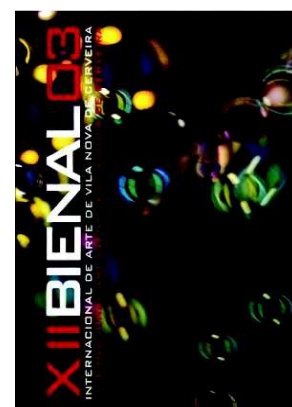
Tema: “O Artista e a Globalização – O seu papel como actor social”

Artistas representados: 184

Países representados: 17

País convidado: Espanha (Galiza)

Homenagem: Guy Weelen, José Rodrigues e Nadir Afonso



XIII Bienal de Cerveira (20 de Agosto a 17 de Setembro 2005)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

Direcção Geral: Henrique Silva

Tema: Relação da Arte com a Academia no século XXI
“Criatividade-Academismo”

Artistas representados: 316

Países representados: 25

Homenagem: António Bronze e António Cruz



XIV Bienal de Cerveira (18 de Agosto a 29 de Setembro 2007)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

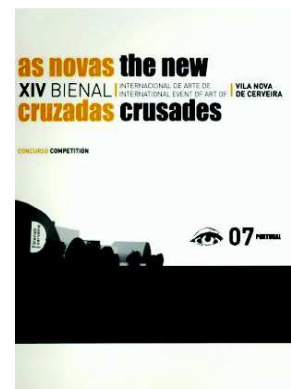
Direcção Geral: Henrique Silva

Tema: “As Novas Cruzadas”

Artistas representados: 258

Países representados: 30

Homenagem: Júlio Resende, Marguerite e Aimé Maeght e Maria Marcelina



XV Bienal de Cerveira (25 de Julho a 27 de Setembro 2009)

Organização: Projecto – Núcleo de Desenvolvimento Cultural

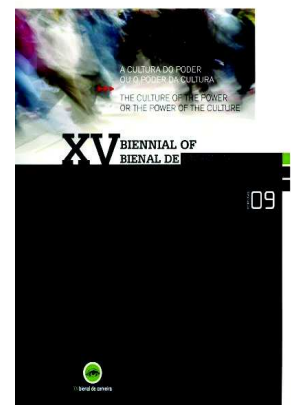
Direcção Geral: Augusto Canedo

Tema: “A Cultura do Poder ou o Poder da Cultura”

Artistas representados: 223

Países representados: 33

Homenagem: Jorge Vieira



XVI Bienal de Cerveira (16 de Julho a 17 de Setembro de 2011)

Organização: Fundação Bienal de Cerveira

Direcção Geral: Augusto Canedo

Tema: REDES 2011

Homenagem: José Rodrigues

Artistas representados: 200

Países representados: 31

Nesta edição, o programa expositivo, além do novo Fórum Cultural, a Casa Vermelha, o Castelo de Cerveira, a República das Artes, o



ANEXO B: Espaços ocupados pela Bienal de Cerveira

As primeiras bienais foram feitas no pavilhão gimnodesportivo de Cerveira, posteriormente em carpas junto ao rio. A partir de 2001, foram ocupados os locais abaixo indicados.

XI Bienal:

- Fórum Cultural;
- Galeria Projecto;
- Pousada Dinis;
- Solar dos Castros;
- Bombeiros;
- Casa do Turismo;
- Estação dos Caminhos-de-ferro;
- Casa do Artista;
- Convento de Sampaio.

XII Bienal de Cerveira:

- Fórum Cultural;
- Escola Superior Gallaecia;
- Galeria Projecto;
- Solar dos Castros;
- Bombeiros;
- Galeria da Pousada D. Dinis;
- Estação de Caminho-de-ferro;
- Casa do Artista;
- Central de Camionagem.

XIII Bienal de Cerveira:

- Fórum Cultural;
- Galeria Projecto;
- Galeria da Pousada D. Dinis;
- Solar dos Castros;
- Bombeiros;
- Casa do Artesão;
- ETAP;
- Antiga Escola Primária;
- Casa do Artista;
- Centro Cultural de Campos;
- Casa da Cultura de Tomiño;
- Área panorâmica de Tui;
- Ex-alfândega de Valença;
- Casa Museu de Monção;
- Casa da Cultura de Melgaço;
- Centro Cultural de Paredes de Coura.

XIV Bienal de Cerveira:

- Fórum Cultural;
- Galeria Projecto;
- Convento de S. Payo;
- Área panorâmica de Tui;
- Casa da Cultura de Tomiño;
- Biblioteca Municipal de Cerveira;
- Casa da Cultura de Caminha;
- Biblioteca Municipal de Matosinhos;

- Casa da Cultura de Melgaço;
- Casa Museu de Monção;
- Centro Cultural de Paredes de Coura;
- Casa Museu de Monção;
- Centro Cultural de Campos;
- Ex-alfândega de Valença;
- Biblioteca Municipal de Cerveira;
- Escola Superior Gallaecia.

XV Bienal de Cerveira:

- Fórum Cultural;
- Galeria Projecto;
- Convento de S. Payo;
- Área panorâmica de Tui;
- Ex-alfândega de Valença;
- Casa Museu de Monção;
- Casa da Cultura de Melgaço;
- Centro Cultural de Paredes de Coura;
- Escola Superior Gallaecia.

XVII Bienal de Cerveira:

- Fórum Cultural;
- Casa Vermelha;
- Castelo de Cerveira;
- República das Artes;
- Convento de San Payo;
- Magic Box – Escola Superior Gallaecia;

- Biblioteca Municipal;
- Casa do Artista;
- Auditório Municipal de Cerveira;
- Espaço Público em Vila Nova de Cerveira;
- Porto (Palacete Viscondes de Balsemão);
- Vigo (Casa das Artes).

XVII Bienal de Cerveira:

- Fórum Cultural;
- Castelo de Cerveira;
- Magic Box - Escola Gallaecia;
- Galeria D. Dinis;
- República das Artes;
- Espaço Público;
- Biblioteca Municipal;
- Casa do Artista;
- Auditório Municipal;
- Cineteatro;
- Braga (Casa dos Crivos);
- Santiago de Compostela (Casa da Parra).

Como exposição/evento associado, a Galeria Municipal de Matosinhos apresenta “Memórias Recortadas” de Jaime Isidoro.

ANEXO C: Acta da primeira reunião sobre a IICBC

Bienal de Cerveira / Indústrias Criativas

1.ª Reunião de Trabalho

V.N de Cerveira, 5 de Junho de 2009 (14h30)

Objectivo: Resolução de questões prévias; Início e programação dos trabalhos com vista à submissão das candidaturas (Incubadora e Eventos) ao Sistema de Apoio ao Cluster de Indústrias Criativas ON.2 Nov Norte

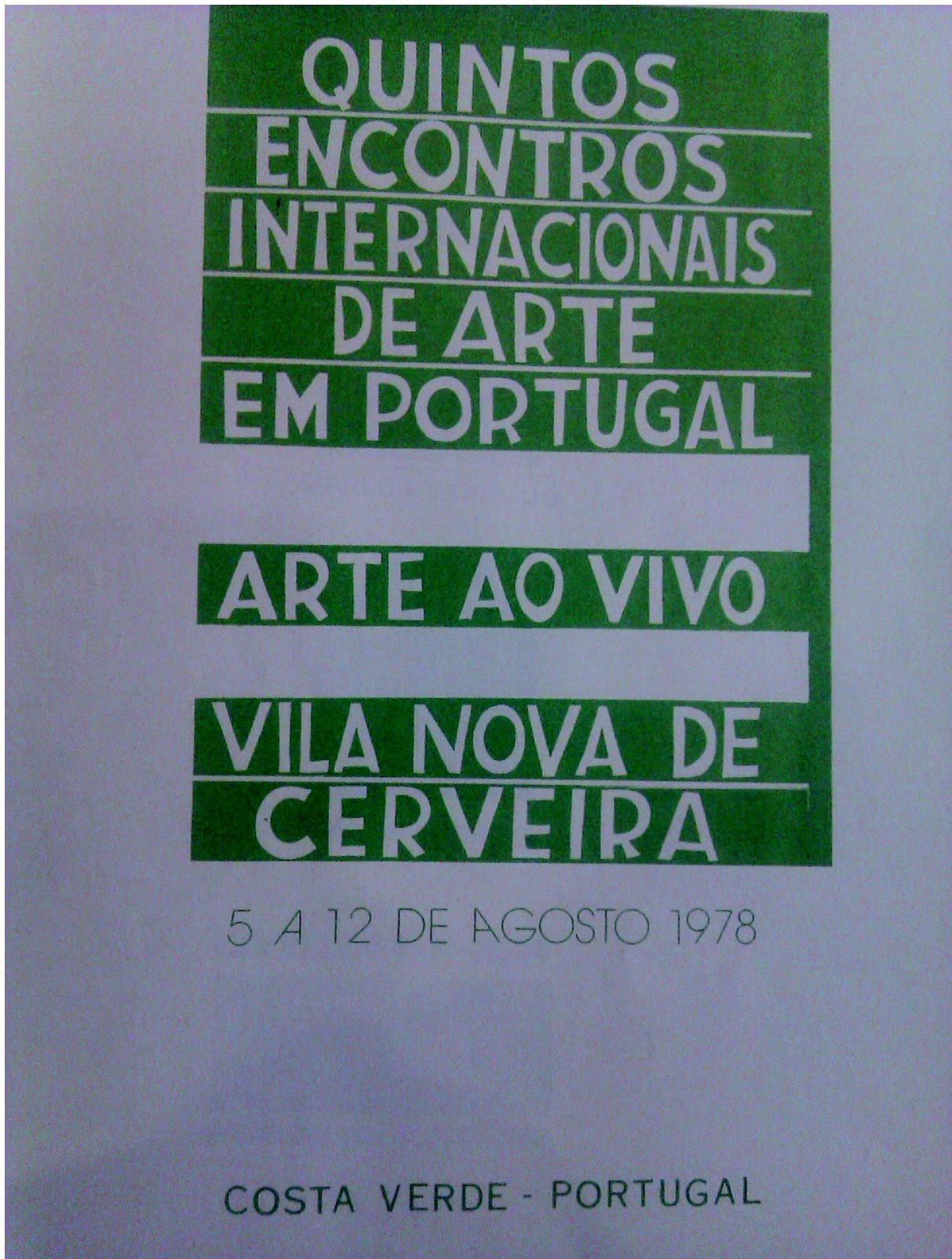
Presenças:

- Presidente da CM VN Cerveira;
- Mestre Henrique Silva;
- Dr. António Torres;
- Arq. Sandro;
- Dr. Rafael Machado;
- José Paulo Queiroz.

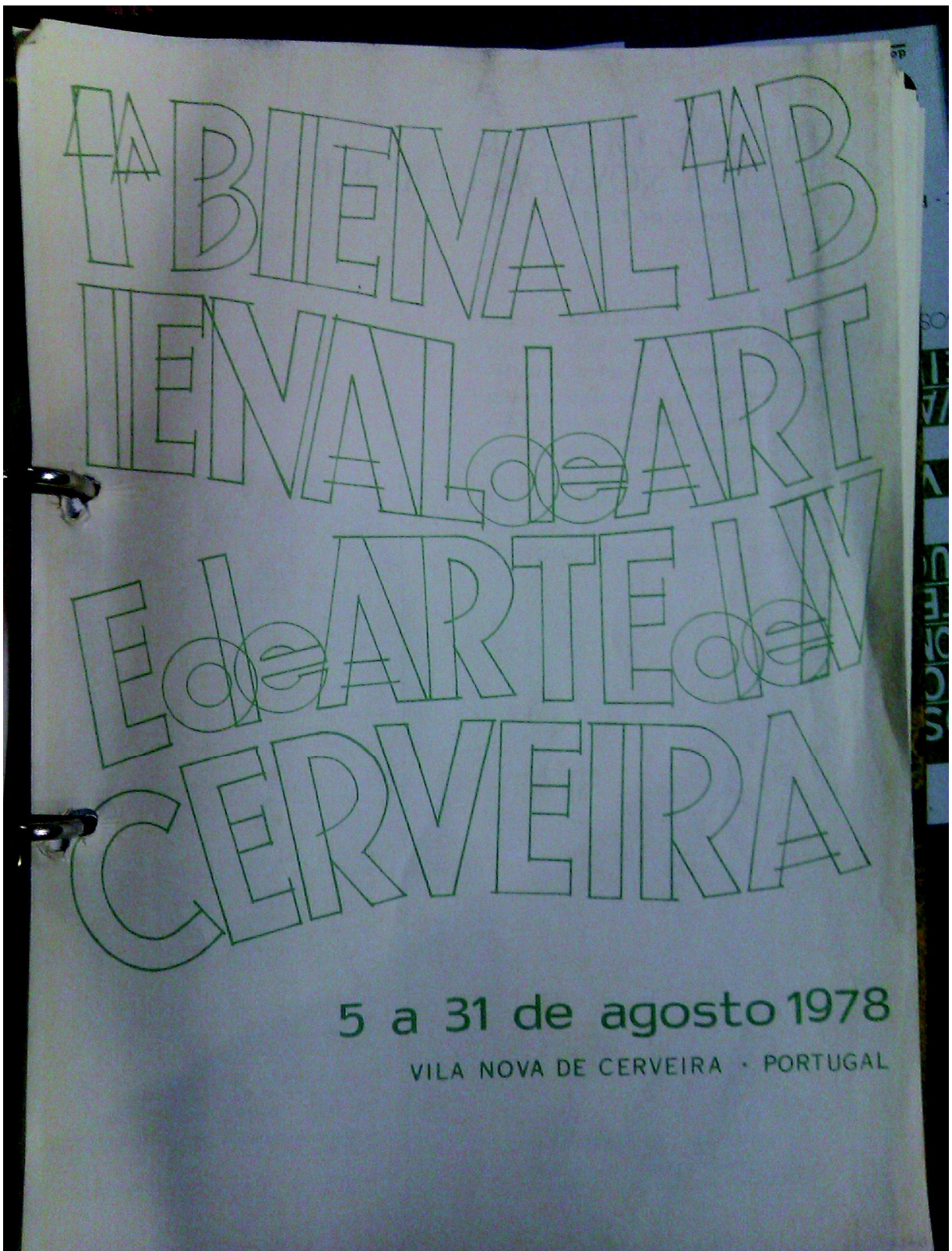
Agendada reunião:

1. Questões prévias:
 - a. Promotor;
 - b. Incubadora: vocação; subsectores; parceiros (nomeadamente instituições de ensino superior); Competências criativas; serviços a prestar); Infra-estrutura (questões energéticas; Modelo de Governação; Equipa Técnica.
 - c. Grandes Eventos: Abrangência temporal;
2. Check list e recolha de elementos;
3. Cronograma de Trabalhos;
4. Contactos e tarefas;
5. Outras questões relevantes.

ANEXO D: Material de divulgação da I Bienal de Cerveira




Capa Quintos Encontros Internacionais de Arte 1978




Capa Primeira Bienal de Arte de Cerveira 1978

ANEXO E: Material fotográfico Bienais de Cerveira


ARTISTAS PREMIADOS




14



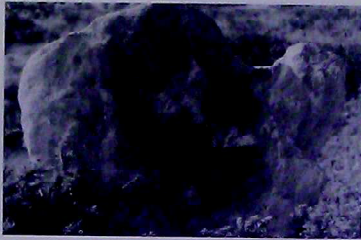
15




16



17




18




19


12 - JIRI KOLAR - 1914 (Checoslováquia) / GRANDE PRÊMIO PINTURA / "Chanson a trois voix de fille et l'Automne s'en va" - Colage - 73x102 cm
13 - ZULMIRO DE CARVALHO - 1940 / GRANDE PRÊMIO ESCULTURA / "Si Titã" - Escultura em mármore e ferro - 1982 - 40x50x60 cm.
14 - ROBERT SCHAD - 1953 (Alemanha) / PRÊMIO DESENHO / Instalação num sala da Escola - ferro, papel, lapis, carvão.
15 - CÃO FESTAFA - 1953 / PRÊMIO CÂMARA MUNICIPAL DE CERVEIRA / INTERVENÇÃO / "Projecto de Performance 82"
16 - DAVID DE ALMEIDA - 1915 / PRÊMIO GRAVURA / "Neolithic Stone Engraving" (Serigrafes) - cast paper, gravura - 135x140 cm.
17 - MIGUEL D'ALTE - 1954 / MENÇÃO HONROSA / INTERVENÇÃO / "Pintura em Pedra".
18 - ANA VIDIGAL - 1960 / PRÊMIO REVELAÇÃO - PINTURA / "Si Titula" - Pintura, papel - 1982 - 71x51 cm.
19 - EDUARDO NERY - 1938 / PRÊMIO FOTOGRAFIA / "Transmutação da Imagem I" - 1981 - fotografia - 83x61 cm.
20 - MANUEL DIAS - 1944 / MENÇÃO HONROSA / "Tema" - Escultura - 280x280x220 cm.
21 - JAIME AZEITEIRA - 1944 / MENÇÃO HONROSA / "Sueca" - Escultura - 160x120x100 cm.



20



21



22



- 1 - Lançamento do Livro "A Ilha dos Amores". Diizeram poemas do Livro os poetas (da esquerda para a direita): JOSÉ MARIA SILVA, CARLOS PORTO, VIALE MOUTINHO, ALBANO MARTINS, AURELIANO LIMA, FILomena CABRAL E LUÍS VEIGA LEITÃO.
- 2 - Assistência
- 3 - FOOTSBARN TRAVELLING THEATRE - Companhia de Teatro Inglesa
- 4 - ELISABETH MORGES/ET - Performance
- 5 - (Da esquerda para a direita): Um habitante de Cerveira conversa com JOÃO D'ÁVILA, JAIME SIDORO E NATÁLIA CORREIA
- 6 - EUNICE MUVOS - Poesia
- 7 - JOÃO HOGATI - (à esquerda) Visita a Bland.